

**UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS - UNISINOS
UNIDADE ACADÊMICA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO
NÍVEL MESTRADO**

MARTINA BELOTTO MICHAELSEN

ENTRE-CIRCUITOS:

A potência imaginal da atorização social na circulação de falas de Bolsonaro

São Leopoldo/RS

2023

MARTINA BELOTTO MICHAELSEN

ENTRE-CIRCUITOS:

A potência imaginal da atorização social na circulação de falas de Bolsonaro

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Comunicação, pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS).

Orientadora: Prof^a. Dra. Ana Paula da Rosa

São Leopoldo/RS

2023

M622e Michaelsen, Martina Belotto.
 Entre-circuitos : a potência imaginal da atorização social
 na circulação de falas de Bolsonaro / Martina Belotto
 Michaelsen. – 2023.
 201 f. : il. ; 30 cm.

 Dissertação (mestrado) – Universidade do Vale do Rio dos
 Sinos, Programa de Pós-Graduação em Ciências da
 Comunicação, 2023.
 “Orientadora: Profa. Dra. Ana Paula da Rosa”

 1. Bolsonaro, Jair, 1955-. 2. Circuitos. 3. Circulação.
 4. Imaginário. 5. Mdiatização. I. Título.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Bibliotecária: Silvana Dornelles Studzinski – CRB 10/2524)

MARTINA BELOTTO MICHAELSEN

**"ENTRE-CIRCUITOS:A POTÊNCIA IMAGINAL DA ATORIZAÇÃO SOCIAL NA
CIRCULAÇÃO DE FALAS DE BOLSONARO"**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS.

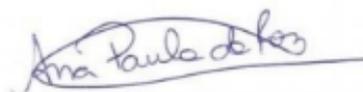
APROVADA EM 20 DE MARÇO de 2023.

BANCA EXAMINADORA

**PROF. DR. MAURICIO RIBEIRO - UNIP
(PARTICIPAÇÃO POR WEBCONFERÊNCIA)**

**PROF. DR. ANTÔNIO FAUSTO NETO - UNISINOS
(PARTICIPAÇÃO POR WEBCONFERÊNCIA)**

**PROFA. DRA. ANA PAULA DA ROSA – ORIENTADORA
(PARTICIPAÇÃO POR WEBCONFERÊNCIA)**



AGRADECIMENTOS À CAPES

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

AGRADECIMENTOS

Realizar o sonho de fazer um Mestrado só foi possível com o apoio de muitas mãos. De pessoas que acreditaram em mim, que me incentivaram a tentar uma bolsa de estudos e que me deram respaldo para seguir essa trajetória. Foram muitas mãos, muitos abraços e muitas vozes que ecoaram para que eu chegasse até este trabalho final. Portanto, escrevo as linhas seguintes na tentativa de mensurar a minha profunda gratidão.

Agradeço então a minha família e ao meu namorado, que ao longo dos últimos anos, me ouviram muito falar sobre o sonho de ser pesquisadora. E mais do que escutarem, acreditaram e me incentivaram a chegar até aqui. Obrigada por tornarem meu sonho parte de vocês também.

A todos os meus amigos, que estiveram ao meu lado ao longo de toda minha trajetória acadêmica. E, claro, aos meus mais do que colegas da Gramado Summit, meus verdadeiros amigos com quem compartilho os meus dias. Vocês são minha fonte de risadas e de entusiasmo.

Aos meus colegas de pós-graduação, especialmente Grazi, Igor e Rê, pelas trocas, experiências e apoio diário. Aos colegas do Laboratório de Circulação, Imagem e Mídia (LACIM), pelas ricas discussões, que sempre acrescentaram intensamente ao meu fazer pesquisa.

Aos meus professores do PPGCC da Unisinos, pela dedicação e generosidade. Obrigada pelo conhecimento, pelo ensino e por sempre nos instigarem a ir além. Agradeço ainda aos professores desta banca, Antônio Fausto Neto e Mauricio Ribeiro da Silva, que estiveram comigo no momento de Qualificação e que me instigaram ainda mais em todo este processo.

Ao PPGCC Unisinos, por ter me acolhido e me proporcionado vivenciar meu grande sonho. As experiências em sala de aula, em grupos de pesquisa e na representação discente construíram uma nova pessoa.

Por fim, agradeço e dedico esta pesquisa à minha orientadora Ana Paula da Rosa. Mais do que professora e orientadora, Ana é minha inspiração, não somente na pesquisa, mas no seu modo de ser, de levar a vida e de enxergar o mundo. Ana, agradeço por ter me acolhido em 2018, quando bati na porta da tua sala querendo fazer pesquisa sem saber por onde começar. Obrigada por confiar em mim, por

compartilhar teu conhecimento e por me incentivar ao longo dos últimos anos. Essa trajetória não teria sido tão linda se não fosse por ti.

“O real não está na saída nem na chegada: ele se dispõe para a gente é no meio da travessia” (ROSA, 1994, p. 86).

RESUMO

Esta dissertação aborda a construção de sentidos que emergem de falas e episódios protagonizados pelo ex-presidente Jair Bolsonaro. A partir de reportagens jornalísticas, publicações e comentários de atores sociais em mídias digitais, esta pesquisa observa o processo de circulação e o acionamento de imaginários, que derivam dos pronunciamentos, gerando circuitos e valorizações. Para captar esse movimento da circulação, olhamos para cinco episódios que se constituem como circuitos interacionais. Estes cinco circuitos são interconectados e abraçam a trajetória de Bolsonaro entre os anos de 2018 e 2022. Nesta pesquisa, nos referimos a esses episódios como "Facada", "Nossa bandeira jamais será vermelha", "Coveiro", "Frescura e Mimimi" e "Imbrochável". Como aparato metodológico, optamos pelo estudo de caso midiaticado, que nos permite estudar variados meios e temporalidades. Nosso movimento analítico se divide em dois momentos: em uma análise das marcas e operações de cada circuito; e em uma análise transversal, que olha para as similaridades e diferenças entre os episódios, incluindo também a elaboração de pranchas de imagens - uma proposta de intersecção entre os estudos do imaginário e da midiaticação. Para conversar com este caso de pesquisa, acionamos autores que discutem sobre midiaticação (BRAGA, 2015), circulação (ROSA, 2016; FAUSTO NETO, 2018), circuitos (BRAGA, 2012), sentidos e discursos (VERÓN, 1980; 2004) e imaginários (KAMPER, 2018). Analisando múltiplos observáveis em momentos distintos, é possível perceber o potencial criativo da atorização social na disputa por sentidos e na elaboração de imaginários.

Palavras-chave: Midiaticação; Circulação; Imaginário; Bolsonaro; Circuitos.

ABSTRACT

This dissertation addresses the construction of meanings that emerge from speeches and episodes performed by former president Jair Bolsonaro. Based on journalistic reports, publications and comments by social actors in digital media, this research observes the circulation process and the triggering of imaginaries, which derive from pronouncements, generating circuits and valuations. To capture this circulation movement, we look at five episodes that constitute interactional circuits. These five circuits are interconnected and embrace Bolsonaro's trajectory between the years 2018 and 2022. In this research, we refer to these episodes as "Facada", "Nossa bandeira jamais será vermelha", "Coveiro", "Frescura e Mimimi" and "Imbrochável". As a methodological apparatus, we opted for the mediatized case study, which allows us to study different means and temporalities. Our analytical movement is divided into two moments: an analysis of the brands and operations of each circuit; and in a cross-sectional analysis, which looks at the similarities and differences between the episodes, also including the elaboration of image boards - a proposal of intersection between the studies of the imaginary and mediatization. To discuss this research case, we called upon authors who discuss mediatization (BRAGA, 2015), circulation (ROSA, 2016; FAUSTO NETO, 2018), circuits (BRAGA, 2012), meanings and discourses (VERÓN, 1980; 2004) and imaginaries (KAMPER, 2018). Analyzing multiple observables at different times, it is possible to perceive the creative potential of social actorization in the dispute for meanings and in the elaboration of imaginaries.

Keywords: Mediatization; Circulation; Imaginary; Bolsonaro; Circuits.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Reportagem e publicação sobre o Mimimi.....	28
Figura 2 - Comentários gerados em publicação de reportagem no Twitter.....	29
Figura 3 - Reportagem e publicação sobre Bandeira jamais será vermelha.....	29
Figura 4 - Desenho da pesquisa.....	34
Figura 5 - Zoom do desenho da pesquisa.....	35
Figura 6 – Reportagem da Veja sobre Facada de Bolsonaro.....	70
Figura 7 – Reportagem sobre Facada no portal G1.....	71
Figura 8 – Reportagem sobre Facada na Folha de S.Paulo.....	72
Figura 9 – Reportagem sobre Facada no portal Uol.....	73
Figura 10 – Comentários sobre a facada em postagem do G1 no Twitter.....	74
Figura 11 – Produção de ator social sobre Facada no Twitter.....	76
Figura 12 – Produção de ator social sobre Facada e relação com herói.....	78
Figura 13 – Produção de ator social sobre Facada que critica comportamento de Bolsonaro.....	79
Figura 14 – Produção de ator social sobre Facada após meses.....	80
Figura 15 – Produção de ator social sobre Facada após quatro anos.....	82
Figura 16 – Comentário em postagem de Bolsonaro no Twitter.....	83
Figura 17 – Comentário de apoiador em postagem de Bolsonaro no Twitter.....	84
Figura 18 – Comentário de apoiadora em postagem de Bolsonaro no Twitter.....	86
Figura 19 – Imagens síntese do circuito da Facada.....	88
Figura 20 – Reportagem do Valor Econômico sobre a Nossa bandeira jamais será vermelha.....	90
Figura 21 – Reportagem do Extra e do Uol sobre a Nossa bandeira jamais será vermelha.....	91
Figura 22 – Reportagem do O Globo sobre a Nossa bandeira jamais será vermelha.....	92
Figura 23 – Comentários em postagem do Valor Econômico no Twitter.....	94
Figura 24 – Comentários em postagem do O Globo no Twitter.....	95
Figura 25 – Postagem de apoiadora de Bolsonaro sobre sua posse.....	97
Figura 26 – Postagem de apoiador de Bolsonaro sobre sua posse.....	98
Figura 27 – Postagem que relaciona Bolsonaro a esquema de laranjas.....	99
Figura 28 – Postagem que relaciona bandeira vermelha com nazismo.....	100
Figura 29 – Postagem que relaciona Bolsonaro com ditadura militar.....	102

Figura 30 – Postagem sobre bandeira e queimadas no Pantanal.....	103
Figura 31 – Comentário em postagem de Bolsonaro sobre Nossa bandeira jamais será vermelha.....	104
Figura 32 – Imagens síntese do circuito Nossa bandeira jamais será vermelha.....	106
Figura 33 – Colagem de reportagens sobre o circuito Coveiro.....	108
Figura 34 – Reportagem do G1 sobre o circuito Coveiro.....	110
Figura 35 – Comentários em postagem do Uol sobre o circuito Coveiro.....	112
Figura 36 – Comentários em postagem do Estado de S. Paulo sobre o circuito Coveiro.....	113
Figura 37 – Postagem de ator social sobre circuito Coveiro.....	114
Figura 38 – Postagem de ator social sobre o circuito Coveiro com ilustração.....	115
Figura 39 – Postagem de ator social sobre o Coveiro com ilustração da morte.....	116
Figura 40 – Postagem de ator social sobre o Coveiro com desenho animado.....	117
Figura 41 – Comentários de apoiadores de Bolsonaro em vídeo do circuito Coveiro em seu Twitter.....	119
Figura 42 – Comentários contrários a Bolsonaro em vídeo do circuito Coveiro em seu Twitter.....	120
Figura 43 – Imagens síntese para o circuito Coveiro.....	122
Figura 44 - Reportagens sobre pronunciamento Frescura e Mimimi.....	124
Figura 45 – Reportagem do Portal R7 sobre Frescura e Mimimi.....	125
Figura 46 – Reportagem do Estado de S. Paulo sobre Frescura e Mimimi.....	126
Figura 47 – Reportagem do Portal Uol sobre Frescura e Mimimi.....	127
Figura 48 - Comentários em postagem da Veja sobre o circuito Frescura e Mimimi..	128
Figura 49 - Comentários em publicações de veículos no Twitter sobre o circuito Frescura e Mimimi.....	130
Figura 50 - Comentários em publicação da Folha de S.Paulo no Twitter sobre circuito Frescura e Mimimi.....	132
Figura 51 - Tweet sobre pronunciamento de Bolsonaro e acidente aéreo.....	133
Figura 52 - Tweet sobre apropriações do circuito Frescura e Mimimi.....	135
Figura 53 - Tweet sobre nazismo e Bolsonaro no circuito Frescura e Mimimi.....	137
Figura 54 - Tweet produzido após meses do circuito Frescura e Mimimi.....	139
Figura 55 - Tweet produzido sobre CPI após meses do pronunciamento.....	140
Figura 56 - Tweet produzido sobre Frescura e Mimimi e outros circuitos	142
Figura 57 – Postagem de Jair Bolsonaro sobre circuito Mimimi em seu Twitter.....	144

Figura 58 – Comentários sobre circuito Mimimi no perfil do Twitter de Bolsonaro.....	145
Figura 59 – Imagens síntese do circuito Frescura e Mimimi.....	147
Figura 60 – Reportagem da Veja sobre circuito Imbrochável.....	149
Figura 61 – Reportagem do portal Uol sobre circuito Imbrochável.....	151
Figura 62 – Reportagem da BBC News Brasil sobre circuito Imbrochável.....	152
Figura 63 – Reportagem do portal IG sobre circuito Imbrochável.....	153
Figura 64 – Comentários em postagem da Veja sobre circuito Imbrochável no Twitter.....	155
Figura 65 – Comentários em postagem do Uol sobre circuito Imbrochável no Twitter.....	156
Figura 66 – Publicação de ator social sobre circuito Imbrochável no Twitter.....	157
Figura 67 – Publicação de ator social sobre circuito Imbrochável no Twitter com ilustração.....	158
Figura 68 – Publicação sobre circuito Imbrochável no Twitter com uso da bandeira nacional.....	160
Figura 69 – Publicação sobre circuito Imbrochável no Twitter com ilustração de símbolos nacionais.....	161
Figura 70 – Publicação de ator social meses após circuito Imbrochável.....	162
Figura 71 – Publicação sobre circuito Imbrochável no Twitter meses após a fala que o originou.....	164
Figura 72 – Comentário sobre Imbrochável em tweet de Bolsonaro.....	166
Figura 73 - Comentários acionando circuito Imbrochável em tweet de Bolsonaro....	167
Figura 74 - Imagens síntese do circuito Imbrochável.....	169
Figura 75 – Ilustração sobre os picos na circulação.....	172
Figura 76 – Resgate do desenho de pesquisa.....	173
Figura 77 – Zoom do desenho de pesquisa do circuito Imbrochável.....	174
Figura 78 – Desenho para ilustração de conexão entre circuitos.....	179
Figura 79 – Prancha de imagens.....	181

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Análise da circulação.....	61
Quadro 2 – Análise das pranchas.....	62
Quadro 3 – Organização de fases e circuitos.....	64
Quadro 4 – Organização das materialidades.....	65
Quadro 5 – Centralização de operações do jornalismo e atores sociais.....	175

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	13
1.1 ESTADO DA ARTE	16
1.2. ENCAMINHAMENTOS METODOLÓGICOS.....	19
1.3 ORGANIZAÇÃO DO DOCUMENTO	21
2 CONSTITUIÇÃO DO CASO	23
2.1 CONTEXTO DE SURGIMENTO DO CASO	23
2.2 DESCRIÇÃO DAS MATERIALIDADES.....	27
2.3 CAMPO DE OBSERVAÇÃO	30
2.4 INFERÊNCIAS INICIAIS	31
2.5 DESENHO DE PESQUISA	33
3 REFLEXÕES TEÓRICAS	37
3.1 MIDIATIZAÇÃO, MÚLTIPLAS VOZES	37
3.1.1 Midiatização política	40
3.2 CIRCULAÇÃO: EMBATES E VALORES.....	44
3.2.1 Complexidade e circuitos	47
3.3 DISCURSOS E PRODUÇÃO DE SENTIDOS	49
3.4 IMAGINÁRIO EM DISCUSSÃO	52
3.4.1 Mitos e arquétipos	56
4 PERCURSO METODOLÓGICO	59
4.1 CONSTRUÇÃO METODOLÓGICA.....	59
4.2 PROCEDIMENTO DE COLETA DE DADOS E SELEÇÃO	63
4.3 O MOVIMENTO DE ANÁLISE	65
4.4 LIMITAÇÕES METODOLÓGICAS	66
5 ANÁLISE DOS OBSERVÁVEIS	68
5.1 FASE 1 – A PROVAÇÃO DO HERÓI.....	68
5.1.1 O circuito Facada	68
5.1.2 Operações	69
5.1.2.1 – O jornalismo e as elaborações sobre o dito	69
5.1.2.2 – Os atores tecem o sentido.....	74
5.1.2.3 – A fala de Bolsonaro	83
5.1.2.4 – O imaginário mobilizado	87
5.2 FASE 2 – SALVADOR DA PÁTRIA OU AUTORITÁRIO?	88

5.2.1 O circuito Nossa bandeira jamais será vermelha	89
5.2.2 Operações	89
5.2.2.1 – O jornalismo e as elaborações sobre o dito	89
5.2.2.2 – Os atores tecem o sentido.....	94
5.2.2.3 – A fala de Bolsonaro	104
5.2.2.4 – O imaginário mobilizado	105
5.3 FASE 3 – O GENOCIDA NA PANDEMIA	106
5.3.1 O circuito Coveiro	107
5.3.1.1 Operações.....	107
5.3.1.1.1 <i>O jornalismo e as elaborações sobre o dito</i>	107
5.3.1.1.2 <i>Os atores tecem o sentido</i>	111
5.3.1.1.3 <i>O perfil de Bolsonaro</i>	118
5.3.1.1.4 <i>O imaginário mobilizado</i>	121
5.3.2 O circuito “Frescura e Mimimi”	122
5.3.2.1 Operações.....	123
5.3.2.1.1 <i>O jornalismo e as elaborações sobre o dito</i>	123
5.3.2.1.2 <i>Os atores tecem o sentido</i>	127
5.3.2.1.3 <i>O perfil de Bolsonaro</i>	143
5.3.2.1.4 <i>O imaginário mobilizado</i>	146
5.4 FASE 4 – A AUTOAFIRMAÇÃO E A PROFANAÇÃO DO HERÓI	147
5.4.1 O circuito Imbrochável	148
5.4.2 Operações	148
5.4.2.1 O jornalismo e as elaborações sobre o dito	148
5.4.2.2 Os atores tecem o sentido.....	154
5.4.2.3 A fala de Bolsonaro	165
5.4.2.4 O imaginário mobilizado	168
5.5 ANÁLISE TRANSVERSAL	170
5.5.1 As observações de conjunto	170
5.5.2 As pranchas de abismo	180
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	186
REFERÊNCIAS	192

1 INTRODUÇÃO

A figura do ex-presidente do Brasil, Jair Messias Bolsonaro, envolve inúmeras polêmicas. Antes mesmo de ser eleito, foi motivo de protestos e teve sua candidatura como centro das manifestações do *Ele Não*¹ - movimento histórico liderado por mulheres, que tinha como objetivo demonstrar contrariedade à candidatura de Bolsonaro e oposição aos ideais representados por ele.

Protestos como estes são resultado dos posicionamentos de Bolsonaro expressos por meio de suas falas e de sua própria conduta. Cada pronunciamento do ex-presidente gerava grandes novas repercussões. A amplitude não se dá somente por Bolsonaro ter ocupado o maior cargo da República, mas também pelos discursos controversos e, por vezes, autoritários. A repercussão inclui manifestações dos atores sociais nas redes digitais e análises da imprensa em veículos de comunicação nacionais e internacionais.

Conseqüentemente, surge também uma grande multiplicidade de ângulos e de possibilidades de observação para este caso. Aqui, optamos por levar em consideração dinâmicas comunicacionais características de uma sociedade em vias de midiatização, adotando a perspectiva de Fausto Neto (2008) de que a midiatização complexifica as relações sociais e engendra diferentes operações. Também dentro desta ambiência, o conceito de circulação nos oferece perspectivas fundamentais para compreendermos novos processos de comunicação. Aqui, a consideramos como um processo de atribuição de valores e disputas (ROSA, 2016). A partir disso, surge a proposta de observar a circulação de sentidos e o acionamento de imaginários coletivos, que derivam dos pronunciamentos do ex-presidente, gerando circuitos e valorizações.

Vale apontar que a ideia desta pesquisa surgiu durante a produção do meu Trabalho de Conclusão de Curso na graduação em Jornalismo. Meu projeto analisou a construção de sentidos a partir da circulação do movimento *Ele Não*, fazendo com que eu me aproximasse e me identificasse com os conceitos de midiatização, circulação e construção simbólica. Ao longo da análise dos observáveis, encontrei

¹ O movimento *Ele Não* foi objeto de pesquisa de meu Trabalho de Conclusão de Curso. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/1hc8YPPVA3U0mTeUc65nGrhHShom68KjS/view?usp=sharing>.

diversas publicações que relacionavam a figura de Jair Bolsonaro com regimes totalitários, como o nazismo e o fascismo.

A multiplicidade de materiais me atraiu e abriu espaço para que eu questionasse como os discursos do ex-presidente do Brasil circulam e acionam sentidos. Afinal de contas, é muito significativo pensar nos processos de construção de uma figura a respeito de Jair Bolsonaro, ou melhor, de muitas possíveis figuras. De herói da pátria durante as eleições presidenciais de 2018 a genocida durante o combate à pandemia. São muitas construções que se estabelecem a partir dos pronunciamentos de Jair Bolsonaro e, conseqüentemente, diversos imaginários coletivos acionados.

A relevância social desta proposta de pesquisa é demonstrada de diversas formas. Por vivenciarmos um momento reflexivo sobre os tradicionais papéis da imprensa, especialmente diante das manifestações do próprio ex-presidente sobre o jornalismo, se torna fundamental observar como a imprensa reage aos discursos de Bolsonaro. Afinal de contas, os traços autoritários que se destacam nos pronunciamentos de Jair Bolsonaro também afetam diretamente o exercício jornalístico. Com certa frequência, o ex-presidente atacava repórteres diretamente².

Ao mesmo tempo, também cabe ao jornalismo o papel social de apontar e de noticiar quaisquer ataques à democracia. Quando Jair Bolsonaro agride de maneira autoritária a população brasileira, é dever dos jornalistas trazerem à tona esses discursos. Portanto, é instigante analisar as referências apontadas pela abordagem jornalística nas reportagens produzidas a partir dos pronunciamentos do ex-presidente.

Outro aspecto que reforça a proposta desta pesquisa é o protagonismo dos atores sociais em rede dentro de toda essa teia de produção de sentidos. Por integrar a linha de pesquisa de Mídia e Processos Sociais do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Unisinos, entendo ser fundamental compreender todas as esferas de produção e circulação de discursos, bem como observar de que maneira as referências presentes no imaginário coletivo são retomadas e acionadas para definir o ex-presidente.

² Bolsonaro volta a insultar a imprensa ao ser questionado sobre vacinas. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sorocaba-jundiai/noticia/2021/06/25/presidente-jair-bolsonaro-visita-sorocaba-sp.ghtml>. Acesso em: 25 de jun, 2021.

Dentro desta trajetória, cabe apontar que o ângulo escolhido para observar este caso passou por reformulação. Inicialmente, o foco se dava a partir de um recorte que relacionava Jair Bolsonaro e o autoritarismo. A participação em grupos de pesquisa e as disciplinas do PPG em Ciências da Comunicação da Unisinos mostraram possibilidades de ampliar este delineamento e deixar o objeto mostrar diferentes sentidos e imaginários para observação. A aproximação empírica também nos trouxe pistas importantes sobre a presença de circuitos em torno dos discursos de Bolsonaro. Estes circuitos acabam se tornando fundamentais para a constituição do caso e desenho da pesquisa.

A escolha dos circuitos que compõem os objetos empíricos desta dissertação foi realizada após reflexões geradas pela banca de Qualificação, que nos instigou a acompanhar os sentidos ao longo do tempo. Desta forma, nos propomos a seguir a trajetória de Jair Bolsonaro antes de ser eleito, passando pelo seu mandato como presidente e se encerrando no momento de eleições presidenciais, em 2022.

Dito isso, apresento o objetivo geral desta pesquisa, que passa a ser direcionado a entender como os discursos de Jair Bolsonaro em circulação acionam imaginários coletivos, constroem sentidos e configuram circuitos interacionais. Já a questão problema se constitui da seguinte maneira: **Como são construídos sentidos e configurados circuitos a partir da circulação dos discursos de Jair Bolsonaro?**

Para respondê-la, os objetivos específicos são:

- Compreender como os atores sociais contribuíram para a produção de sentidos contra hegemônicos ou mobilizadores de imaginários sociais;
- Reconhecer quais lógicas e referências são usadas pelo jornalismo em suas produções;
- Analisar quais imagens e símbolos são utilizados para retratar a figura de Bolsonaro nas produções midiáticas, compondo um imaginário midiático;
- Entender como se configuram circuitos a partir das falas de Bolsonaro e como são empreendidas operações de mediação por diferentes agentes;
- Identificar como os discursos ganharam novos significados com a circulação.

Após elencarmos nossos objetivos geral e específicos, acreditamos ser importante apresentar o cenário comunicacional onde esta pesquisa se insere. Portanto, elaboramos a seguir um item voltado para a discussão sobre o estado da arte.

1.1 ESTADO DA ARTE

Para situar a proposta desta pesquisa no campo de produções científicas atuais, fizemos uma busca exploratória no Google Scholar a fim de encontrar obras que tenham similaridade com o nosso objeto. Ao todo, foram encontradas 30 pesquisas relacionadas com o presente tema. Para fazermos essa busca, utilizamos as seguintes palavras-chaves: #Bolsonaro, #Discursos, #Pronunciamentos, #Circulação, #Sentidos e #Imaginário. Essas expressões foram combinadas de diferentes formas para descobrir mais opções de produções.

Entre as 30 pesquisas encontradas, quatro delas são focadas em outros campos, como Linguística Aplicada, Educação, Ciências Sociais e Ciências Políticas. Por não trabalharem diretamente com Comunicação, optamos por não as incluir em um movimento de observação aprofundada. A partir das demais pesquisas, estabelecemos um filtro, selecionando cinco produções para uma análise completa, buscando identificar mais profundamente as similaridades e as diferenças com a nossa dissertação de Mestrado.

Em um movimento de observação inicial, é possível perceber que as pesquisas publicadas possuem focos específicos, abordando com frequência a análise do discurso ou realizando recortes a partir de acontecimentos determinados. Percebe-se então uma ausência da circulação de sentidos das falas de Bolsonaro de maneira mais ampla, especialmente a fim de observar as construções, repercussões, mudanças e apropriações dessas manifestações.

Para demonstrar isso, trago a discussão do artigo “Efeito Bolsonaro: anatomia do autoritarismo”. Leonard Christy Souza Costa e Éderilson Luís da Silveira (2018) se apropriam da teoria discursiva de Michel Foucault para compreender fenômenos discursivos e como eles possibilitam a emergência de falas não democráticas, mesmo dentro de um sistema democrático. Essa análise é feita a partir de posts, retirados da página do Facebook do então candidato à presidência Jair Bolsonaro e, também, de capas de revistas, como a *Veja*.

Primeiramente, podemos identificar que a pesquisa não cria um recorte específico para observação. São acionados objetos empíricos a fim de construir uma tese sobre como se espalham os discursos autoritários de Jair Bolsonaro. Para tanto, são trazidos exemplos de postagem da própria página de Bolsonaro e, como complemento, materiais midiáticos em que ecoam esses pronunciamentos. A partir de

uma compreensão de que o discurso é dotado de poder, a obra estabelece aspectos em que as falas de Bolsonaro carregam traços autoritários, além de pontuar outros discursos - como os de cunho religioso - que se apropriam dos dizeres de Bolsonaro, ecoando os sentidos.

Portanto, podemos compreender que a pesquisa se enquadra muito mais dentro de uma análise discursiva, sem trabalhar diretamente com algumas bases propostas pela nossa dissertação, como a própria questão da imagem, da circulação de sentidos e do acionamento de imaginários coletivos. Entretanto, a pesquisa é importante, tanto para perceber a importância do discurso, como o papel das gramáticas de produção.

Temos também exemplos de trabalhos que se dedicam a observar os sentidos em um único meio, como em Pamella Ribeiro Davis (2022). Nesta monografia, o olhar é direcionado aos discursos de Bolsonaro na cobertura do jornal francês *Le Monde*. Aqui, o método de observação é, assim como na pesquisa acima, a análise do discurso, mas neste caso com base em Michel Pechêux.

Outra produção analisada, por sua vez, direciona os olhares para os sentidos que emergem dos discursos de Jair Bolsonaro a partir de um único pronunciamento. Intitulado como “Desconstrução da pandemia do coronavírus: análise dos sentidos nos discursos políticos”, o Trabalho de Conclusão de Curso de Emanuella Alves (2020) observa os sentidos do pronunciamento do então presidente no dia 24 de março de 2020. Neste episódio, Bolsonaro evoca uma desqualificação do isolamento social proposto para combater a pandemia do coronavírus, o que acaba reverberando em diversas esferas sociais.

Observando o trabalho, podemos concluir que ele se destaca ao investigar os sentidos que surgem a partir de um único pronunciamento, bem como as consequências que esse discurso teve nas esferas política, social e midiática. Porém, trata-se de um recorte de uma única manifestação discursiva de Jair Bolsonaro. Aqui, mais uma vez, afirmamos que a nossa proposta de pesquisa se diferencia por buscar incluir demais fases e momentos, contemplando as transformações e as semelhanças das falas do ex-presidente. Além disso, o trabalho de Emanuella Alves também aposta na metodologia da análise de discurso, que ao nosso ver impõe limitações no que tange ao nosso objetivo. Embora a análise do discurso seja um dos elementos de observação futura, acreditamos ser necessário contemplar outras frentes metodológicas para dar conta do nosso objeto.

Assim como a pesquisa de Emanuella Alves se debruça em um acontecimento específico, temos também a dissertação de Diosana Frigo (2018), que analisa a circulação de sentidos sobre a ditadura militar, mobilizados pelo voto de Jair Bolsonaro, então deputado federal. A autora mapeou a circulação da fala de Jair Bolsonaro no impeachment de Dilma Rousseff nos portais de notícias e redes sociais online. Para tanto, utilizou o rizoma de Deleuze e Guattari como inspiração metodológica e as técnicas de pesquisa desenvolvidas na cartografia para contemplar as dimensões do objeto.

Aqui, encontramos relação com a nossa pesquisa devido à utilização da circulação dos acontecimentos. Pretendemos adotar essa dimensão por entendermos que abrange uma maior compreensão acerca dos movimentos discursivos. Além disso, há um entendimento sobre a importância dos atores sociais no processo de construção de sentidos a respeito dos discursos de Jair Bolsonaro, o que também se assemelha com a nossa perspectiva. Conseqüentemente, a abordagem teórica também acaba se cruzando, especialmente ao utilizar autores como José Luiz Braga e Antônio Fausto Neto.

Por outro lado, temos aqui uma pesquisa que se dedica a observar apenas um único acontecimento e suas devidas repercussões. Fora isso, há uma outra grande diferenciação no trabalho de Diosana Frigo, que é o foco na observação dos circuitos e dos rizomas. Não há, por exemplo, uma observação dos materiais em si, como a questão das próprias imagens - que queremos destacar em nossa abordagem.

Como último exemplo, trazemos o artigo de Mariana Ramalho Procópio Xavier e Maurício João Vieira Filho (2020), chamado “Conservadorismo acima de tudo e de todos: imaginários sociodiscursivos nos discursos de posse presidencial de 2019”, que busca identificar como são construídas as representações dos discursos de posse presidencial no ano de 2019. Para isso, também utilizam como repertório teórico-metodológico a análise do discurso. A diferença é que os pesquisadores também incluíram a Teoria Semiológica, de Patrick Charaudeau, com destaque para o conceito analítico dos imaginários sociodiscursivos, que consideramos ser muito potente e que pode ser muito útil para o nosso trabalho.

Com relação aos demais trabalhos, este envolve uma perspectiva relacionada aos imaginários, envolvendo construções acerca dos brasileiros, do governo e do próprio ex-presidente, o que acaba trazendo mais semelhança com a nossa ideia de pesquisa. Por outro lado, são observados apenas dois pronunciamentos de

Bolsonaro, que acionam relações heroicas e religiosas, colocando-o como salvador da pátria. Na nossa proposta, queremos envolver também outros sentidos acionados a partir da mobilização de variados discursos de Jair Bolsonaro, como a própria questão do autoritarismo. Ou seja, a ênfase da nossa dissertação está nos circuitos e nos múltiplos sentidos e imaginários acionados.

Após esmiuçar diferentes trabalhos, é possível afirmar que estão surgindo inúmeras pesquisas que buscam dar conta de observar os discursos de Jair Bolsonaro, tanto na área das Ciências da Comunicação quanto em demais campos do conhecimento. Isso demonstra a pertinência do tema, que visa justamente entender os impactos gerados a partir das manifestações da mais importante figura da República.

São diferentes abordagens trazidas para tratar sobre os pronunciamentos do ex-presidente, mas o destaque metodológico fica para a análise do discurso. Também é possível perceber que poucas pesquisas construíram corpus diversificados, incluindo tanto materiais jornalísticos quanto produções dos atores sociais em rede. Na nossa perspectiva, é importante envolver diferentes materialidades para captar as nuances do objeto.

Neste movimento de observação, também foi identificada a ausência de abordagens ligadas ao acionamento de imaginários coletivos ou até mesmo a questão da construção de imagens a partir de imaginários específicos. Por se dedicarem à análise dos discursos, as pesquisas não contemplaram outros formatos de conteúdo.

Apesar de algumas pesquisas da área trabalharem com teóricos que também consideramos relevantes para a dissertação, acreditamos que a bagagem metodológica ideal para o nosso objeto de pesquisa deve ser diferente. Afinal, o presente trabalho baseia-se na circulação dos discursos ao longo de fases distintas. Sendo assim, o objeto empírico e o próprio ângulo de observação são outros, já que se trata de acompanhar os pronunciamentos, as construções de sentidos e os imaginários acionados ao longo do tempo.

1.2. ENCAMINHAMENTOS METODOLÓGICOS

A busca de indícios que poderiam nos ajudar a fazer inferências iniciais começou a partir de um mergulho no objeto empírico. Este primeiro contato abre pistas

para a construção do caso de pesquisa, bem como nos indica requisitos a serem contemplados pela metodologia.

A construção do caso começa, então, a partir de processos abduativos. Aqui, compreendemos a abdução como um procedimento que exige esforços de observação, coleta, descrição e organização de inferências. A partir da perspectiva trabalhada por Verón (2013), entendemos que a abdução é uma operação que introduz as ideias. Ela parte dos fatos e das primeiras impressões sobre eles.

Recorremos também ao paradigma indiciário como método para rastrear essas pistas da circulação nas primeiras publicações contatadas, levando em conta as perspectivas trabalhadas por José Luiz Braga. O autor nos indica que “a base do paradigma não é colher e descrever indícios – mas selecionar e organizar para fazer inferências” (BRAGA, 2008, p. 78). Portanto, os indícios por si só não bastam no que tange a conclusões sobre o objeto. Porém, quando elaborados a partir de articulações, contribuem para caracterizar o caso e entender as suas subjetividades.

Este movimento sugerido por Braga nos leva a construir conjuntos, traçar comparações e encontrar similaridades. Este processo também se cruza com o movimento de identificação de analogias entre episódios. Por sua vez, esta dinâmica nos indica a encontrar diferenças e semelhanças a partir de um procedimento comparativo.

Constatamos então, em um primeiro momento, que o nosso objeto de pesquisa é envolto por inúmeras materialidades, o que nos exige diferentes frentes de observação. Outro aspecto percebido é a grande diversidade de materiais em circulação, o que nos exige a criação de filtros para constituição de um corpus. Além disso, trata-se de uma pesquisa com foco na circulação de sentidos, o que também leva a outros desafios. Afinal, é preciso captar rastros da circulação ao longo do tempo, analisando suas constâncias e suas modificações.

Isso também nos levou a elaborar o que indica Braga ao apontar a necessidade de articular conjuntos de indícios. Este processo foi importante para cruzarmos pistas que emergem dos objetos, examinando movimentos e operações que se repetem ou não em diferentes materialidades e temporalidades.

Por fim, vale reforçar que este percurso metodológico, em termos de um modo de pensar e de fazer a pesquisa, implica em movimentos metodológicos que vão do indício à inferência. No entanto, antes de tudo, ele nos demanda explicitar o caso de pesquisa, já que este não é um caso midiático (em torno de um acontecimento em si),

mas de uma elaboração a partir dos movimentos de método mencionados. Portanto, veremos este processo de descrição do caso no capítulo 2 deste trabalho. Antes disso, apresentaremos a estrutura desta dissertação.

1.3 ORGANIZAÇÃO DO DOCUMENTO

Antes de iniciar o movimento de explicação da constituição do caso deste trabalho, elaboramos este item a fim de indicar a organização do presente documento. Após este primeiro capítulo introdutório, partiremos para um processo descritivo, que busca contextualizar o surgimento da pesquisa, bem como descrever as materialidades que compõem o objeto desta dissertação.

Além disso, reunimos ainda no segundo capítulo algumas inferências iniciais que surgiram após os primeiros contatos com os materiais de referência. Para finalizar este segundo momento, esboçamos um desenho da pesquisa, a fim de ilustrar como enxergamos os processos envolvidos no caso analisado e o objeto empírico desta dissertação.

Já o capítulo seguinte se debruça em um diálogo com autores de conceitos pertinentes. Dentro dele, falaremos sobre mediação e mediação política, circulação e circuitos, produção de sentidos e imaginários. Após esse acionamento teórico, o documento conta com um capítulo que detalha o nosso percurso metodológico, abordando os processos de coleta, seleção e análise, bem como as limitações do próprio método.

Depois disso, chegamos ao capítulo de análise dos observáveis, que conta com dois principais eixos. O primeiro deles busca observar individualmente cada circuito deste caso de pesquisa, apontando marcas, lógicas, operações e imaginários acionados. Neste momento, olhamos para todos os espaços que elencamos, realizando também um cruzamento com os autores abordados. Ao final de cada circuito analisado, temos um item que busca identificar imagens que sintetizam os episódios.

O segundo movimento do capítulo consiste em uma análise transversal, que por sua vez é dividida em dois movimentos. O primeiro deles chamamos de análise de conjunto, cujo objetivo é identificar as diferenças e similaridades entre os circuitos, no que diz respeito às marcas e operações. Na sequência, realizamos um movimento complementar de análise transversal, que nomeamos como prancha de imagens.

Trata-se de uma montagem elaborada a partir das imagens sínteses que escolhemos ao fim de cada análise dos circuitos. Esta elaboração nos permitiu trabalhar de forma mais direta com a questão das imagens e dos imaginários.

Depois das duas análises transversais, chegamos ao último capítulo do texto, no qual apresentamos nossas considerações finais.

2 CONSTITUIÇÃO DO CASO

A partir do percurso narrado no capítulo anterior, inicio aqui um texto de contextualização e constituição do caso de pesquisa. Porém, antes de apresentar as materialidades que compõem este trabalho, devemos sinalizar brevemente o procedimento metodológico que o permeia.

Cruzando os aspectos e as necessidades que emergem dos empíricos, entendemos que a metodologia ideal para responder nossas perguntas seria o estudo de caso midiaticizado. Uma das características desta metodologia é a possibilidade de analisar “processos não lineares a partir de fases e/ou etapas definindo as condições de um circuito” (WESCHENFELDER, 2021, p. 12).

Além disso, trata-se de uma metodologia que oferece caminhos para incluir diferentes materialidades, a fim de acompanhar o processo de circulação e de construção de sentidos ao longo do tempo. Ou seja, nos permite incluir desde publicação de atores sociais até reportagens de veículos de comunicação.

Também vale distinguir o porquê entendemos que a pesquisa se caracteriza como caso midiaticizado e não como caso midiático. Entendemos que o caso midiático se configura a partir de um acontecimento jornalístico, enquanto o caso midiaticizado é construído a partir de coletas variadas, de diversas perspectivas e de um movimento que se estende além do tempo ou do fato desencadeador. Fora isso, o caso midiaticizado emerge de uma sociedade midiaticizada e, portanto, busca seguir intensos processos de interação e acompanhar fluxos que se desenrolam a partir de arranjos diversos.

As práticas metodológicas adotadas para constituição dos passos da pesquisa serão descritas no capítulo específico de Metodologia, que antecede nossa análise dos materiais empíricos.

2.1 CONTEXTO DE SURGIMENTO DO CASO

A contextualização do caso de pesquisa é uma etapa fundamental para a compreensão do cenário em que o nosso objeto está inserido. O meu processo de envolvimento com as pistas que levaram a esta pesquisa inicia durante meu Trabalho

de Conclusão de Curso³, em que me dediquei a analisar o movimento *Ele Não*. Considero este movimento um fenômeno complexo e simbólico para pensar a situação política e social brasileira e, portanto, interessante para entendermos o cenário onde se insere o objeto que aqui observamos.

Emergido nas eleições presidenciais de 2018, o movimento buscava organizar um protesto contra a candidatura de Jair Bolsonaro. Foi originado em um grupo de Facebook, chamado Mulheres Unidas Contra Bolsonaro e, depois disso, propagou-se para as demais redes digitais, tornando-se também pauta para a imprensa nacional e internacional. Além de manifestar contra a candidatura de Bolsonaro, o *Ele Não* se tornou um fenômeno de resistência ao engajar diferentes pessoas com um mesmo propósito: demonstrar contrariedade às falas proferidas pelo então candidato à presidência.

O contexto das eleições de 2018 remete a um cenário político instável, que já vinha sendo configurado desde meados de 2013. As manifestações de junho de 2013⁴, a Operação Lava Jato⁵ e o impeachment da então presidenta Dilma Rousseff contribuíram para que a política brasileira passasse por fortes instabilidades.

Com a pauta inicial de reivindicar melhorias na mobilidade urbana brasileira, os protestos de junho de 2013 foram vistos como um marco histórico. Isso se deu não apenas pela pluralidade de causas abraçadas ao longo da organização do movimento, mas também pela utilização massiva de redes digitais na convocação. A rápida divulgação em torno das manifestações acabou por gerar impactos no sistema político brasileiro (SCHERER-WARREN, 2014).

Já a Operação Lava Jato, que se iniciou em 2014, também envolve reconfigurações na organização política do país. Na pesquisa de Bianca Rosa (2021), são demonstrados atravessamentos entre os sistemas jurídico, jornalístico e político, além de disputas entre estes mesmos campos. Desta forma, a operação que marcou a narrativa política do país durante alguns anos também contribui para a constituição de um momento vulnerável.

³ Apresentado em julho de 2020 e disponível em: <https://drive.google.com/file/d/1hc8YPPVA3U0mTeUc65nGrhHShom68KjS/view?usp=sharing>.

⁴ Foram uma série de mobilizações ocorridas em mais de 500 cidades do Brasil no ano de 2013, motivadas inicialmente pelo aumento das tarifas de transporte públicos. Disponível em: <https://guiadoestudante.abril.com.br/estudo/manifestacoes-de-junho-de-2013-relembre-os-fatos-importantes/> Acesso em: 02 de fev, 2022.

⁵ É considerada pelo Ministério Público Federal como uma das maiores iniciativas de combate à corrupção e lavagem de dinheiro da história recente do Brasil. Disponível em: <http://www.mpf.mp.br/grandes-casos/lava-jato>. Acesso em: 02 de fev, 2022.

Em meio a essa fragilidade no cenário brasileiro, Bolsonaro já ganhava destaque. Deputado desde 1991, ocupava a cena política com frases preconceituosas e de tom autoritário. Durante a sessão da Câmara dos Deputados que aprovou o início do processo de impeachment de Dilma Rousseff, Bolsonaro protagonizou uma de suas maiores manifestações polêmicas. O então parlamentar fez referência à memória do coronel Carlos Alberto Brilhante Ustra⁶, acionando a circulação de sentidos autoritários.

A pesquisa de Diosana Frigo (2018) sobre este acontecimento assinala não somente as fragilidades que o campo político enfrenta com falas como essa de Bolsonaro sobre a ditadura militar, mas evidencia também um comportamento social marcado por afrontas à democracia. “Esse problema público instaurado é tão conflituoso que vemos, ainda no ano de 2018, defesas da ditadura civil-militar e dos atos de tortura cometidos pelos militares, além de constantes pedidos de intervenção militar” (FRIGO, 2018, p. 131). Com a evocação de memórias desse passado, emergem juntamente discursos de ódio e de tom autoritário.

Seguindo neste fluxo, Bolsonaro construiu uma imagem de candidato conservador e patriota, capaz de retomar costumes e moralidades. Com o slogan “Brasil acima de tudo, Deus acima de todos”, sua campanha foi construída a partir de um rótulo antipetista, além de ser fortemente pautada pela disseminação de notícias falsas⁷. A aderência da internet como principal meio de comunicação entre Bolsonaro e seus apoiadores também marca a situação política. A partir deste comportamento do candidato, surge com ainda mais força um movimento de polarização. Braga (2020) explica que a polarização não deve ser confundida com o enfrentamento de diferentes posições contrárias. “Na polarização não há debate, ou este direciona para a desconexão e para violência simbólica – que pode, conforme as circunstâncias, chegar à violência física” (BRAGA, 2020, p. 6).

Neste cenário de agudização de ideias, as redes digitais foram utilizadas somente como espaço de reforços de opiniões, sem oportunidade de escuta. Esse comportamento polarizado é visto por Braga (2020) como um apagamento da possibilidade de diálogo. “Reduzido a essa dimensão única, são apagados todos os

⁶ Em 2008, Carlos Alberto Brilhante Ustra, foi apontado como o primeiro militar reconhecido pela Justiça como torturador.

⁷ As dez principais fake news da campanha eleitoral de 2018. Disponível em: <https://www.opovo.com.br/noticias/politica/2018/10/as-dez-principais-fake-news-da-campanha-eleitoral-de-2018.html>. Acesso em: 02 de fev, 2022.

indicadores que o poriam em espaço de pluralidade, permitindo interações. O único vínculo entre os polos passa a ser o eixo da diferença excludente” (BRAGA, 2020, p. 7).

Exemplo deste cenário agudizado é o episódio em que Bolsonaro é alvo de uma facada durante ato público de sua campanha eleitoral, em setembro de 2018. O acontecimento gerou mobilização nacional, com acusações aos partidos de esquerda, por parte de seus apoiadores. Por outro lado, foi marcado por disputas de interpretar a facada como um ato falso, premeditado e estratégico para sua eleição.

O cenário político brasileiro, instável e polarizado, elegeu Jair Bolsonaro como o 38º presidente do Brasil. Desde que assumiu o cargo, protagonizou novas polêmicas ao proferir falas autoritárias. No seu discurso de posse, no dia 1º de janeiro de 2019, já traçou uma linha do tom em que prosseguiria seu mandato. Ao longo dos primeiros meses como presidente, manteve firme seu posicionamento conservador.

Com a chegada da Covid-19 no Brasil no início de 2020, Bolsonaro se posicionou de maneira que dividiu ainda mais a população brasileira. Ao minimizar os efeitos causados pela pandemia, o então presidente gerou conflitos até mesmo entre seus apoiadores. Pronunciamentos que categorizam a Covid-19 como “Frescura” ou “Mimimi” se tornaram frequentes. Ao mesmo tempo em que geravam reboliços constantes nas redes sociais, as falas de Bolsonaro também repercutiram entre veículos de comunicação, complexificando ainda mais a relação entre o então presidente e a imprensa.

Os ataques a jornalistas⁸ já eram comuns antes de Bolsonaro ser eleito, mas se tornaram ainda mais frequentes ao longo de seu mandato, especialmente durante a pandemia. A postura de Bolsonaro com a imprensa diante da Covid-19 reforçou sua escolha de não utilizar veículos de comunicação hegemônicos como fonte para informar a população.

Em meio a esse contexto de falas de Jair Bolsonaro antes e ao longo de seu mandato, surge o caso desta pesquisa, que busca acompanhar os efeitos e os sentidos que se estabelecem a partir da repercussão de seus pronunciamentos.

⁸ Bolsonaro e os filhos fizeram 469 ataques a jornalistas e veículos de imprensa em 2020, diz ONG. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2021/01/25/bolsonaro-e-os-filhos-fizeram-469-ataques-jornalistas-e-veiculos-de-imprensa-em-2020-diz-ong.ghtml>. Acesso em: 02 de fev, 2022.

2.2 DESCRIÇÃO DAS MATERIALIDADES

Sendo essa uma pesquisa voltada para a circulação de sentidos, se torna fundamental incluir materiais que nos possibilitem captar como as falas de Bolsonaro repercutem em diferentes espaços e em diferentes momentos. Levando isso em consideração, o primeiro recorte estabelecido foi o direcionamento da pesquisa para a observação em fases. Essa é uma característica bastante indicada pelo estudo de caso midiático, metodologia que escolhemos para este trabalho.

Buscamos construir essas fases a partir de falas de Bolsonaro que mais tivessem se destacado desde sua candidatura à presidência, de forma que pudéssemos contemplar momentos diversos dentro de seu exercício como presidente e observar suas gramáticas e operações ao longo do período, portanto, não somente em acontecimentos. Estipulamos, então, um recorte de quatro fases, que se dividem entre: campanha eleitoral de 2018, primeiros meses de mandato de Jair Bolsonaro; repercussões durante a pandemia da Covid-19; e período eleitoral de 2022.

Com este primeiro recorte, chegamos aos materiais empíricos de referência e nos deparamos com episódios compostos por falas marcantes de Jair Bolsonaro. Identificamos que cada fase é construída por circuitos. Esses circuitos se dão a partir de um intenso grau de repercussão e de apropriação a partir das falas de Bolsonaro. Foram esses circuitos que escolhemos para observar neste trabalho, visto que eles nos mostram uma significativa amostragem do processo de circulação dos discursos do ex-presidente.

Dentre as possibilidades de circuitos que encontramos, optamos por cinco para serem analisados neste texto. Dentro da primeira fase, escolhemos o episódio em que Bolsonaro é alvo de uma facada. No segundo momento, priorizamos o pronunciamento de Bolsonaro em sua posse como presidente, em que ele dizia “Nossa bandeira jamais será vermelha”. Já na terceira fase, trouxemos dois circuitos: o que Bolsonaro se refere à pandemia como “Frescura e Mimimi” e o episódio em que ele afirma não ser “Coveiro”. Para a quarta fase, o momento escolhido foi quando Bolsonaro disse ser “Imbrochável” em seu discurso que marcou o dia 7 de setembro.

Apesar de termos estabelecido os recortes temporais de fases para selecionar os circuitos, entendemos que cada um deles pode ultrapassar essa delimitação temporal por conta de sua repercussão e em função de suas ligações e conexões com os demais circuitos. Por exemplo, o episódio da “Nossa bandeira jamais será

vermelha" emerge na posse de Bolsonaro, em 2019, mas pode estar presente em outros momentos, como no período da pandemia, sendo relacionado com os circuitos do "Coveiro" ou do "Mimimi". Então, nosso recorte temporal existe apenas a fim de situarmos o período em que emergem os circuitos selecionados para análise, porém estes podem se deslocar destas temporalidades, permanecendo em circulação.

Tendo os circuitos estabelecidos, vamos às materialidades que compõem cada um deles. Entendemos que a união de diferentes elementos contribui para acompanharmos os sentidos que são construídos. Portanto, trazemos tanto reportagens da imprensa quanto postagens de atores sociais (Figura 1).

Figura 1 - Reportagem e publicação sobre o Mimimi

The image shows a screenshot of a news article and a social media post. The news article is from 'ESTADÃO' under the 'Saúde' section, titled 'No dia em que Bolsonaro fala em 'mimimi', Brasil tem novo recorde na média de óbitos pela covid'. The article text states that the number of deaths in the last 24 hours was 1,786, the second highest in the pandemic, with a total of 9,500 deaths in the last week. It mentions that the average number of deaths per COVID-19 case in Brazil reached 1,361 on Friday, the highest since the start of the pandemic. The article also quotes Jair Bolsonaro saying 'chega de frescura e mimimi' and questioning an event in Goiás. The social media post is from Karl Marx (@KarlMarxis) and says 'Chega de frescura e mimimi. Vão ficar chorando até quando?' (Bolsonaro, Jair - 04/03/2020). The post includes four images: a warehouse of boxes, a person in a protective suit, a person in a blue cap handling a green tube, and a person in a white coat in a hospital setting.

Fonte: Twitter e Estado de S. Paulo (2021)

Além disso, também nos interessa dedicar atenção aos comentários gerados a partir das publicações das produções jornalísticas em redes sociais, como o Twitter (Figura 2). Percebemos que esses espaços são fortes meios de interação e, desta forma, nos ajudam a captar sentidos.

Figura 2 - Comentários gerados em publicação de reportagem no Twitter



Fonte: Twitter (2021)

Outro aspecto importante é a observação dos circuitos ao longo do tempo (Figura 3). Ou seja, é interessante incluir produções que surjam após meses de circulação. Isso nos permite ver novas apropriações ou, até mesmo, a consolidação de determinados elementos.

Figura 3 - Reportagem e publicação sobre Bandeira jamais será vermelha



Fonte: Twitter e Istoé (2022)

Após a banca de qualificação, entendemos ser importante evidenciar ainda mais os embates e disputas na construção de sentidos. Acreditamos que o perfil de Jair Bolsonaro no Twitter é um espaço capaz de oferecer diferentes ângulos para olharmos os circuitos. Além disso, se trata do principal meio utilizado pelo então presidente para se comunicar com a população e, especialmente, com seus apoiadores. Portanto, optamos por incluir postagens e comentários que surgem a partir de sua respectiva conta na plataforma.

Também vale apontar que não há delimitação de um único dispositivo, visto que qualquer espaço que contenha elementos variados interessa à pesquisa para que possamos tentar compreender a circulação e as ressignificações que a acompanham.

2.3 CAMPO DE OBSERVAÇÃO

Os episódios descritos acima foram escolhidos por apresentarem características interacionais que constituem circuitos. Isso quer dizer que não se trata apenas da repercussão de conteúdos entre a esfera jornalística e entre os atores sociais, mas sim de objetos que nos permitem ver imbricações diversas e disputas de sentidos ao longo do tempo. Portanto, os episódios selecionados nos auxiliam diretamente na tentativa de responder ao problema de pesquisa, que visa entender como são construídos sentidos e configurados circuitos a partir da circulação dos discursos de Jair Bolsonaro.

Falando diretamente sobre a configuração de circuitos, acionamos Braga (2012), que nos indica seguir um fluxo contínuo ao observar processos de circulação. Ele explica que esse processo vai além de uma descrição abstrata e se dispõe de maneira tangível a partir dos circuitos. Eles, por sua vez, são formados a partir da presença de diferentes elementos e perpassados também por diversos espaços. “Cada circuito compõe diferentes articulações entre o massivo e o digital, engastando ainda, aí, o presencial e a escrita” (BRAGA, 2012, p. 47).

Seguir os circuitos, então, nos parece ser o melhor caminho para tentar captar a circulação de sentidos a partir das falas de Bolsonaro e o que essa gera em termos de defasagens e embates. Esta observação dos circuitos, então, se dará em veículos de comunicação com abrangência nacional, em publicações/comentários de atores sociais no Twitter, em comentários nas postagens de Bolsonaro em sua conta no

Twitter, bem como em posts de portais de imprensa também na mesma rede social.

2.4 INFERÊNCIAS INICIAIS

Em um primeiro movimento de observação - sem grandes aportes aprofundados -, podemos chegar em algumas inferências iniciais. Começo apontando um aspecto importante para a constituição do caso de pesquisa, que é a presença de diferentes materialidades atuando simultaneamente no processo de construção de sentidos.

Os discursos de Jair Bolsonaro reverberam em rede, o que conseqüentemente gera um intenso processo de produção de sentidos por parte dos atores sociais. Mas, ao mesmo tempo, as produções jornalísticas também atuam diretamente nesse papel de atribuir sentidos ao noticiar os pronunciamentos do ex-presidente. Desta forma, nota-se que as construções de diferentes meios se interpenetram e, muitas vezes, se tornam complementos de interação. Considerando então que as produções jornalísticas e dos atores sociais são atravessadas, desponta uma complexidade de fluxos, dificultando até mesmo a identificação de onde se inicia a circulação dos conteúdos.

No entanto, a presença de algumas marcas discursivas nos auxilia a constatar determinadas origens dentro do processo de circulação. Ao escolhermos uma fala de Bolsonaro para mapeamento, podemos inferir que a repercussão se inicia por meio das produções jornalísticas. A imprensa parece realizar um pinçamento de fragmentos da fala do então presidente, colocando estes trechos em circulação. Esses mesmos fragmentos são trabalhados em redes digitais pelos atores sociais, que a partir disso utilizam estes trechos do discurso para produzir sentidos. Desta forma, o jornalismo tem papel fundamental no recorte de pronunciamentos de Bolsonaro e no início do processo de circulação.

É interessante observar também que, em grande parte, os sentidos evidenciados pelas reportagens de veículos de imprensa tradicionais demonstram poucas diferenças de interpretações. Títulos, linhas de apoio, enquadramento, ângulos de narrativa e imagens de ilustração são semelhantes. Esse comportamento por parte do jornalismo corrobora para a construção de uma postura uníssona da própria imprensa. Conseqüentemente, os aspectos trabalhados pelas reportagens se

tornam elementos constituintes de uma imagem que se constrói a respeito de Jair Bolsonaro e que, apesar das suas próprias negativas, ele mesmo faz questão de reiterar em suas condutas sociais e políticas.

Partindo para inferências a respeito do que se produz pelos atores sociais, percebemos que os processos produtivos se constituem de forma mista, ou seja, possuem marcas midiáticas, políticas e sociais. Isto é, trazem marcas de outros campos sociais. Além da relação com diversos contextos, vemos nas publicações o cruzamento com falas anteriores do ex-presidente. Desta forma, os atores sociais realizam referências a episódios antigos e retomam assuntos que julgarem pertinentes para contextualizar os acontecimentos.

Isso nos leva a inferir que cada fala de Bolsonaro corresponde a um episódio específico e, portanto, constitui um circuito. Cada circuito é formado por diversas materialidades. Além disso, um circuito não se delimita a uma única temporalidade, visto que pode ser retomado em diferentes momentos pela circulação, inclusive sendo acionado para se referir a novos circuitos. Este cruzamento de episódios é feito tanto por atores sociais quanto pelo jornalismo.

Outro aspecto a ser apontado inicialmente é que as marcas deixadas pelas comparações a respeito de Bolsonaro pelos atores sociais vão além de atributos físicos e acertam diretamente os traços autoritários de suas manifestações. Isso nos indica um movimento histórico, tanto do ponto de vista dos pronunciamentos feitos por Jair Bolsonaro quanto também do processo de comunicação envolvendo a reverberação dessas mesmas falas.

Por mais que esses signos e discursos sobre autoritarismo sejam atualizados conforme circulam, muitos traços e elementos deles se consolidam no imaginário coletivo⁹. É possível dizer que esses imaginários não se esvaziam de sentido conforme circulam, tampouco que sejam fechados para novos signos. Pelo contrário, possibilitam que novas bagagens sejam agregadas com a circulação, trabalhando para a construção de imaginários ainda mais potentes.

Dentro disso, podemos questionar se a construção de sentidos que indicavam Bolsonaro como herói durante as eleições de 2018 também já deixavam indícios

⁹ Nesta pesquisa, entendemos que imaginário e sentidos não são a mesma coisa. O imaginário é interpretado por nós como meta estrutura, como algo além daquilo que está manifesto na representação ou no discurso, um arcabouço de imagens que pode produzir diversos sentidos. Já os sentidos diversos são como manifestações do imaginário.

relacionados a sua postura autoritária. Afinal, muitos pontos defendidos por Bolsonaro - como o nacionalismo e o patriotismo - beiram uma linha tênue com medidas adotadas por regimes autoritários.

Outra pergunta que surge observando os empíricos é se os atores sociais e o jornalismo são responsáveis por moldar esta imagem autoritária de Bolsonaro ou se eles apenas recuperam esta imagem porque ela é aderente aos próprios discursos do ex-presidente. Inferimos que as falas por ele proferidas mobilizam os atores que, por analogia, identificam as operações elaboradas por Bolsonaro e as tensionam como de fundo autoritário, referindo-se a situações antecessoras. Os discursos autoritários perduram no que Bolsonaro enuncia, e os atores se valem de seus espaços para retomar tais traços com vistas a um contradiscurso.

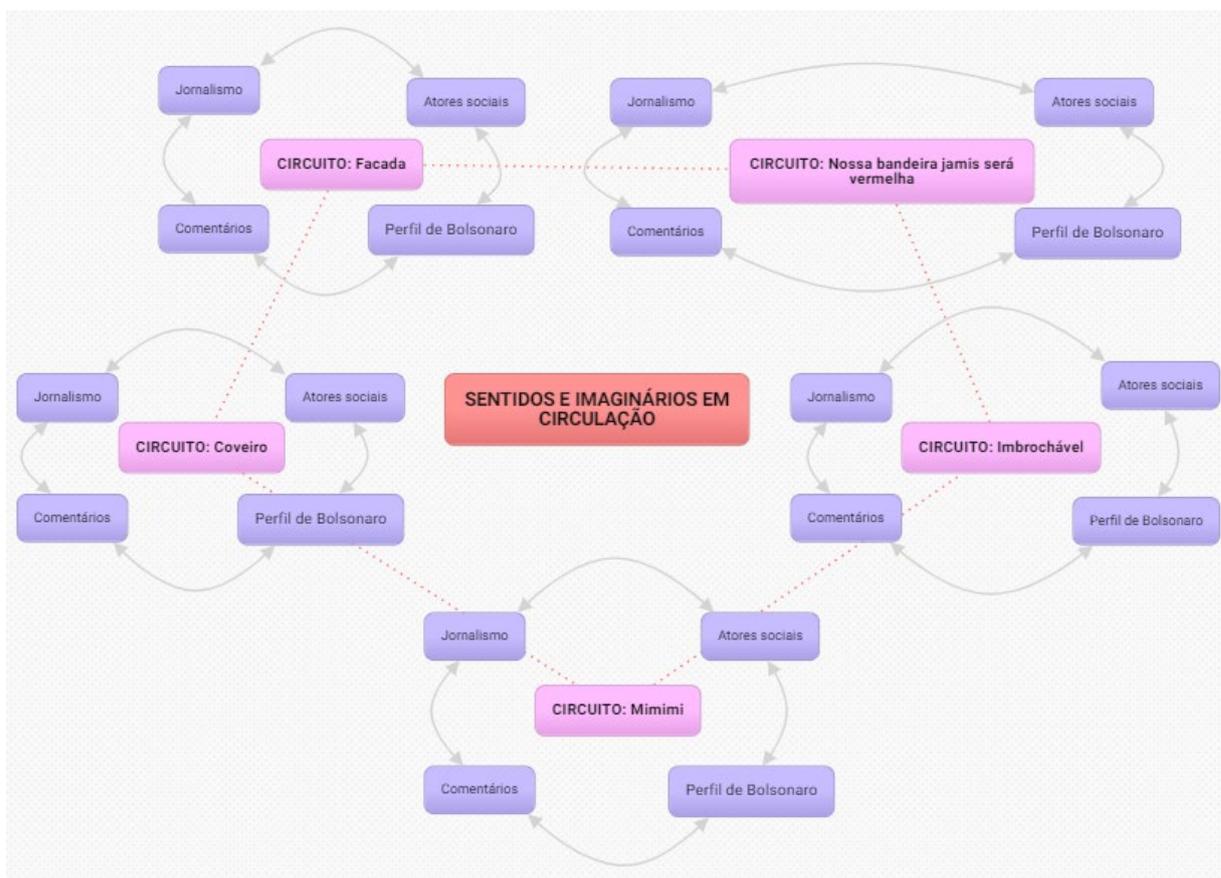
Também é notável que, mesmo que alguns sentidos a respeito de Bolsonaro prevaleçam entre as discussões dos atores sociais, ainda assim existe uma disputa. Apoiadores do então presidente fazem questão de contrapor os conteúdos que circulam, tanto em publicações de atores sociais quanto em reportagens de veículos jornalísticos. Isso nos mostra que o processo de construção de sentidos não é linear, visto que os embates parecem estar sempre presentes.

Diante destes pontos aqui levantados, vale apontar que as inferências citadas são fruto de pistas deixadas pelo objeto em observação. Não se trata, portanto, de uma análise aprofundada, mas sim de possibilidades de abordagem e de proposições, que serão abordadas com maior intensidade ao longo da dissertação, bem como problematizadas à luz da teoria.

2.5 DESENHO DE PESQUISA

Na tentativa de tornar mais tangível a constituição do caso, realizamos um desenho de pesquisa. Na ilustração a seguir, buscamos expressar a conexão dos diferentes circuitos que compõem o objeto deste trabalho, bem como as materialidades que fazem parte de cada um dos episódios selecionados.

Figura 4 - Desenho da pesquisa



Fonte: Elaborado pela autora

Destacamos no desenho que cada um dos circuitos é composto a partir da circulação de materiais jornalísticos, comentários nas reportagens, publicações de atores sociais e comentários no perfil de Jair Bolsonaro no Twitter¹⁰. Importante apontar que a circulação destas materialidades não se dá de forma linear e não segue fluxos padrões. Por isso, adicionamos setas que ligam todos os elementos no processo de constituição dos circuitos.

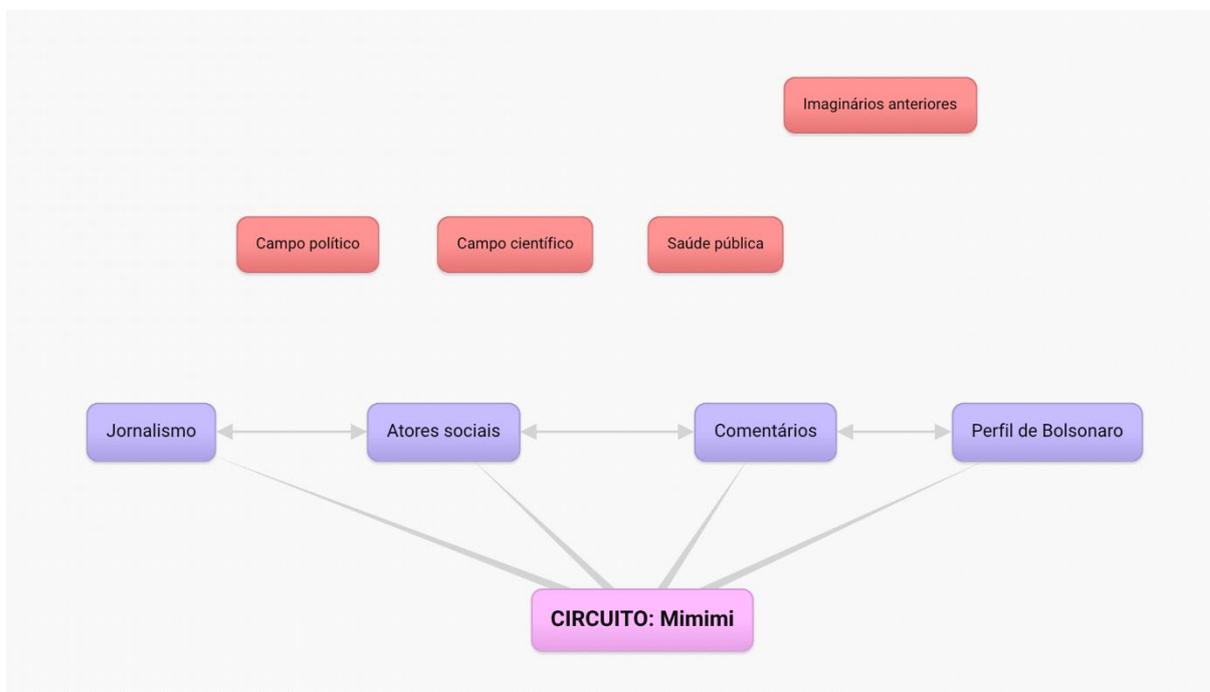
Outra identificação a ser destacada a respeito do desenho de pesquisa é a presença de linhas pontilhadas na cor rosa entre os circuitos. A intenção é demonstrar que a construção de sentidos a respeito de Bolsonaro se dá justamente a partir de uma conexão entre todos os circuitos.

Por conta da complexidade de interações, também optamos por construir uma espécie de zoom a partir do desenho de pesquisa, com a intenção de aproximar ainda mais os elementos que fazem parte do caso. Escolhemos o circuito “Mimimi” para

¹⁰ Nesta dissertação, entendemos que atores sociais são aqueles que atuam no processo de produção de sentido, tanto em seus próprios perfis em redes sociais como também na esfera dos comentários.

demonstrar alguns processos que os permeiam, mas vale apontar que cada circuito possui especificidades que serão aprofundadas ao longo da dissertação.

Figura 5 - Zoom do desenho da pesquisa



Fonte: Elaborado pela autora

Neste desenho, fomos além da descrição das materialidades que compõem cada circuito. Aqui, a tentativa foi de mostrar o atravessamento de campos e de referências que percebemos existir nos episódios analisados. No caso do “Mimimi” especificamente, constatamos uma forte presença dos campos político e científico nos materiais em circulação. Também notamos uma grande relação com as discussões sobre a saúde pública, visto que esta é uma pauta que cerca completamente o circuito.

Outra identificação foi o acionamento de imaginários coletivos anteriores nas produções a respeito de Bolsonaro. Desta forma, os atravessamentos se tornam ainda mais complexos porque dizem respeito a situações do passado, que são resgatadas e postas em circulação. Mas, ao mesmo tempo, também são complexas por acionarem variados campos da sociedade para as discussões de acontecimentos do presente. Ou seja, o próprio limite temporal é ultrapassado ao passo que são envolvidos debates de temporalidades distintas.

Também ressaltamos que estes cruzamentos identificados variam de acordo com cada produção. Algumas demonstram carregar bagagens mais complexas do

que outras. Portanto, apesar de o desenho realizado com linhas parecer linear, o seu funcionamento prático não o é.

Nossa intenção com este “zoom” do desenho de pesquisa foi de mostrar que os circuitos não são formados apenas por diversas materialidades. Eles envolvem atravessamentos nas próprias produções destas materialidades. Afinal, são acionadas referências, retomados imaginários e envolvidos campos sociais neste complexo processo de produção de sentidos.

Por isso, a seguir partiremos para o capítulo de discussão teórica, no qual poderemos adentrar nos debates a respeito desta complexidade que cerca nosso objeto de pesquisa.

3 REFLEXÕES TEÓRICAS

3.1 MUDIATIZAÇÃO, MÚLTIPLAS VOZES

Compreender a midiatização envolve, antes de tudo, entendê-la como um processo em construção, atravessado por mudanças em diversos campos da sociedade e que, portanto, a tornam complexa. Entendo aqui a midiatização como um intenso movimento de reconfiguração social, potencializado pelas tecnologias, mas não limitado a elas. Enxergo que a midiatização não é somente um fenômeno institucional, mas também cultural e diretamente interligado aos processos sociais.

Desta forma, estabeleço uma visão fundada nos estudos latino-americanos sobre o conceito, especialmente a partir da base teórica de Eliseo Verón, com sua elaboração sociossemiótica. Ainda em 1997, o autor elaborou um reconhecido diagrama para representar os processos interacionais e as complexas relações resultantes da midiatização. Em seu esquema, Verón exhibe diferentes zonas de contatos desenvolvidas a partir da ambiência da midiatização, demonstrando de forma didática as articulações que se estabelecem entre instituições, meios e atores individuais.

Apesar de termos afinidade com esta visão proposta por Verón, entendo que a midiatização não é um conceito fechado e, por isso, a proposta deste capítulo é abraçar outras discussões em andamento, a fim de entender como elas podem nos auxiliar a compreender melhor o objeto de nossa pesquisa.

Início este movimento com a discussão sobre o campo das mídias enquanto mediador de práticas entre instituições e indivíduos. Especialmente no século passado, a mídia desempenhava um papel de construção da realidade por ocupar uma posição central na sociedade. Este cenário começa a mudar e, paralelamente, ganham destaque os estudos sobre midiatização, que buscavam explicar a noção de um sistema em que culturas, lógicas e operações midiáticas constituem as formas de organização da própria sociedade.

Neste sentido, estudos também analisam a complexificação causada nas relações entre produção e recepção. Com a midiatização, o receptor tornou-se ativo não somente usufruindo das tecnologias enquanto ferramentas, mas também como dispositivos capazes de mediar suas relações no dia a dia (FAUSTO NETO, 2018). Neste sentido, o autor nos mostra que a midiatização vai além da penetração das

lógicas dos meios nos processos sociais. Ela diz respeito a uma reorganização social, que trabalha diretamente com o surgimento de novas lógicas.

Trago estes aspectos iniciais sobre as discussões de midiatização porque acredito estarem completamente relacionados com esta pesquisa. Afinal, o que torna o objeto de análise deste trabalho tão complexo são os reflexos da midiatização em nossa sociedade. Poderíamos recortar os discursos de Jair Bolsonaro para outro marco temporal e facilmente teríamos uma realidade comunicacional muito diferente da atual, visto que agora contamos com um intenso grau de participação de atores sociais na repercussão e reapropriação dessas falas.

Seguindo nossa abordagem sobre os conceitos em andamento, trago a noção de Gomes (2016), que define que as tecnologias digitais tornaram as relações mais amplas, potencializando também a participação humana e transformando o meio social, gerando como consequência um novo modo de ser no mundo. Ele afirma que a midiatização “é um princípio de inteligibilidade social, um novo modo de ser no mundo, trazendo elementos que permitem compreender a evolução social na sua complexidade e consciência” (GOMES, 2016, p. 54).

Nesta mesma linha, temos a concepção de Sodré (2002), na qual a midiatização constitui-se como um novo modo de presença no mundo. Apoiado no conceito dos três bios aristotélicos¹¹, ele aponta o nascimento de um quarto - o bios midiático -, em que se alteram as formas de viver em sociedade e, assim, passa-se a viver a tecnocultura. Com tecnocultura, Sodré sugere uma cultura própria, marcada por uma “transformação das formas tradicionais de sociabilização, além de uma nova tecnologia perceptiva e mental” (SODRÉ, 2002, p. 27).

Entendo que as visões de Gomes e Sodré são perspectivas interessantes para compreendermos a midiatização a partir da visão dos indivíduos, que estão inseridos em uma ambiência complexa e que - muitas vezes - criam intuitivamente novas estratégias de relação e de apropriação dentro deste novo ambiente. Além disso, a pesquisa de Gomes (2015) colabora conosco ao passo que questiona como o novo bios de Sodré se comporta em relação aos demais. Ele pontua que a midiatização afeta diferentes relações sociais, inclusive o nosso modo de fazer política - que aqui se relaciona diretamente com o contexto de nossa pesquisa.

¹¹ 18 Os bios aristotélicos apresentados na obra do autor são: theoretikos (vida contemplativa), politikos (vida política) e apolaustikos (vida prazerosa/do corpo).

A fim de abraçar perspectivas de outras partes do globo, trago aqui um breve olhar sobre os estudos norte americanos e europeus. Stig Hjarvard, por exemplo, adota uma visão mais institucional sobre o fenômeno, apontando uma direção em que as mídias e as instituições sempre afetam a sociedade.

Compreendemos o processo pelo qual a sociedade cada vez mais se submete ou se torna dependente da mídia e de sua lógica. Esse processo é caracterizado por uma dualidade em que os meios de comunicação se integraram às operações de outras instituições sociais, ao mesmo tempo em que adquiriram o status de instituições sociais por direito próprio (HJARVARD, 2008, p. 113).

Ou seja, na perspectiva do autor, a midiatização leva a um movimento de institucionalização da mídia como uma entidade autônoma, com lógicas próprias, e que faz com que as demais instituições da sociedade se tornem dependentes dos recursos que a mídia é capaz de controlar. Desta forma, a midiatização é colocada por Hjarvard como um processo equivalente à urbanização, por exemplo, visto que modifica as relações sociais e insere-as em novos contextos, porém a mídia segue como lugar central enquanto instituição.

A pesquisa de Livingstone e Lunt aponta que a midiatização é mais do que uma consequência da modernidade, é um metaprocesso que impulsiona a modernidade. Os autores consideram isso pois entendem que a midiatização funciona de maneira transversal, envolvendo todos os campos sociais. Portanto, “estende as capacidades humanas de comunicação através do tempo e do espaço”¹² (LIVINGSTONE; LUNT, 2014, p. 715, tradução nossa).

Já a perspectiva trabalhada por Schulz, estudioso alemão, pretende reconstituir a midiatização como um conceito analítico, descrevendo suas funções e desempenhos. Ele pontua que quatro processos de transformação representam diferentes aspectos da midiatização. São eles:

Primeiro, a mídia estende os limites naturais das capacidades de comunicação humana; segundo, os meios de comunicação substituem as atividades sociais e as instituições sociais; terceiro, a mídia se funde com várias atividades não midiáticas na vida social; e quarto, os atores e organizações de todos os setores da sociedade se acomodam à lógica midiática (SCHULZ, 2008, p. 98, tradução nossa).¹³

¹² Texto original: "mediatization extends human capacities for communication through time and space".

¹³ Texto original: "First, the media extend the natural limits of human communication capacities; second, the media substitute social activities and social institutions; third, media amalgamate with various non

A partir disso, o autor questiona se estamos próximos ao fim da midiatização. E, como resposta, nos coloca três possibilidades. Ele considera que uma delas é uma resposta otimista (a evolução das mídias eliminaria as restrições que as mídias tradicionais tinham sobre os processos de comunicação). Enquanto as outras duas respostas são: uma noção moderada (as novas mídias não se deslocam das velhas mídias, portanto, os efeitos de midiatização perduram no ambiente das novas mídias) e uma noção cética (novas mídias podem dar origem a novos modos de midiatização a partir de suas funções semiótica e econômica).

Acredito que, entre as três visões propostas pelo pesquisador, é viável pensar em uma articulação entre a perspectiva moderada e a cética. Entendo que as velhas mídias ainda se fazem presente nos processos de comunicação atuais, mesmo que reconfiguradas. Podemos pensar, por exemplo, em como os jornais impressos tradicionais se adaptaram e, hoje, se apresentam dentro de sites de forma digital.

Por outro lado, quanto maior o impacto das mídias e das tecnologias nas relações sociais, mais os processos de midiatização se transformam. Se até hoje temos o conceito em construção, penso que novos fenômenos comunicacionais também podem fazer parte da midiatização, se inserindo dentro do que o conceito busca discutir. Portanto, não se trata de abordar a questão do fim da midiatização, mas de como esta se intensifica enquanto processualidade.

Dentro disso, aproveitamos para aprofundar em um próximo item o que entendemos enquanto midiatização política, visto que se trata de uma definição necessária para contextualizar a nossa pesquisa.

3.1.1 Midiatização política

Dedicar um momento deste capítulo para pensar a midiatização política se faz importante dentro de uma pesquisa cujo contexto é permeado por este cenário. Trazemos como base para isto a pesquisa de Lídia Raquel Herculano Maia (2020), que nos sugere observar as investigações a partir do contexto em que o fenômeno pesquisado emerge, visto que a manifestação da midiatização pode variar de acordo

media activities in social life; and fourth, the actors and organizations of all sectors of society accommodate to the media logic."

com a maneira como são construídas as relações, tanto do ponto de vista histórico como também entre a política, os meios de comunicação e a sociedade.

A autora também evidencia a importância de estar atento aos processos em que os atores políticos são envolvidos, observando as lógicas que são acionadas. No entanto, reforça que diferentes processos interacionais não são suficientes para explicar a totalidade da midiatização da política (MAIA, 2020).

As experimentações de uso das mídias sociais nas duas últimas campanhas presidenciais brasileiras revelam a necessidade de se pensar a midiatização da política para além da tradição institucionalista, focada nas transformações do campo político em função da interpenetração das lógicas da mídia. A abordagem socioconstrutivista pode contribuir, nestes casos, para se pensar como os processos interacionais experimentados em cada caso cooperam, junto às lógicas algorítmicas instituídas, para dar forma ao fenômeno de midiatização da política (MAIA, 2020, p. 16).

Ao apresentar as abordagens possíveis para se pensar a midiatização política, especialmente no contexto brasileiro, a autora nos indica a necessidade de uma atenção aos movimentos tentativos produzidos pelos atores políticos. Afinal, diferentes usos e apropriações podem se originar neste cenário. Ao mesmo tempo, há também a necessidade de observar a forma como o campo político se molda a partir das lógicas da midiatização. Pesquisas como a de Fausto Neto já trabalhavam com essa questão ainda em 2006.

Percebemos que as condições de produção e de funcionamento do discurso político estão intimamente permeadas por um conjunto de determinantes que vêm de fora, de outras discursividades. De modo particular, do que emana da ambiência, das lógicas, da cultura e de referências da midiatização (FAUSTO NETO, 2006, p. 159-160).

Ao apontar que o discurso político brasileiro se subordina a operações da midiatização, o autor pontua que a midiatização afeta a prática da política no país. “E estratégias com que a política se vincula aos indivíduos têm como parâmetros elementos desse atual estágio de desenvolvimento da esfera das mídias” (FAUSTO NETO, 2006, p. 160). Além disso, é válido lembrar que se trata de uma produção científica a respeito de um cenário diferente do atual, sendo que hoje as lógicas da midiatização modificaram ainda mais as relações sociais.

Em outro contexto, Eliseo Verón e Silvia Sigal (1988) também observaram as relações políticas na Argentina a partir dos discursos de Juan Domingo Perón. Os autores analisaram a forma como o presidente transforma sua persona, ocupando

uma posição de líder para se comunicar com o país. Há aqui também marcas de estratégias políticas utilizadas para a comunicação midiática.

Nesta mesma linha, acionamos Strömbäck (2008), que ressalta que cada modelo de governo implica em diferentes relações midiáticas e, conseqüentemente, em diversas formas de manifestação da midiatização. Para explicar isso, o autor sueco apresenta quatro dimensões da midiatização política. Ao fazer essa diferenciação das quatro fases, ele frisa que o processo não é linear, além de deixar claro que sua pesquisa observa diretamente o contexto comunicacional com foco nos meios de comunicação tradicionais, visto que este acaba sendo o destaque midiático em países nórdicos. No Brasil, no entanto, é preciso levar em conta o protagonismo dos atores sociais e das redes digitais. Mas, apesar de o foco da pesquisa de Strömbäck ser direcionada à relação dos veículos de imprensa, sua observação sobre as dimensões é interessante também para a nossa dissertação, visto que o aspecto das instituições jornalísticas se faz presente dentro desta pesquisa.

De acordo com ele, a primeira fase seria percebida quando a mídia é dominante na forma de informação sobre o campo político. A segunda fase acontece quando os meios de comunicação são independentes das instituições políticas. Já a terceira é o grau em que o conteúdo da mídia é governado por uma lógica política ou pela lógica da mídia. Por fim, o quarto aspecto se manifesta quando os atores políticos são governados por uma lógica política ou pela lógica da mídia. A primeira fase, conforme o autor, deve ser vista como um pré-requisito para que as demais fases aconteçam (STRÖMBÄCK, 2008).

Mesmo com estas delimitações, o pesquisador nos lembra de que as fases podem se relacionar entre si. Mas o grande destaque em termos de midiatização da política - e que aqui mais nos interessa - é a quarta etapa.

Quando políticos e outros atores sociais não apenas se adaptam à lógica da mídia e aos valores-notícia predominantes, mas também os internalizam e, mais ou menos conscientemente, permitem que a lógica da mídia e os padrões de noticiabilidade se tornem parte integrante dos processos de governo (STRÖMBÄCK, 2008, p. 239-240, tradução nossa).¹⁴

¹⁴ Texto original: "When political and other social actors not only adapt to the media logic and the predominant news values, but also internalize these and, more or less consciously, allow the media logic and the standards of newsworthiness to become a built-in part of the governing processes".

Esta concepção relaciona-se com o que compreendemos enquanto midiatização da sociedade de forma geral, na qual muitas lógicas e processos acabam sendo autonomizados no cotidiano dos atores sociais e das instituições. Aqui também podemos pensar no nosso caso de pesquisa, olhando diretamente para a relação de Bolsonaro com as mídias. Acionando Braga (2015), retomamos o conceito de lógicas de midiatização, no qual os atores sociais e políticos são atravessados por lógicas próprias da midiatização, que por sua vez remodela seus fazeres. Portanto, não se trata de ir à mídia, mas de fazer mídia a partir das ferramentas disponíveis. São processos tentativos e de experimentações. "Lógicas de midiatização correspondem então a algo muito mais diversificado, menos globalmente apreensível, mais plural - e certamente menos conhecido - do que lógicas da mídia" (BRAGA, 2015, p. 26).

Como exemplo disso, pensamos na escolha de Bolsonaro de utilizar o Twitter como meio oficial para se comunicar com a população, deixando de lado lógicas tradicionais, como as coletivas de imprensa com jornalistas. Desta forma, não são mais as lógicas da mídia que pautam o comportamento comunicacional e sim esta nova configuração no ato de comunicar. Assim, podemos pensar que temos uma visão que vai até mesmo além das quatro fases propostas por Strömbäck, visto que aqui não estamos mais nos detendo apenas às lógicas da mídia e sim às lógicas da midiatização.

Em vista disso, cabe aqui outro esclarecimento a respeito de nosso olhar sobre a midiatização. Falamos, ao longo deste item, sobre a midiatização política e entendemos ser importante fazer uma distinção conceitual de nossa perspectiva entre midiatização política e midiatização da política. Adotamos neste texto a primeira definição por compreendermos que as discussões aqui presentes vão além do campo político estrito. Trata-se das práticas políticas de forma mais ampla, de um fazer politizado que envolve o protagonismo de atores sociais em redes sociais, que se apropriam de seus espaços para construir movimentos de ativismo, a exemplo do *Ele Não*. Engloba também as próprias lógicas da midiatização que citamos anteriormente com as escolhas de Jair Bolsonaro de comunicar utilizando redes sociais.

Ou seja, nos interessa muito mais pensar quem faz a política, como ela é feita, como é posta em debate. Assim sendo, adotamos esta visão conceitual de denominar este item como midiatização política e não de midiatização da política, por entendermos que este posicionamento se alia com os objetivos desta pesquisa.

Seguindo neste caminho, devemos ampliar nossas reflexões teóricas para outros conceitos relacionados à midiatização.

3.2 CIRCULAÇÃO: EMBATES E VALORES

Uma das principais discussões que surgem a partir do conceito de midiatização é sobre a circulação. Inicialmente, era compreendida como zona de passagem e defasagem entre os processos de produção e recepção. Agora, passa a ser interpretada como uma forma de atribuição de valor, onde emergem circuitos e são construídos sentidos (ROSA, 2016). Aproveito para pontuar que esta é apenas uma das abordagens possíveis para se compreender o conceito, mas a coloco em destaque por ser a hipótese teórica na qual este trabalho se insere.

As discussões sobre circulação permeiam estudos em comunicação há décadas, mas recentemente passaram a ser de fato problematizadas como um interessante foco para estudos. Em Verón (2004), houve a percepção de que as gramáticas de produção estão em desacordo com as gramáticas de reconhecimento, gerando ruídos e diferenças nos processos de comunicação. Essa visão foi sendo lapidada a partir de diversos outros estudos e, atualmente, a circulação é vista além de um polo que conecta operações de produção e recepção.

De acordo com tal perspectiva, a circulação vai além de uma “zona de passagem” sendo o lugar de acoplamentos de dois conjuntos de relações – produção/reconhecimento – que são colocados em contato segundo manifestações de feedbacks complexos, como possibilidade de acesso às regras de materialização dos sentidos (FAUSTO NETO, 2018, p. 31).

Pesquisas como a de Gastón Cingolani colocam a circulação como um momento de tensão entre superfícies midiáticas. Portanto, ela acaba sendo assimilada nesta perspectiva muito mais como uma assimetria ou uma diferença do que como um movimento de aglutinação. "Sempre há circulação, sempre há atraso; mas a midiatização é o processo humano que acentuou a assimetria entre produção e reconhecimento"¹⁵ (CINGOLANI, 2018, p. 69, tradução nossa).

Apesar de entendermos a circulação além da diferença de sentido entre a produção de um discurso e seu reconhecimento, encontramos também similaridades

¹⁵ Texto original: "Siempre hay circulación, siempre hay desfase; pero la mediatización es el proceso humano que acentuó la asimetría entre producción y reconocimiento".

com a proposta de Cingolani, especialmente quando o autor se refere à circulação de sentidos. "O sentido de circulação não é dado apenas pela dimensão do conteúdo (o que é dito, o que é respondido), nem por quem são os agentes, nem por quem são os agentes (quem se comunica com quem: CASTELLS, 2000), mas também pelas variantes de suas doações e dotações"¹⁶ (CINGOLANI, 2018, p. 71, tradução nossa). Ou seja, entendemos, a partir disso, que a melhor maneira de captar os sentidos é a partir das apropriações ou operações.

Já Ferreira (2013) nos coloca a circulação como uma forma abstrata. No entanto, ao afirmar que "a circulação é uma problemática que se destaca nas relações entre processos intermediáticos (entre dispositivos) e intramediáticos (no âmago do dispositivo)" (2013, p. 149), o autor nos indica que o foco de observação dos fenômenos em circulação deve ser a interação entre os usuários dos meios e seus respectivos "dispositivos sociais (de organizações e instituições)". Neste momento, então, a circulação se concretiza e se torna passível de análise. Fausto Neto também aponta que a circulação acaba deixando rastros que podem ser captados, especialmente a partir da observação da linguagem. "A circulação deixa visíveis alguns traços dos acoplamentos por ela gerados, e que se manifestam através de forma (de linguagens)" (FAUSTO, 2013, p. 50).

Também encontramos pesquisas em que a circulação é vista além de um local ou de um espaço. Inclusive, adoto aqui esta mesma percepção. "A circulação não é um lugar, uma vez que não há formas de retenção, nem um espaço físico ou fechado para circular objetos. A circulação consiste exatamente na disputa, no embate pela produção de sentido que se realiza no âmbito dos dispositivos midiáticos" (ROSA, 2019, p. 22).

Nesta circunstância, os atores sociais não são somente consumidores dos conteúdos, mas também participam do processo de apropriação dessas informações a partir de seus próprios pontos de vista, seja com novos significados ou com a reiteração dos mesmos. Essa intensificação envolvendo os sentidos em circulação acaba por disseminar os discursos de forma mais intensa, permitindo que se produzam novas formas e novos sentidos conforme eles se espalham.

¹⁶ Texto original: "El sentido de la circulación no solo está dado por la dimensión del contenido (qué se dice, qué se responde), ni por quiénes son los agentes (quién se comunica con quién: CASTELLS, 2000), sino también por las variantes de sus donaciones y apropiaciones".

Além disso, a circulação carrega consigo transformações nas esferas de produção, especialmente do ramo jornalístico, que vê suas lógicas impactadas. A criação de novas dinâmicas resulta em modificações na organização da sociedade e nos vínculos criados entre os campos sociais. "O acontecimento, neste contexto de circulação, dissemina-se diretamente da fonte para outros campos sociais e seus atores, sem passar pelos processos regulatórios e mediacionais dos processos produtivos jornalísticos" (FAUSTO NETO, 2013, p. 59).

Portanto, compreende-se que as relações de valor não são mais apenas determinadas pelos meios, já que os atores sociais também passaram a participar desse processo. Deste modo, eles "não estão apenas na condição de receptáculos, mas de quem promove demandas e faz uso efetivo dos dispositivos técnicos, adquirindo uma espécie de liberdade ou concessão para eleger seus próprios valores ou reiterar os vigentes" (ROSA, 2019, p. 24).

Como já afirmava Braga (2012), o valor não está no objeto que circula, mas na construção de sentido das narrativas, enunciados e operações. Mais do que um elemento constituinte de um processo, o ator social torna-se parte dele. Assim, ao criar uma hashtag, ao produzir conteúdo nas redes digitais ou ao criar desdobramentos de modo inventivo, as interações sociais permitem que circuitos se estabeleçam.

A circulação é então um processo característico da midiatização. É condição para o movimento de produção de sentidos, visto que é na circulação que acontecem os embates em busca de atribuição de valor. E dentro do processo de circulação, inúmeros aspectos ganham notoriedade, desde o potencial produtor dos atores sociais como também as marcas deixadas pelos meios envolvidos. Como aponta Fausto Neto (2020, p. 63), "meios e processos de comunicação não são apenas reprodutores de acontecimentos". Ou seja, não são zonas neutras. Isso nos permite pensar que, conforme os materiais circulam por diferentes meios, eles acabam sendo atravessados por características próprias de cada plataforma.

Quando um discurso de Jair Bolsonaro reverbera na imprensa, ele é permeado por práticas próprias da produção jornalística. Quando é reproduzido em redes sociais digitais, ele é penetrado por usos e apropriações de diferentes atores sociais. Esse processo acaba sendo uma particularidade da sociedade em midiatização, que potencializa a circulação de sentidos.

A circulação, portanto, implica em uma dimensão coletiva por gerar impactos nas mais variadas esferas sociais. Eliseo Véron (1997), inclusive, pontua que os fluxos e circuitos afetam diretamente as relações sociais. Esse entendimento também é salientando Carlón (2019), que ressalta as mudanças dos coletivos e dos indivíduos a partir dos movimentos da circulação. “Enunciadores individuais e coletivos transformam a si mesmos e a sua relação com os outros a partir do início de discursos e processos diacrônicos específicos nas novas condições de trânsito que possibilitam hoje a sociedade hipermediatizada” (CARLÓN, 2019, p. 41, tradução nossa).

Desta forma, entendemos ser importante dedicar a seguir um item para falar especificamente sobre os circuitos e sobre seus impactos nos estudos de circulação.

3.2.1 Complexidade e circuitos

Antes de tudo, devemos situar nossa noção de circuitos como um complexo lugar de interações. Mais do que somente a circularidade dos objetos em diferentes espaços midiáticos e entre os atores sociais, os circuitos dizem respeito aos tensionamentos e às disputas de sentidos. Portanto, acabam se tornando foco para a nossa dissertação.

Começamos acionando Braga (2012), que afirma que nos circuitos não é especificamente um produto que circula. “O produto, entretanto, é um momento particularmente auspicioso da circulação – justamente porque, consolidado em sua forma que permanece (e que se multiplica, na sociedade em midiatização), pode continuar circulando e repercutindo em outros espaços”. (BRAGA, 2012, p. 41).

Além disso, com as intensas interações de uma sociedade midiatizada, cada setor da sociedade participa de circuitos múltiplos. “...os campos sociais, que antes podiam interagir com outros campos segundo processos marcados por suas próprias lógicas e por negociações mais ou menos específicas de fronteiras, são crescentemente atravessados por circuitos diversos” (BRAGA, 2017, p. 75).

Quando os discursos de Jair Bolsonaro sobre a Covid-19 reverberam em rede, muitos desdobramentos são ocasionados. Como exemplo, podemos citar as convocações para protestos diante dos pronunciamentos do ex-presidente - que envolvem diretamente o campo político -, ou campanhas de incentivo à vacinação -

que impactam a área da saúde. Estes desdobramentos constituem os circuitos desta pesquisa.

A partir disso, se faz importante entender também como se constituem os circuitos. Afinal, Braga (2012) aponta que a circulação se concretiza nos circuitos e, portanto, é preciso entender como estes surgem e se comportam. O autor nos indica que os atores sociais são quem constroem os circuitos e, que devido aos fluxos contínuos do processo de circulação, acabam envolvendo atravessamentos em diferentes ambientes e em diferentes materialidades.

Com fluxo adiante ou fluxo contínuo, Braga nos afirma que há um esforço de produzir e colocar os materiais em circulação já prevendo sua futura reverberação. Ou seja, se trata de uma lógica própria da midiatização e - consequentemente da circulação - de antever as dinâmicas e fluxos comunicacionais. "A circulação em fluxo contínuo não é apenas uma descrição abstrata. Ela se manifesta concretamente na sociedade, na forma de circuitos – que são culturalmente praticados" (BRAGA, 2012, p. 41). Ou seja, estes indícios nos permitem enxergar como a circulação e os circuitos se manifestam nos episódios que elencamos para esta pesquisa.

Uma vez que cada circuito é permeado por diferentes espacialidades e materialidades, acabam ocorrendo dentro deles inúmeras transformações e reinterpretações. Além disso, os fluxos dos circuitos não são lineares e, portanto, levam a resultados difusos.

Após a apropriação de sentidos daquilo que recebem ou captam, os participantes de um episódio podem pôr em circulação no espaço social sua resposta. Essa resposta, à diferença das interações conversacionais, não se manifesta como ida-e-volta entre participantes. O retorno relevante nesse âmbito é aquele, difuso, do circuito ampliado e não a volta imediata ao ponto de partida (BRAGA, 2017, p. 71).

Seguindo esta tentativa de identificar os funcionamentos dos circuitos, podemos trazer o conceito de Milani (2019) sobre circuitagem, que se refere à quando um circuito aciona outro circuito a partir de respostas de um ator social. "Entendemos que na circulação há um processo de circuitagem, onde os campos acionam e são acionados por circuitos outros criando correntes, para além dos fluxos" (MILANI, 2019, p. 149).

Portanto, a autora nos sugere que não se trata apenas de seguir adiante. Para exemplificar isso, ela nos propõe a comparação com uma corrente elétrica, cuja ideia

seria a de condução para ir e voltar. "A circuitagem acontece quando os circuitos são acionados criando correntes, para além dos fluxos contínuos, e é composta pelas camadas de sentidos que se revela na agonística" (MILANI, 2019, p. 152).

Esta proposição de Milani facilmente se aplica ao nosso trabalho, visto que estamos lidando diretamente com circuitos e, especialmente, por já termos identificado que os circuitos elencados para esta pesquisa acabam se relacionando entre si. Ou seja, a circuitagem se faz presente ao passo em que alguns dos circuitos analisados aqui acionam uns aos outros. Interessante, porém, pensar nesta dissertação como a circuitagem potencializa zonas de contato entre os circuitos, isto é, como os sentidos se acoplam, produzindo espécies de circuitos em abismo, utilizando aqui a metáfora da fotografia. Ou seja, quando vemos um circuito envolvendo Bolsonaro, vemos discursos e imaginários anteriores que passam a constituir e integrar um novo circuito como camadas de sentidos não apenas sobrepostas, mas coalescentes.

E, dentro destes processos de circuitagem, estão os sentidos em circulação. Para compreendê-los, cabe também um item que nos permita discutir sobre o processo de construção de sentidos.

3.3 DISCURSOS E PRODUÇÃO DE SENTIDOS

A construção de sentidos não é linear. É atravessada por lógicas diversas e por fluxos que caminham alternadamente nos processos de circulação. Portanto, falar sobre a produção de sentidos envolve, antes de tudo, entender que não é possível captar nem medir todos os sentidos que emergem, bem como não podemos interpretar os sentidos de forma única ou estática.

Eliseo Verón (1980) pontua que a análise dos sentidos deve ser feita a partir do "sentido produzido". Aqui, ele se refere aos traços deixados no sistema produtivo dos discursos sociais. Desta forma, este sistema produtivo - composto por quem emite a fala ou discurso - acaba por deixar marcas nos produtos, ou seja, em suas próprias falas. Isso pode ser facilmente aplicado aos pronunciamentos de Jair Bolsonaro, que são fortemente carregados de traços políticos e ideológicos relacionados ao lugar que ele mesmo ocupa.

Esse primeiro discurso emitido, por sua vez, acaba sendo desintegrado ou recortado ao passo em que circula. Muitos outros sentidos serão construídos a partir dos primeiros. Portanto, Verón nos indica um olhar atento às condições que permeiam a produção e a circulação destas falas. “Todo sentido produtivo pode ser considerado como um conjunto de coerções cuja descrição especifica as condições em que é produzido, circula e é consumido. Assim também para o sentido” (VERÓN, 1980, p. 191).

A partir disso, podemos compreender que, para captar fragmentos dos sentidos, precisamos que eles estejam materializados para serem observados. “O sentido não existe senão em suas manifestações materiais, nas matérias significantes que mostram as marcas pelas quais é possível descobri-lo” (VERÓN, 1980, p. 103).

Deleuze (1974) também nos coloca que o sentido está sempre entre uma coisa e outra. Ou seja, “é também a fronteira, o corte ou a articulação da diferença” (1974, p. 31). Nessa perspectiva, Deleuze relembra que “o sentido não existe, mas insiste ou subsiste na proposição” (1974, p. 34). Desta forma, está diretamente ligado às designações de sentidos feitas tanto no ato discursivo quanto na interpretação destas falas.

Seguindo nesta linha, o sentido pode ser visto como resultado de um produto coletivo, como um “trabalho social de investimento de sentido nas matérias significantes” (VERÓN, 2004, p. 54). E, ao mesmo tempo, também está diretamente relacionado com a ordem ideológica e de poder (VERÓN, 1980). Falando sobre relações de poder, acionamos Michel Foucault, que compreende que todo discurso é dotado de poder e está sempre em disputa. “...o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo porque, pelo que se luta, o poder do qual nos queremos apoderar” (FOUCAULT, 1996, p. 10). Esta noção é interessante quando pensamos em nossa pesquisa. Por exemplo, quando um ator social expõe a indignação e o desejo de que Bolsonaro deixe o cargo de presidente, ele se apropria do seu próprio poder de discurso, produzindo e disputando sentidos a respeito do então presidente.

Além disso, Foucault explica que o discurso também pode ser visto como um jogo. “... um jogo de escritura, no primeiro caso, de leitura, no segundo, de troca, no terceiro, e essa troca, essa leitura e essa escritura jamais põem em jogos senão os signos”, (FOUCAULT, 1996, p. 49). Assim, o autor aponta que o resultado deste jogo discursivo envolve justamente a disputa por sentidos.

Dentro disso, podemos trazer o ponto de vista da semiologia, na qual um mesmo discurso não produz um único efeito, visto que desenha “um campo de efeitos de sentido e não um e único efeito” (VERÓN, 2004, p. 216). Essa afirmação se relaciona com o movimento de circulação de discursos, que acaba passando por diferentes instâncias e por variados receptores, com bagagens e visões diferentes. As próprias falas de Bolsonaro são endereçadas, em grande parte das vezes, aos seus apoiadores, mas acabam sendo também recebidas por outros públicos que interpretam suas mensagens de outras maneiras e, a partir disso, iniciam produções de sentidos variados a respeito de Bolsonaro.

Seguindo neste caminho de enquadramentos ou sentidos que se consolidam, podemos trazer Mattana (2020), que nos apresenta as “falas totêmicas” ou fagias discursivas. Neste caso, se trata de sentidos e falas somadas repetidamente ao longo de narrativas, que por sua vez são capazes de reforçar dizeres e construir interpretações. Para Mattana (2020, p. 163) a partir de Rosa (2016), a circulação de narrativas envolve os processos de apropriação e reapropriação dos discursos. Porém, “ocorrem defasagens, perdas e ganhos de sentidos a medida em que este texto se desloca. Ocorrem, portanto, fagias discursivas neste trânsito”.

Apesar de compreendermos que inúmeros sentidos podem surgir a partir da circulação, entendemos ser válido trazer perspectivas como a de Motta (2003), que observa diretamente as produções de sentidos a partir do discurso jornalístico. Ele afirma que, mesmo que possa existir ambiguidade nas interpretações que os leitores têm a respeito das matérias jornalísticas, “a seleção e a combinação de linguagens e de significações tende a provocar a percepção de um sentido próximo, senão harmônico, com aquele pretendido, embora possa ser recriado pelo leitor” (MOTTA, 2003, p. 14). Ou seja, mesmo com variações possíveis, alguns sentidos acabam sendo estabelecidos na própria circulação, atribuindo um enquadramento único nas narrativas.

Desta forma, enxergamos aqui o jornalismo como uma narrativa do cotidiano, sendo que essa narrativa acaba sendo atravessada por imaginários e elementos estabelecidos sócio culturalmente. Os sentidos que são construídos ao longo das narrativas jornalísticas podem ser captados por meio dos significados das palavras e por meio de princípios estéticos, morais ou sociais subentendidos no ato comunicativo (MOTTA, 2003).

Desta maneira, podemos compreender que - assim como o processo de circulação envolve inúmeros embates - o movimento de produção de sentidos também é atravessado por tentativas de apropriação e consolidação, que por sua vez são carregadas por diferentes elementos linguísticos e presentes em nossos imaginários coletivos.

3.4 IMAGINÁRIO EM DISCUSSÃO

Assim como a construção de sentidos se destaca no processo de circulação das falas de Jair Bolsonaro, também devemos prestar atenção no acionamento de imaginários. Por isso, dedicaremos este subcapítulo para discutir algumas noções sobre imaginário, cruzando-as com nosso objeto de pesquisa a fim de encontrarmos contribuições para pensar este aspecto.

Sabemos que existem diversos ângulos para se pensar o conceito de imaginário, que levam a compreensões diferentes a seu respeito. Para este texto, vamos nos deter a conversar com autores que contribuem para a construção da nossa perspectiva. Ela se baseia em um cruzamento das concepções trabalhadas especialmente por autores como Gilbert Durand e Dietmar Kamper, além de outros estudiosos que agregam para as discussões.

Iniciando com Kamper (2018), nos identificamos com sua visão do imaginário como uma órbita que envolve a todos. Ele define essa órbita como uma força cultural formada por imagens consolidadas ao longo da história e a coloca como um imaginário coletivo.

Formou-se uma órbita, aliás, a partir das ruínas das grandes obras da humanidade: religião, estado, filosofia, arte e técnica. É um novo tipo de prisão; não é feita de muros, e, sim, de desejos e sonhos fracassados, principalmente do sonho da razão, que, há dois séculos, tem gerado monstros. Por motivo de simplificação, isso recebe aqui o nome de “imaginário”, um caldeirão pós-histórico de estratégias históricas ligadas à realidade e à aparência (KAMPER, 2018, p. 85).

A partir disso, se faz interessante utilizar a leitura de Mauricio Ribeiro da Silva (2007) sobre a obra de Kamper. Para ele, a compreensão de Kamper “aponta para o esvaziamento simbólico das imagens, às quais se tornam figuras (figuras de dissimulação) caracterizadas pelo estabelecimento de um regime de fantasia de

poder" (p. 71). A órbita de Kamper seria então uma espécie de prisão simbólica, em que as imagens acabam sendo saturadas e, assim, esvaziadas.

De acordo com Silva (2020, p. 129), é possível compreender este esvaziamento das imagens observando "a velocidade com a qual se tornam obsoletas e são substituídas e a consequente redução do tempo dedicado à sua interpretação". Dito isso, o autor se refere a imagens produzidas midiaticamente, que são as que aqui nos interessam. Portanto, essas imagens midiáticas estão inseridas diretamente em um ambiente que prevê o seu consumo acelerado, o que acaba gerando conflitos na reflexão e na imaginação das pessoas a respeito delas. "... em lugar de operar na cultura o acesso ao imaginário pleno de potência imaginativa, apresentam-se como uma espécie de imaginário instrumental, isto é, uma forma rebaixada de imaginário não imaginativo" (SILVA, 2020, p. 133).

Na nossa interpretação, essa órbita de lixo imaginário pode ser vista para além de um esvaziamento completo. Podemos pensar que esta órbita torna as imagens autorreferentes, mas não limitadas. Nos parece interessante pensar também sobre como imagens históricas são acionadas e postas em circulação mesmo após tanto tempo, como a força simbólica dura neste processo.

Aqui nos cabe também uma diferenciação sobre imaginário midiático e imaginário antropológico. Embora ambos se contatem, o imaginário midiático é o que mais nos interessa nesta pesquisa, especialmente por conta deste alinhamento com a proposição de Kamper. A partir de Rosa (2020), compreendemos o imaginário midiático como:

...um conjunto de imagens que circulam e que, portanto, acionam sentidos múltiplos em torno de determinadas questões, inclusive promovendo constantes pontos de contato com este imaginário mais profundo, que se vincula às imagens simbólicas, à nossa capacidade imaginativa (ROSA, 2020, p. 190).

Kamper mesmo coloca que o imaginário só existe a partir das pessoas. "Assim como o capital, ele "vive" da vida de pessoas, porém não sem algum voluntarismo por parte dos envolvidos. Ou seja, o poder do imaginário provém do imaginário do poder" (2018, p. 85). Isso nos permite projetar que, apesar de estarem alicerçadas e consolidadas inconscientemente, as imagens não estão fechadas ou suprimidas, permitindo que recebam novas apropriações.

Ao passo em que Kamper pontua este esgotamento, ele também sugere uma solução, que seria utilizar a força da criatividade: "contra o imaginário ajuda somente

a força da imaginação” (2018, p. 76). Com isso, o autor nos sugere uma chave interessante para pensar como a imaginação é força fundamental no próprio processo de produção de sentidos. Afinal, este momento de imaginação sugerido por Kamper seria o momento de reflexão, de questionamento, de criação.

Na leitura da Danielle Naves de Oliveira sobre a obra de Kamper, esta pausa para imaginar contribui também para ocupar a órbita do imaginário, ao passo em que a imaginação proporciona novas imagens. “A imaginação é uma força corporal. Não provém de uma órbita externa e compulsiva (embora possa gerá-la e alimentá-la), mas da carne, da terra”, (2014, p. 170).

Neste ponto, a pesquisa de Kamper também pode ser cruzada com a ideia de Castor Bartolomé Ruiz. Ele, por sua vez, vê o próprio imaginário como uma força criativa, potencial para transformar a realidade. Ele o entende como um “fluir criador que constrói permanentemente imagens com sentido de um mundo” (2003, p. 49), mas que embora tenha essa força criativa, também está diretamente conectado com a racionalidade.

Ou seja, não se trata de algo abstrato, mas sim de algo materializado, que permite ao ser humano construir sentidos. “O imaginário é pura potencialidade de renovar o sentido do já existente. Porém, essa criação de sentido só pode expressar-se por meio do logos” (RUIZ, 2003, p. 51). Esta percepção é interessante para pensarmos que o imaginário não fica somente na esfera do inconsciente e que pode sim ser captado na circulação. No entanto, o autor aponta que o imaginário acaba sendo visualizado a partir de seus efeitos. De certa forma, quando assimilamos que estão sendo acionados imaginários em produções midiáticas, estamos enxergando sua manifestação de efeitos e sentidos.

Partindo para Gilbert Durand, nos identificamos em sua elaboração sobre o imaginário enquanto um repertório iconográfico individual (1989), composto por imagens já vistas anteriormente. Essas imagens, em sua visada, são interiores (formadas por elementos nunca materializados) e exteriores (fotografias, por exemplo). Ao mesmo tempo em que temos este repertório, o autor nos afirma que este conjunto de imagens é responsável por construir uma memória coletiva que permeia toda a cultura.

... o Imaginário - ou seja, o conjunto das imagens e relações de imagens que constitui o capital pensado do homo sapiens - aparece-nos como o grande

denominador fundamental onde se vêm encontrar todas as criações do pensamento humano (DURAND, 2002, p. 18).

Desta forma, o imaginário se coloca como intrínseco ao ser humano e, portanto, fundamental para a compreensão da vida em sociedade. Além disso, também é visto pelo mesmo autor como uma espécie de “bacia semântica”, onde estas imagens podem se multiplicar (DURAND, 2002). Essa visão é interessante para pensarmos o imaginário como um inconsciente coletivo, composto individualmente por elementos únicos, mas ao mesmo tempo com imagens comuns, consolidadas anteriormente e armazenadas ao longo do tempo. Além disso, essa ideia de bacia semântica também nos permite um cruzamento com as lógicas da midiatização, que tornam os processos produtivos acelerados e que, desta forma, também contribuem para a criação de novas imagens.

Falando sobre novas imagens ou sobre novos significados para as mesmas imagens, trazemos a pesquisa de Jean-Jacques Wunenburger, que utiliza o exemplo de uma árvore para refletirmos sobre os significados que evocamos. Ao visualizarmos uma árvore, o autor pontua que não enxergamos apenas sua representação estética, mas também outras significações associadas à nossa consciência, como a de longevidade. “A imagem se torna, a partir de então, em sentido estrito, simbólica, no sentido de que sua força psíquica, sua consistência semântica vem de metassignificações” (WUNENBURGER, 2003, p. 13).

Com isso, o valor simbólico das imagens vai além de sua dimensão representacional, desvelando novas possibilidades de criação por parte do ser humano. As imagens que observamos nesta pesquisa parecem muitas vezes carregadas destas metassignificações sugeridas pelo autor. Exemplo disso seriam as imagens da bandeira do Brasil, que acionam imaginários de conservadorismo ou então de apoio ao ex-presidente Jair Bolsonaro. Assim, imagens podem ir além de suas significações primordiais, abraçando novos olhares.

Ademais, trago aqui a proposição de Damásio e Rosa (2021), que cruzam as noções de sistema de circulação e de imagens-totens para discutir o imaginário em um cenário de midiatização da sociedade. Nesta perspectiva, a midiatização auxilia na construção de imaginários coletivos, não se tratando de “subsumir o imaginário ao que está em circulação, mas de vincular ao que faz circular” (2021, p. 5). Portanto, se faz evidente que os conceitos acionados em capítulos anteriores se cruzam com a

noção de imaginário aqui empregada, gerando interessantes possibilidades de observação dos objetos empíricos desta pesquisa.

Além disso, cruzar perspectivas de estudos de midiatização com estudos sobre imaginário nos gera reflexões importantes sobre como estes conceitos podem se complementar. Acredito que o imaginário pode ser visto como possibilidade de engajar conteúdos em uma sociedade midiatizada, ao passo em que gera conexão por meio de elementos e imagens consolidadas. Ao mesmo tempo, acredito que a midiatização permita a compreensão de imaginários para além disso, visto que ela possibilita e potencializa a criação de novas imagens, de novos imaginários.

3.4.1 Mitos e arquétipos

A discussão sobre mitos e arquétipos na cultura também norteia as pesquisas de Gilbert Durand. Acreditamos que este seja um aspecto importante dentro deste capítulo e, portanto, optamos por dedicar um item somente para estes estudos. Entendemos que os mitos e arquétipos contribuem especialmente para observarmos a trajetória de Jair Bolsonaro ao longo dos circuitos, bem como para compreendermos mais profundamente os sentidos que emergem nesta caminhada.

A partir de Gilbert Durand (2002), arquétipos são vistos como padrões ou referências, imagens e elementos primordiais que se perpetuam em nossos inconscientes a partir de repetições. Na mesma linha, eles são pensados por Mircea Eliade (1979) a partir de sua universalidade simbólica, que permite uma ampla compreensão e identificação dos mesmos na cultura.

Pensando em autoritarismo, por exemplo, os arquétipos acionados para descrever Jair Bolsonaro acabam sendo os mesmos. Imagens do regime nazista, de Adolf Hitler, são vistas como referência quando se fala sobre comportamento autoritário e, portanto, são resgatadas para relacionar com Bolsonaro. Esta visada de Durand e de Eliade acaba, então, fazendo sentido para pensarmos nos imaginários que visualizamos e problematizamos em nosso objeto de pesquisa.

Em algumas obras de Durand (2002, 2004) há estudos sobre os mitos e sua conexão com os imaginários. É possível entender, a partir do autor, que mitos são narrativas criadas por nós, são sistemas de símbolos, de arquétipos e de esquemas. “O mito é já um esboço de racionalização, dado que utiliza o fio do discurso, no qual

os símbolos se resolvem em palavras e os arquétipos em ideias” (DURAND, 2002, p. 63).

Conforme ele, os mitos estão sempre presentes na cultura, mas por vezes acabam não sendo percebidos, ou por terem seu acionamento saturado ou pela mobilização de outro mito. Durand ainda pontua que “um mito, nele mesmo, não é nem bom nem mal. É a utilização que dele fazemos, é seu totalitarismo monocéfalo que pode ser perigoso” (p. 18, 2004). Esta parece ser uma chave interessante para pensar a nossa pesquisa, visto que as narrativas utilizadas por Jair Bolsonaro deixam marcas que podemos relacionar com a ideia dos mitos. E não somente as semelhanças das estratégias empregadas por Bolsonaro em termos de narrativa que nos interessam. É válido refletir também sobre os reflexos destas mobilizações na circulação e no processo de construção de sentidos.

A relação com os mitos pode ser vista em outros trabalhos que observam o cenário brasileiro atual. Rosa e Bianco (2022) discorrem sobre os mitos na circulação de boatos sobre fraude eleitoral. Nesta pesquisa, as autoras visualizam que os mitos são acionados nas narrativas dos boatos por assumirem uma postura aglutinadora, que gera identificação e, conseqüentemente, estabelece relação como se fossem verdades absolutas. “Os argumentos tornam-se inquebráveis porque recorrem a elementos simbólicos que duram no tempo. A repetição, característica do mito, revela uma espécie de inscrição na circulação em looping” (ROSA, BIANCO, 2022, p. 367).

Neste sentido, cabe um cruzamento com a questão da midiaticização política, que na visão das autoras acaba sendo articulada diretamente com os mitos e os arquétipos. E, para além disso, a estratégia de utilização dos mitos impacta nos imaginários midiáticos: “... a potência do mito e como este se mantém em uma cadeia de relações arquetípicas que dá corpo ao imaginário midiático ao mesmo tempo em que reforça imaginários sociais”, (ROSA, BIANCO, 2022, p. 368).

Pensando ainda na questão das narrativas que permeiam nosso imaginário, acionamos Campbell (2007), que identifica em sua pesquisa um padrão na jornada mitológica do herói. Ele visualiza este padrão a partir de alguns indícios, que são aplicados especialmente em obras literárias ou cinematográficas, mas que também já se faziam presentes em usos mitológicos ao longo da história.

O autor desenha uma fórmula em que esta jornada do herói costuma ser construída: partida-iniciação-retorno. Dentro destas etapas, o protagonista passa por

desafios que podemos cruzar com a narrativa empregada por Jair Bolsonaro em sua trajetória política.

Conforme Campbell (2007), não há um modelo único para a jornada do herói. “As mudanças que permeiam a escala simples do monomito desafiam a descrição. Muitos contos isolam e ampliam grandemente um ou dois elementos típicos do ciclo completo” (CAMPBELL, 2007, p. 242). Apesar disso, alguns elementos chamam a atenção. Um deles é a recusa do chamado, no qual a pessoa precisa renunciar algo que considera interesse próprio para proporcionar um benefício muito maior ao todo.

Outro aspecto que se sobressai na jornada do herói é a vivência de desafios por parte do protagonista. “... o herói caminha por uma paisagem onírica povoada por formas curiosamente fluidas e ambíguas, na qual deve sobreviver a uma sucessão de provas. Essa é a fase favorita do mito-aventura” (CAMPBELL, 2007, p. 91). Este momento também permite um cruzamento com a nossa dissertação, ao passo em que um dos circuitos que observamos é o da Facada de Bolsonaro.

Neste episódio, os sentidos que emergem colocam o então pré-candidato como o escolhido pelo povo para salvar a nação, mas que está tendo que enfrentar um atentado para chegar no seu objetivo. Ao mesmo tempo, nos outros circuitos do trabalho temos a marca do herói ou a tentativa de configuração dessa jornada, porém ela é tensionada exatamente pela circulação, que impede que o feito se concretize. Ou seja, o herói é questionado enquanto herói por fazeres sociais que mobilizam outras imagens aderentes.

A partir destas possibilidades, apresentaremos no capítulo seguinte o nosso percurso metodológico para, na sequência, realizarmos um cruzamento dos objetos empíricos com os aportes teóricos aqui apresentados.

4 PERCURSO METODOLÓGICO

Neste capítulo de metodologia, explicaremos o movimento de método que nos levou à construção deste caso de pesquisa. Passaremos também pelos aportes metodológicos, pelos procedimentos de coleta e seleção de dados, pela organização de análise dos observáveis, pelos itens de observação e pelas limitações do método escolhido.

4.1 CONSTRUÇÃO METODOLÓGICA

O movimento de construção desta pesquisa se inicia nos primeiros meses de 2021 com uma imersão empírica aos objetos que nos despertavam interesse inicialmente. À época, pensávamos em direcionar os olhares aos imaginários de autoritarismo acionados a partir de falas de Bolsonaro. Partimos então para um movimento de observação dos pronunciamentos do ex-presidente na tentativa de identificar quais deles reverberavam nestes acionamentos. Neste mesmo período da pesquisa, chegamos ao ápice da pandemia da Covid-19 e, com este momento, muitas falas polêmicas de Bolsonaro se cruzaram com o meu movimento de procura.

Encontrei episódios, como o do Mimimi e do Coveiro, que continham marcas interessantes de acionamentos de imaginários diversos e de circulação de sentidos. Observando-os, percebi um aspecto interessante: a conexão que estes episódios tinham entre si e com outros episódios de falas antigas. Retornamos para um mergulho teórico a fim de compreender o que essas características nos diziam. O resultado foi o entendimento de que algumas falas de Bolsonaro geravam circuitos interacionais complexos, que acabavam por gerar acionamentos entre si.

Com esta noção, voltamos aos empíricos para coletar episódios que faziam parte deste acionamento entre circuitos. Como tínhamos diversas opções para escolha, desenhamos uma linha do tempo que tinha a intenção de acompanhar a jornada de Bolsonaro ao longo do tempo. Dividimos essa linha do tempo em quatro fases e, para cada uma delas, selecionamos ao menos um circuito.

A banca de Qualificação nos auxiliou nesta decisão de quais fases escolher, apontando um caminho importante que estamos seguindo nesta versão final do trabalho. Trata-se da incorporação de uma fase a mais do que prevíamos inicialmente,

que é o período eleitoral de 2018, que resultou no circuito da Facada de Bolsonaro. Pensávamos em trabalhar com apenas três fases, olhando a jornada de Bolsonaro enquanto presidente. No entanto, a banca nos mostrou que a presença do episódio da Facada contribui para compreendermos uma narrativa que interliga os circuitos antes mesmo de ele ser eleito.

Desta forma, o circuito da Facada acaba se diferenciando dos demais por ser um acontecimento prévio à eleição, mas não somente por isso. Os demais circuitos são resultados de falas de Bolsonaro, que acabaram constituindo os episódios. A Facada, por sua vez, é um acontecimento envolvendo Bolsonaro, porém este fato resultou em uma estratégia de narrativa que impactou diretamente os demais circuitos. Ao mesmo tempo, temos a questão da jornada de Bolsonaro relacionada aos mitos. Então, como pensar a questão do imaginário não incluindo o episódio da Facada onde justamente a figura de Bolsonaro ganha proporções mitológicas? Desta forma, o episódio é potencial para pensar o percurso do imaginário midiático.

Com esses apontamentos sobre a construção desta pesquisa, podemos estabelecer que o primeiro grande movimento do trabalho se deu a partir do método do paradigma indiciário. A partir de José Luiz Braga (2008), entendemos que a organização dos indícios e a articulação deles eram fundamentais para compreendermos onde o nosso objeto poderia nos levar. Com isso em mãos, foi possível seguirmos adiante, acionando também outros métodos para compor a pesquisa.

A partir disso, chegamos ao momento de entender que esta dissertação deveria ter como principal respaldo metodológico o estudo de caso midiático, que tem como uma de suas principais características dar atenção para diferentes frentes e materialidades, captando processos complexos ao longo do tempo. Como já descrevemos no capítulo 2, este trabalho contempla diversos objetos de observação, bem como coletas de variados marcos temporais.

Observar múltiplos objetos em circulação é um grande desafio. No Laboratório de Circulação, Imagem e Mídia (LACIM), grupo do qual faço parte, pesquisadores como Weschenfelder (2019), Rosa (2021) e Damásio (2022) têm adotado o estudo de caso midiático como metodologia para construir objetos de análise complexos.

A escolha desta metodologia para a nossa dissertação já foi relatada no começo deste texto, mas aqui vale aprofundar que o estudo de caso midiático

trabalha com um aspecto importante para a proposta da nossa pesquisa: “o caso midiático envolve interpenetrações de sistemas diversos” (ROSA, 2021, p. 86), ou seja, nos permite observar as marcas deixadas pelo cruzamento entre as diversas materialidades que compõem este estudo.

Além disso, claro, o estudo de caso midiático carrega marcas de estudos de caso tradicionais. Robert Yin (2010), por exemplo, classifica que essa metodologia “compreende um método abrangente – cobrindo a lógica do projeto, as técnicas de coleta de dados e as abordagens específicas à análise de dados” (YIN, 2010, p. 40). Ou seja, trata-se de um esforço que percorre todos os movimentos da pesquisa.

No entanto, estudos de caso midiático se diferenciam dos demais ao passo que se dedicam a observar não somente movimentos complexos, mas sim movimentos característicos de uma sociedade midiática, contemplando atravessamentos de fluxos, lógicas e circuitos. Fora isso, uma de suas características em desenvolvimento tem sido a observação a partir de fases ou etapas, visando captar as modificações e constâncias no processo de circulação (WESCHENFELDER, 2021).

Aliado a esse movimento de contemplar as interpenetrações deixadas pelos objetos, também buscamos seguir nesta pesquisa o que indica Eliseo Verón (2004) sobre observar as marcas, as operações, as lógicas e as gramáticas envolvidas. Acreditamos que estes passos nos auxiliam na tentativa de captar os sentidos e de acompanhar o movimento de circulação.

Quadro 1 – Análise da circulação

Referência teórica para análise	Análise da circulação			
Verón (2004)	Marcas	Operações	Lógicas	Gramáticas

Fonte: Elaborado pela autora

Ao mesmo tempo, não nos detemos apenas a analisar elementos discursivos, mas também as imagens que fazem parte dos objetos, bem como aquilo que surge do cruzamento entre imagens e discursos. E, claro, temos ainda o cuidado com a observação dos imaginários que emergem. Para isso, trabalharemos com o uso de pranchas de imagens, que serão compostas a partir de imagens e de elaborações prévias do percurso de análise.

Aqui, olharemos para a ideia de pranchas de imagens a partir dos estudos de Aby Warburg, por meio da interpretação de Daniela Queiroz Campos (2015). Warburg propôs a criação de uma ferramenta chamada Atlas Mnemosyne, que seria a montagem de quadros ou painéis sistemáticos que permitem a elaboração de inferências por meio de referências visuais. Essa montagem de imagens costuma ser feita com base em semelhanças entre imagens, que possibilitam associações. “As semelhanças possibilitam realizar montagens de imagens distintas, mas que se tocam. Tal montagem nos permite perceber multiplicidades e singularidades nas e através das imagens” (CAMPOS, 2015, p. 55).

Desta forma, a proposição é que as pranchas sejam montadas com associações imagéticas múltiplas. E que, ainda, essas montagens possam ser reorganizadas, de maneira que possamos construir relações variadas, retroagindo para além do tempo daquilo que é analisado no episódio, visando identificar o que perdura na circulação.

Após montadas as pranchas, buscaremos nos guiar pelo quadro abaixo para observar seus resultados.

Quadro 2 – Análise das pranchas

Fluxo de observação		
Identificação das imagens	Associações entre as imagens	Presença de imaginários

Fonte: Elaborado pela autora

Acreditamos que estes são aspectos importantes de serem detalhados e identificados após a constituição das pranchas de imagens, porém não se tratam de critérios fixos e sim de apontamentos de caráter orientativo. Esse caráter era visível na obra de Warburg cuja preocupação nunca foi identificar um sentido único ou direcional, mas compreender como as imagens se movem e duram ao longo do tempo naquilo que ele chamou de iconologia dos intervalos e que aqui nos apropriamos para pensar a circulação.

4.2 PROCEDIMENTO DE COLETA DE DADOS E SELEÇÃO

Antes de descrevermos a técnica de coleta, iremos resgatar aqui os períodos selecionados para captação dos circuitos. Ao todo, contamos com quatro fases de análise, sendo que cada uma delas possui um circuito para observação, com exceção da segunda fase, que por ter um marco temporal maior, possui dois circuitos.

A primeira fase compreende o período de campanha eleitoral de 2018, cujo circuito escolhido foi o episódio em que Bolsonaro é alvo de uma facada. No segundo momento, que diz respeito aos primeiros meses de Bolsonaro como presidente, priorizamos o pronunciamento de sua posse, em que ele disse que “Nossa bandeira jamais será vermelha”. Já na terceira fase, correspondente à pandemia, trouxemos dois circuitos: o que Bolsonaro se refere à pandemia como “Frescura e Mimimi” e o episódio em que ele afirma não ser “Coveiro”. Para a quarta fase, o momento escolhido foi quando Bolsonaro disse ser “Imbrochável” em seu discurso que marcou o dia 7 de setembro.

Em relação à escolha destes circuitos, nos detemos a observar acontecimentos marcantes e representativos para cada uma das fases do trabalho. A primeira fase, por exemplo, diz respeito ao período de campanha eleitoral de 2018, então procuramos encontrar um episódio que marcasse este momento em termos de reverberação. E mais do que episódios que tivessem grande repercussão, escolhemos circuitos que nos permitissem diversidade de observação para analisar a tríade circulação - sentidos - imaginários.

Além disso, nosso movimento de imersão empírica nos mostrou que alguns circuitos acabavam por se contatar na circulação, gerando acionamentos e deixando marcas. Entendemos que este seria um diferencial para a pesquisa, ao passo que nos permite encontrar semelhanças, diferenças e complementações. Portanto, esta conexão entre os circuitos também acabou sendo um critério de escolha.

Por fim, buscamos construir uma linha do tempo com a jornada destas fases e, para isso, precisávamos de episódios que nos permitissem enxergar as mudanças ao longo do tempo e da própria circulação, e não somente as modificações, mas também as repetições entre os circuitos neste trajeto.

Quadro 3 – Organização de fases e circuitos

Fase 1	Fase 2	Fase 3	Fase 4
Circuito Facada	Circuito Nossa bandeira jamais será vermelha	Circuito Coveiro	Circuito Imbrochável
		Circuito Frescura e Mimimi	

Fonte: Elaborado pela autora

Em relação ao procedimento de coleta, que antecede a análise dos materiais, nos baseamos em alguns critérios para as escolhas, visto que tivemos mais de 100 opções de materialidades coletadas em cada circuito. O primeiro critério foi a busca por objetos que tivessem diferentes ângulos de abordagem. Outro aspecto levado em consideração foi a diversidade de elementos visuais para observação, sempre dando preferência para produções que contivessem imagens e/ou ilustrações.

Também houve o cuidado de selecionar reportagens e postagens em redes sociais que fossem produzidas em momentos distintos, sendo eles no dia em que emergem os circuitos e, posteriormente, após alguns meses de circulação dos episódios. Esta escolha nos permite observar como estes circuitos se moldam com o tempo, respeitando o que nos propusemos no desenho de pesquisa.

Os veículos de comunicação selecionados para análise variam em cada circuito, visto que nosso foco não é olhar para os veículos em si, mas sim para as produções da imprensa como um todo. A escolha das reportagens se baseou nas que tiveram maior repercussão em cada episódio, levando em conta o ranqueamento das matérias jornalísticas no buscador Google. As reportagens foram encontradas por meio do filtro disponibilizado pela plataforma, que permite escolher data e palavras-chaves. Em cada circuito, utilizamos a respectiva data dos acontecimentos, bem como a palavra que o norteia (como “facada” ou “coveiro”), acrescido de “Bolsonaro” para facilitar as buscas.

Nas postagens de atores sociais, optamos pelas que tivessem maior engajamento e que, portanto, tivessem contabilizado maior contato com outros atores sociais. Elas foram procuradas utilizando o filtro de busca avançada do Twitter, também selecionando as datas e as palavras-chaves correspondentes a cada circuito.

Este mesmo critério de visibilidade foi aplicado no momento de seleção dos comentários feitos nas publicações dos veículos de comunicação no Twitter. Vale apontar que estes comentários são correspondentes às reportagens selecionadas para observação daquele mesmo circuito.

Já no perfil de Jair Bolsonaro no Twitter, as postagens escolhidas são as produzidas no dia de surgimento dos episódios. Em suas publicações, também nos detivemos a selecionar comentários.

Quadro 4 – Organização das materialidades

Observáveis	Reportagens do jornalismo	Comentários nos perfis oficiais dos veículos jornalísticos no Twitter	Apropriações de atores sociais no Twitter	Comentários no perfil de Jair Bolsonaro no Twitter
Períodos de observação de cada materialidade	- Data do episódio - Meses após o episódio	- Data do episódio	- Data do episódio - Meses após o episódio	- Data do episódio

Fonte: Elaborado pela autora

Neste quadro, relatamos as materialidades que foram coletadas para análise, bem como os momentos em que extraímos cada uma delas. Todos os circuitos seguem esta mesma organização.

4.3 O MOVIMENTO DE ANÁLISE

A análise dos observáveis será dividida em dois principais momentos. São eles a análise individual de cada uma das fases e dos circuitos que as compõem e, posteriormente, uma análise transversal que cruzará todos eles. Na análise individual dos circuitos, observamos especialmente as marcas e as operações deixadas pela circulação, a fim de entender o que caracteriza cada um, como se dão as produções e os contratos de leitura gerados.

Para melhor organização do texto, faremos essa observação de forma separada entre cada uma das materialidades que compõem o trabalho, passando pelo jornalismo, pelo perfil de Jair Bolsonaro no Twitter, pelos comentários de atores sociais e por suas respectivas apropriações. Essa mesma organização se repete em todas as fases da pesquisa.

Buscamos finalizar a análise de cada fase com um item que nos permite identificar e selecionar imagens sínteses que representam os circuitos observados nas respectivas fases. Trata-se de um movimento importante para o cruzamento que será feito dentro da análise transversal ao final do capítulo.

Após o movimento de observação individual das fases e seus circuitos, partimos para a análise transversal, na qual aprofundaremos as teorias trabalhadas nos capítulos de aportes teóricos, trazendo reflexões sobre as lógicas e gramáticas que se assemelham e que se diferenciam nestes circuitos. Além disso, um aspecto importante na análise transversal será o movimento de entender como estes circuitos se contatam e deixam marcas entre si na circulação.

Ainda na análise transversal, trabalharemos com a composição de pranchas de imagens a partir da seleção de imagens sínteses que representam cada uma das fases. Desta forma, poderemos olhar especialmente a questão dos imaginários em jogo, das associações trabalhadas. Assim, conseguimos levar nossa análise para além dos circuitos em si, retroagindo no tempo, direcionando o olhar às marcas e aos intervalos da própria circulação, a fim de buscar traços de sentidos que emergem destas mesmas imagens.

4.4 LIMITAÇÕES METODOLÓGICAS

Por mais que busquemos metodologias capazes de nos auxiliar a responder nosso problema de pesquisa, ainda assim enfrentamos desafios e limitações em relação ao método. Acredito que uma das principais seja em relação ao movimento de coleta e de recorte. Sabemos que não é viável coletar, e muito menos observar, todas as produções que surgem em cada circuito.

Ao mesmo tempo, não é possível incluir todos os meios onde esses objetos estão, tanto por motivos de limitação temporal e de força humana, como também por bloqueios de algumas plataformas no que tange à pesquisa e filtragem. Nosso

processo de coleta é manual, ou seja, não usamos dispositivos de captura e monitoramento. O trabalho é todo manual e subjetivo, mas também marcado pela imersão atenta não somente nos observáveis, mas no modo de testar e de experimentar a observação.

Também nos deparamos com limitações no que diz à escolha dos circuitos e das próprias fases elencadas para a pesquisa. Procuramos contemplar momentos variados e marcantes para nos ajudar a chegar em nosso objetivo de pesquisa, mas ainda assim enfrentamos barreiras dentro daquilo que é possível contemplar. Afinal, sempre queremos mais, em especial porque o objeto desta pesquisa não se circunscreve à temporalidade de dois anos. Por ser e estar imerso na midiatização, a todo momento temos novos desdobramentos e circuitos, o que implica em um observável vivo, o que nos gera a necessidade de efetuar um recorte de observação.

Diante disso, entendo que saber onde parar também acaba sendo umas das grandes limitações metodológicas. Afinal, começamos esta pesquisa com um foco inicial de observação, que acabou se expandindo, contemplando novos marcos temporais e novas frentes de análise. Aos poucos, fomos nos deparando com novas necessidades e querendo agregar ainda mais dentro deste percurso de observação.

Outro ponto desafiador é o de articular uma pesquisa que fale de imaginário e de circulação, visto que as abordagens de método precisam ser testadas, articuladas, o que nem sempre permite dar conta de todos os caminhos possíveis de leitura. Ao mesmo tempo, temos também os desafios de nossa própria subjetividade enquanto pesquisador no momento de coletar e de observar os materiais. Neste aspecto, precisamos suspender convicções e posições políticas para observar os fluxos das produções sem pré-conceitos, o que exige uma vigilância epistemológica. Por vezes, é preciso se distanciar para reencontrar o objetivo inicial.

5 ANÁLISE DOS OBSERVÁVEIS

5.1 FASE 1 – A PROVAÇÃO DO HERÓI

A primeira fase analisada neste capítulo é composta por somente um circuito, que se trata do episódio em que Jair Bolsonaro foi alvo de uma facada, durante o período de campanha eleitoral de 2018. Apesar de ser um episódio que antecede o seu governo como presidente, entendemos que se trata de um circuito que contata e atravessa os demais e que, portanto, cabe estar presente em nossa análise.

5.1.1 O circuito Facada

No dia 6 de setembro de 2018, o então candidato à presidência da República Jair Bolsonaro foi esfaqueado na cidade de Juiz de Fora, em Minas Gerais. O ataque aconteceu enquanto Bolsonaro fazia uma caminhada com apoiadores durante ato de sua campanha. A facada foi dada por Adélio Bispo de Oliveira, que tentou fugir após o episódio, mas que foi impedido por pessoas presentes no local.

Na data do acontecimento, faltavam 31 dias para as eleições presidenciais, e o país enfrentava um momento de polarização política, tendo a figura de Jair Bolsonaro de um lado e a de Fernando Haddad (PT) de outro. O ocorrido acabou polarizando ainda mais essa disputa, gerando diversas especulações sobre o acontecimento, incluindo notícias falsas.

Entre as hipóteses levantadas na época sobre o episódio está a de que Bolsonaro teria um câncer no estômago e que o ataque foi simulado para que ele pudesse passar pelas cirurgias necessárias sem que a doença fosse descoberta. Outros conteúdos de redes sociais apontavam que a facada seria uma estratégia para fortalecer a campanha de Bolsonaro. O médico Antonio Luiz de Vasconcellos Macedo, que atendeu Bolsonaro na época, negou que ele tivesse câncer¹⁷.

¹⁷ Saiba o que é comprovado e o que é falso sobre a facada em Bolsonaro. Disponível em: <https://www.metropoles.com/projeto-comprova/saiba-o-que-e-comprovado-e-o-que-e-falso-sobre-a-facada-em-bolsonaro>. Acesso 25 out. 2022.

De outro lado, Adélio Bispo era filiado ao Partido Socialismo e Liberdade (PSOL) e, por conta disso, diversos apoiadores de Bolsonaro relacionavam que o partido teria sido um dos mentores do atentado. No entanto, as investigações policiais não revelaram envolvimento de partidos políticos com o crime.

Com todas essas especulações, este circuito se configura de forma intensa e marcado por muitos embates de sentidos. Aqui encontramos marcas que representam muito bem o cenário político da época: opiniões polarizadas que dividem os atores sociais em apoiadores e contrários a Bolsonaro.

Neste circuito, também encontramos pistas interessantes que se cruzam com os episódios futuros que analisaremos. Mas, ao mesmo tempo em que alguns elementos se perpetuam nas narrativas, temos aqui outros aspectos que caracterizam unicamente este momento. Afinal, se trata de um movimento inicial a respeito da figura de Bolsonaro, que será posteriormente tensionada com sua eleição e com os demais circuitos.

5.1.2 Operações

5.1.2.1 – O jornalismo e as elaborações sobre o dito

Assim que ocorreu o atentado contra Bolsonaro, veículos de imprensa passaram a produzir reportagens a respeito. Algumas delas buscavam diferenciais para contribuir com pistas sobre o acontecimento. Uma matéria da Veja publicou vídeos que mostram detalhes do momento da facada, por exemplo (Figura 6).

A publicação foi feita no próprio dia do atentado, o que nos indica uma necessidade de apuração ágil por parte dos veículos de comunicação, mesmo que depois as mesmas reportagens sejam editadas com a adição de novos dados. Esta informação de edição das matérias é exibida logo ao lado da data de postagem, para que os leitores possam identificar que novos elementos foram agregados ao texto.

Figura 6 – Reportagem da Veja sobre Facada de Bolsonaro

veja ASSINE

RADAR RADAR ECONÔMICO POLÍTICA ECONOMIA SAÚDE MUNDO CULTURA PLACAR AGENDA VERDE

ELEIÇÕES

Política

Vídeos mostram momento em que Bolsonaro leva facada em Juiz de Fora

Gravações registraram o momento em que o candidato do PSL à Presidência foi atingido durante ato de campanha em Minas Gerais

Por Da Redação Atualizado em 6 set 2018, 17h30 - Publicado em 6 set 2018, 16h27

PUBLICIDADE

Viva as melhores experiências

GET YOUR GUIDE

Reserve experiências em todo o mundo e acesse seus bilhetes pelo celular.

Safi

Abra sua co

Fonte: Veja (2018)

Nesta reportagem da Veja, há poucas informações sobre o atentado em si, visto que a própria polícia ainda não tinha muitos detalhes sobre o acontecido. Desta forma, o texto se dedica a pontuar de forma superficial o episódio e, na sequência, disponibiliza um vídeo para que os leitores possam observar o momento. Ou seja, a produção jornalística deixa brechas para que os atores sociais iniciem suas discussões a partir do acontecido.

Outra matéria que narra o fato de forma superficial é a publicada pelo portal G1 (Figura 7). Neste caso, há informações sobre o suspeito do atentado ter sido preso e sobre Bolsonaro ter passado por um procedimento cirúrgico no intestino, em decorrência da facada.

Figura 7 – Reportagem sobre Facada no portal G1

g1 ZONA DA MATA TV INTEGRACAO

fique por **dentro** **Simone e Simaria** **Gabriel Monteiro cassado** **Neve** **Barretos** **Eleições**

XXII FESTIVA MORANGOS, ROMAS E... DE ALFREDO VASCONCELOS 15 a 21 de agosto

Tiradores e Estandes ornamentados

OFERECIMENTO: PREFEITURA MUNICIPAL DE ALFREDO VASCONCELOS
SECRETARIA MUNICIPAL DE CULTURA, TURISMO, ESPORTE E LAZER
[CLIQUE AQUI](#)

Jair Bolsonaro leva facada durante ato de campanha em Juiz de Fora

Candidato era carregado nos ombros por apoiadores quando homem se aproximou e o feriu na barriga. Bolsonaro foi levado para a Santa Casa da cidade, passou por uma cirurgia no intestino e ficará internado na UTI. Suspeito foi preso.

Por **G1** — Juiz de Fora
06/09/2018 16h13 · Atualizado há 3 anos

[f](#) [t](#) [w](#) [t](#) [in](#)

Fonte: G1 (2018)

Esta mesma reportagem também narra o acontecido de forma a fazer com que o leitor possa visualizar o atentado. Ao dizer que o “candidato era carregado nos ombros por apoiadores”, o texto nos permite criar uma imagem daquele momento. Além disso, essa narrativa também nos permite interpretar que Bolsonaro era um candidato muito amado por seus apoiadores, visto que eles o levam nos braços durante um ato de campanha. Ou seja, fica claro já nesta reportagem a relação de adoração que o presidenciável tinha com seus futuros eleitores.

Até mesmo em produções mais objetivas dos acontecimentos, ainda assim conseguimos perceber traços que colaboram na construção de sentidos. Por mais que a prática jornalística tenha o objetivo de ser imparcial, é preciso entender a imparcialidade como uma intenção (MOTTA, 2003). “Mesmo as notícias jornalísticas objetivas são agentes construtores de uma realidade discursiva e não mera reprodução como um espelho da realidade na medida em que narram histórias” (MOTTA; COSTA; LIMA, 2004, p. 36).

Já em outros casos, como na matéria da Folha de S.Paulo (Figura 8), temos a própria imagem do momento da facada colocada no primeiro contato com o leitor.

Desta forma, a reportagem gera um impacto direto sobre o acontecido, sem haver a necessidade de descrever o que estava ocorrendo naquele momento.

Figura 8 – Reportagem sobre Facada na Folha de S.Paulo

The image shows a screenshot of a news article on the Folha de S. Paulo website. The article is titled "Bolsonaro leva facada durante ato de campanha em Juiz de Fora" and reports on the assassination attempt on Jair Bolsonaro during a campaign event in Juiz de Fora, Minas Gerais. The article includes a photo of Bolsonaro being surrounded by people and a video player. The website layout shows the header with the logo, navigation menu, and a sidebar with related news.

FOLHA DE S. PAULO

MENU ASSINE ENTRAR BUSCAR

política > eleições 2022 apuração de votos pesquisa eleitoral stf folhajes AGENCIA LUPA PIAUI

ÚLTIMAS NOTÍCIAS
Gostaria de receber as principais notícias do Brasil e do mundo?
NÃO, OBRIGADO SIM, ACEITO

BAZZAR

ELEIÇÕES 2018

Bolsonaro leva facada durante ato de campanha em Juiz de Fora

O homem que esfaqueou o presidencialável foi detido; o candidato passa por cirurgia

6. set. 2018 às 16h27
Atualizado: 6. set. 2018 às 18h09

EDIÇÃO IMPRESSA

Divir o texto A- A+

SÃO PAULO e JUIZ DE FORA (MG) O presidencialável [Jair Bolsonaro \(PSL\)](#) foi esfaqueado na tarde desta quinta-feira (6) em ato de campanha na cidade de Juiz de Fora, na zona da mata de Minas Gerais, segundo a Polícia Militar do estado.

receba notícias da folha
Digite seu e-mail

relacionadas

Paciência do mercado com o Brasil será termômetro para rating, diz analista

Justiça Eleitoral solicita que Maroni retire do ar propaganda que ofende mulher

Fitch vê risco de mercado perder paciência com ajuste no Brasil

Cidadania global: formação para além do bilinguismo
Alunos se conectam com realidades diversas do Brasil e de outros países, a distância ou presencialmente

EstúdioFOLHA! gráficos patrocinados Aubrick

O candidato do PSL à Presidência, Jair Bolsonaro, após ser esfaqueado - Reprodução

Fonte: Folha de S.Paulo (2018)

Jair Bolsonaro é enquadrado nesta fotografia com a mão na barriga, demonstrando o momento em que foi atingido. O texto que acompanha a imagem narra o acontecido de maneira direta, porém alarmante. Aqui, o verbo “esfaqueado” permite a interpretação de que se tratava de um episódio de muita gravidade, o que contribui para interpretações de pânico ou medo por parte dos leitores.

Por fim, trazemos outra reportagem, publicada pelo portal Uol (Figura 9), que apresenta também com poucos detalhes o acontecimento. Neste caso, o que chama a atenção é a imagem que compõem a publicação. Temos uma fotografia com

enquadramento de Bolsonaro feito de forma um pouco mais distante, o que nos permite olhar com mais profundidade para o público que o rodeia.

Figura 9 – Reportagem sobre Facada no portal Uol

uol eleições 2018

APURAÇÃO • RAIO-X • PESQUISAS • UOL CONFERE • CANDIDATOS • DEBATES E SABATINAS • CALENDÁRIO • GUIA DO ELEITOR • ÚLTIMAS NOTÍCIAS

Bolsonaro leva facada em ato de campanha em Juiz de Fora (MG) 197

Gustavo Maia, Luciana Amaral, Leandro Prazeres e Janaina Garcia
Do UOL, em Brasília e em São Paulo 06/09/2018 16h19 > Atualizada 07/09/2018 00h34

Pezão
Governador do RJ é preso pela Polícia Federal

PUBLICIDADE

GET YOUR GUIDE

Ingressos p/ Romano e M
Faça já sua r
de €21,5

Fonte: Uol (2018)

Desta maneira, é possível visualizar alguns elementos que marcam este circuito, como a forte utilização da bandeira do Brasil para representar apoio a Bolsonaro. Diversos apoiadores presentes no ato de campanha estão com camisas da seleção brasileira ou então com a própria bandeira nacional nas costas. Bolsonaro também vestiu uma blusa nas cores verde e amarela durante o episódio, demonstrando uma apropriação dos símbolos da pátria. Este uso também trabalha com a identidade da nação e desperta imaginários relacionados ao patriotismo. Esses mesmos imaginários estão presentes nos próprios discursos de Jair Bolsonaro, que pauta seus pronunciamentos com promessas de preservar os ideais nacionalistas.

Interessante perceber ainda que todos os veículos falam que Bolsonaro leva a facada e o mostram do alto, sendo atingido, ou seja, há uma personificação, há a dor do herói expressa no registro. Essa personificação lhe dá um destaque, pois neste momento o jornalismo não se refere mais a ele como candidato Bolsonaro e sim o citam diretamente pelo seu nome. Isso reforça a sua própria imagem e corrobora para a construção mítica de seu nome.

5.1.2.2 – Os atores tecem o sentido

Apesar deste circuito corresponder a um momento de popularidade de Jair Bolsonaro, ainda assim encontramos diversas postagens de pessoas contrárias à sua eleição. Portanto, podemos afirmar que o embate no movimento de construção de sentidos já acontecia nesta primeira fase, corroborando com a proposta de Verón (2004) sobre os efeitos múltiplos que um discurso pode gerar.

Começamos, então, observando alguns comentários de atores sociais em uma postagem (Figura 10) feita no Twitter do portal G1, em que o veículo publicou a reportagem sobre a facada de Bolsonaro.

Figura 10 – Comentários sobre a facada em postagem do G1 no Twitter



Fonte: Twitter (2018)

Trouxemos como exemplo deste embate por sentido dois comentários com posicionamentos distintos. Um deles é produzido por um ator social, cujo usuário na rede social é acompanhado por ícones da bandeira do Brasil. Por conta da apropriação dos símbolos nacionais por parte de Bolsonaro, este uso indica que se trata de um apoiador do então presidenciável.

A postagem contém uma imagem da bandeira do país, com a escrita “jamais será vermelha”. Esta frase é interessante para nós por se tratar justamente da mesma frase que será usada por Bolsonaro em seu discurso de posse como presidente e que, por isso, corresponde ao nosso segundo circuito de análise. Com isso, podemos lembrar que esta expressão já vinha sendo utilizada por Bolsonaro ao longo de sua campanha e, naturalmente, também referenciada por seus apoiadores. Portanto,

temos um primeiro cruzamento entre circuitos analisados na dissertação. Porém, neste caso, é um cruzamento de antecipação a um discurso que virá a ser pronunciado e popularizado depois.

O uso desta expressão nos indica que o ator social busca demonstrar que a facada não foi bem-sucedida e que Bolsonaro permanece como presidenciável. Mesmo que acabe por não direcionar a culpa do atentado aos partidos de oposição de forma direta, ao afirmar que a bandeira não será vermelha o ator social se refere diretamente aos partidos de esquerda. Afinal, eles utilizam tradicionalmente esta cor. Com este acionamento do ator social, acabamos por resgatar imaginários simbólicos das cores do Partido dos Trabalhadores ou do próprio comunismo, que aqui são colocados como opositores e como inimigos.

Ao lado, temos um outro comentário, desta vez de oposição ao Bolsonaro. O ator social se apropria de um meme da cantora brasileira Gretchen para, de forma jocosa, dizer que está esperando uma nova facada no candidato.

Seguindo para produções de atores sociais em seus próprios perfis, encontramos novamente uma publicação de uma pessoa cujo nome de usuário acompanha o ícone da bandeira do Brasil. Podemos inferir que esta é uma operação dos atores sociais para gerar identificação imediata de seus respectivos posicionamentos políticos e ideológicos.

Esta postagem abaixo (Figura 11) é interessante para pensarmos a trajetória de Bolsonaro que se inicia neste primeiro circuito. A partir da ideia da construção de um mito, de um herói, podemos acionar Campbell (2007), que trabalha com a proposta de um modelo único para a jornada do herói. Um dos principais elementos desta jornada é a vivência de desafios por parte do protagonista. "... o herói caminha por uma paisagem onírica povoada por formas curiosamente fluidas e ambíguas, na qual deve sobreviver a uma sucessão de provas. Essa é a fase favorita do mito-aventura" (CAMPBELL, 2007, p. 91). E é aqui que podemos fazer um cruzamento com este circuito. Afinal, a Facada representa para a campanha de Bolsonaro justamente este momento de provas.

A narrativa do herói não é percebida apenas por quem analisa o acontecimento de fora. Os próprios apoiadores de Bolsonaro contribuíram para essa compreensão ao nominarem-no de mito, de herói que arrisca sua própria vida para salvar o país.

Figura 11 – Produção de ator social sobre Facada no Twitter

 Mãe Patriota 🇧🇷 🇺🇸
@maepatriota

Bolsonaro ontem deixou de ser MITO p/ virar a LENDA rs.

Leva 1 facada, quase morre, perde sangue, tem artéria ferida, passa por uma cirurgia de 4 horas e tempos depois já tá na net viralizando vídeo em agradecimento a Deus, médicos, polícia, amigos e robôs 🙏



11:43 AM · 7 de set de 2018 · Twitter for Android

28 Retweets 73 Curtidas

Fonte: Twitter (2018)

A publicação conta com uma capa do jornal Extra, que narra de forma sensacionalista o episódio. A capa contém imagens de Bolsonaro sendo atacado e sendo recebido desacordado no hospital, além de uma fotografia da faca utilizada no atentado. O jornal fala ainda que o acontecido é inaceitável, independentemente de partido político e acrescenta uma citação de que Bolsonaro “chegou quase morto” ao hospital.

O uso desta capa de jornal é interessante para pensarmos como as próprias materialidades que circulam acabam se cruzando e se tornando meio de interação na circulação. E, para além disso, essas materialidades passam por diversos momentos de apropriação e de deslocamento para gerar novos sentidos ou para reiterar outros. A utilização de uma capa de jornal também parece ser uma operação interessante por parte dos atores sociais, pois as notícias cumprem papel informativo dos fatos, fazendo com que a postagem não precise explicar a narrativa. Além disso, facilita na circulação ao passo que gera um reconhecimento e uma compreensão mais rápida do acontecimento.

Mas além da estratégia de interpenetração dos meios, empregada nesta postagem acima, temos uma legenda que ajuda a pensar o movimento de construção de Bolsonaro enquanto herói. A pessoa afirma que o atentado serviu para o candidato deixar de ser mito para se tornar uma lenda. Ela ainda completa com detalhes os desafios enfrentados pelo presidente, de forma a reforçar sua força de vontade para sobreviver: “leva 1 facada, quase morre, perde sangue, tem artéria ferida, passa por cirurgia”.

A legenda, então, contribui para a construção da jornada mitológica do herói, proposta por Campbell (2007). E, ainda, nos permite pensar sobre como os mitos são convocados nas narrativas, especialmente a partir de suas mobilizações repetitivas, apresentando sempre elementos que estabelecem relações de reconhecimento. “Por esse caráter unificador, parecem estimular a identificação e o vínculo com a verdade” (ROSA, BIANCO, 2022, p. 367). Ou seja, a repetição desta narrativa a respeito de Bolsonaro enquanto mito corrobora para que ela se torne verdade.

Partindo para uma nova postagem (Figura 12) podemos identificar outros atributos que colaboram para a construção desta imagem de herói. Na legenda da publicação a seguir, a pessoa fala que Bolsonaro renunciou a muitas coisas para se tornar candidato e que, por isso, merece ser eleito.

Figura 12 – Produção de ator social sobre Facada e relação com herói



Fonte: Twitter (2018)

A pessoa cita a facada como uma destas provas enfrentadas por Bolsonaro em sua jornada de herói, mas aponta também o fato de ele ter tido poucos segundos na propaganda eleitoral na televisão. Este apontamento é interessante para pensar sobre como os heróis seguem arquétipos que se repetem, como por exemplo o de não serem os favoritos. Afinal, Durand (2002) trabalha com a proposta de que mitos são narrativas criadas por nós mesmos, são sistemas de símbolos, de arquétipos e de esquemas que se perpetuam.

Ao mesmo tempo, a legenda designa um inimigo direto a Bolsonaro, que nas suas palavras seria uma “quadrilha perigosa que assola o país”. Com isso, ela se refere ao cenário político brasileiro, especialmente aos governos do Partido dos

Trabalhadores (PT), atacados constantemente pelo próprio Bolsonaro em seus discursos.

Outro elemento que contribui para a construção de um arquétipo de herói para Bolsonaro é a imagem utilizada no tweet. É uma fotografia de Bolsonaro já com a faixa de presidente do Brasil. Ao seu fundo está o Palácio do Planalto, mas o que mais se destaca na imagem é a textura e a iluminação intensa, que carregam um ar religioso. A luz que emerge do rosto de Bolsonaro carrega imaginários ligados à religião, como os próprios quadros que perfilam Jesus Cristo, por exemplo. Esta construção corrobora para uma ideia de mito, de um ser especial. Nesta mesma linha, Mircea Eliade (1979) olha para os mitos a partir de sua universalidade simbólica, que permite uma ampla compreensão e identificação dos mesmos na cultura.

Por outro lado, nos deparamos com publicações (Figura 13) que, apesar de lamentarem a facada, apontam que o partido e a família de Bolsonaro suscitam comportamentos agressivos por meio de suas próprias atitudes.

Figura 13 – Produção de ator social sobre Facada que critica comportamento de Bolsonaro



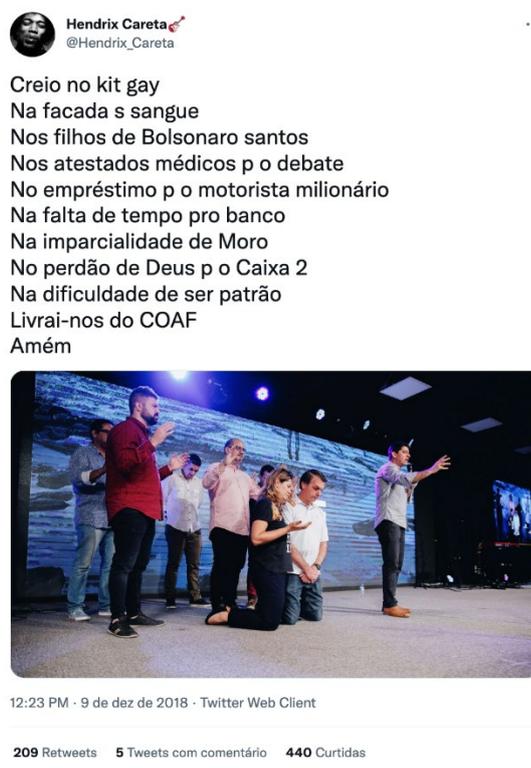
Fonte: Twitter (2018)

Para compor essa narrativa, o ator social usa duas capturas de tela. Uma delas é uma reportagem publicada pelo veículo de imprensa El País Brasil, que conta o fato de o Movimento Brasil Livre (MBL) – vinculado à direita e apoiador de Bolsonaro – ter propagado mentiras falsas a respeito de Marielle Franco, na tentativa de difamá-la. A outra captura de tela é um tweet de Eduardo Bolsonaro – filho de Jair – acusando o Partido Socialismo e Liberdade (PSOL) de colocar a culpa do assassinato de Marielle na Polícia Militar.

Com as duas capturas de tela, o ator social demonstra que movimentos e pessoas próximas a Bolsonaro não demonstraram empatia diante da morte da vereadora Marielle. E, ao mesmo tempo, o tweet faz questão de se posicionar como diferente, afirmando não compactuar com a violência do atentado sofrido pelo presidenciável.

Alguns meses depois do ocorrido, encontramos tweets que trabalham com o episódio da Facada com outros olhares. O primeiro deles (Figura 14) faz uma apropriação da oração do credo, tradicional na Igreja Católica, para falar de mentiras envolvendo Bolsonaro, sua família e seus apoiadores.

Figura 14 – Produção de ator social sobre Facada após meses



Fonte: Twitter (2018)

No lugar dos versos trabalhados pela oração católica, o ator social pontua momentos polêmicos envolvendo o presidente eleito. Entre estes acontecimentos retomados está o kit gay, uma das principais notícias falsas espalhadas por Bolsonaro. Tratava-se de uma cartilha didática para escolas com a proposta de combater a homofobia, mas que foi interpretada por ele como um kit para doutrinar crianças e transformá-las em homossexuais.

Outras acusações trazidas pelo tweet é a percepção de que os filhos de Bolsonaro são envolvidos em esquemas de corrupção ou sobre Bolsonaro possuir um caixa 2 para desvio de dinheiro. Também há críticas sobre a ausência de imparcialidade do juiz Sérgio Moro. Junto a todos estes apontamentos, o ator social fala sobre a “facada sem sangue”. Com isso, ele busca de forma irônica dizer que a facada não era verdadeira.

A imagem utilizada auxilia na interpretação de que se trata de uma oração. Jair Bolsonaro aparece ao lado de apoiadores, ajoelhado no chão, com as mãos para cima, demonstrando estar rezando. Reunindo estes episódios narrados com a fotografia, o tweet demonstra usar uma estratégia de ironia para criticar. O uso do sarcasmo parece então ser uma operação tática por parte dos atores sociais neste processo de produção de sentidos. Isso nos faz refletir sobre as lógicas de midiatização, a partir de Braga (2015), que pontua como essas lógicas são marcadas por processos tentativos e de experimentações. "Lógicas de midiatização correspondem então a algo muito mais diversificado, menos globalmente apreensível, mais plural - e certamente menos conhecido - do que lógicas da mídia" (BRAGA, 2015, p. 26).

Nesta onda de pensar os processos tentativos, encontramos outra postagem que trabalha com novos usos para se referir ao episódio da Facada (Figura 15). Esta publicação é feita em 2022, cerca de quatro anos após o atentado.

Figura 15 – Produção de ator social sobre Facada após quatro anos



Fonte: Twitter (2022)

Primeiramente, o resgate deste episódio tantos anos depois nos faz pensar sobre a potência da circulação de fazer com que acontecimentos permaneçam sendo lembrados. Além disso, a potência da circulação é demonstrada também pela sua capacidade de permitir novas apropriações, com ganchos variados e que fogem do contexto de surgimento inicial.

Nesta postagem, há a presença do personagem Five, da série *The Umbrella Academy*. Ele é considerado um dos mais letais e consegue usar seus poderes para matar várias pessoas em questão de segundos. O personagem parece ter sido utilizado por se tratar de um tweet publicado em uma data próxima à estreia da terceira temporada do seriado.

O acontecimento da Facada é retomado para falar que o personagem teria potencial para esfaquear novamente o então presidente. Como imagem para compor o tweet, temos a fotografia do personagem segurando uma faca que ele costuma manusear na série. Esta apropriação é curiosa pois trabalha com elementos da cultura cinematográfica, associando-a com um episódio antigo do cenário político brasileiro.

5.1.2.3 – A fala de Bolsonaro

Por não se tratar de um circuito que surge a partir de uma fala de Bolsonaro – assim como os demais que aqui serão analisados – neste caso, o então presidente eleito posta sobre o episódio apenas no dia seguinte. Ele faz um tweet (Figura 16) em que diz estar bem e se recuperando. Seleccionamos esta publicação para observação pois foi a primeira feita no seu perfil após o ocorrido.

Figura 16 – Comentário em postagem de Bolsonaro no Twitter



Fonte: Twitter (2018)

O primeiro comentário que seleccionamos para analisar é composto de uma charge que simula a figura de Bolsonaro. Alguns atributos físicos colaboram para esta interpretação, como o corte de cabelo. Além disso, alguns balões de falas saem de sua boca com frases características do candidato, exemplo disso é o “talquei”, que faz referência ao “tá, ok?”, muito dito por ele no final de algumas de suas manifestações.

A charge também coloca Bolsonaro com um curativo no lugar onde ele levou a facada. Desta forma, a ilustração parece debochar do acontecido, dando a entender que se trata de um machucado pequeno e sem gravidade. Mais uma vez, é perceptível o uso do sarcasmo na circulação de sentidos, o que nos faz pensar sobre como essas imagens são elaboradas. “São imagens feitas para serem midiaticizadas. São fotografias, vídeos ou mesmo hibridizações, em que os dispositivos midiáticos

funcionam como vitrines das produções, uma vez que há o domínio das lógicas”, (ROSA, 2016, p. 72).

Essa mesma lógica também é aplicada em comentários (Figura 17) feitos por apoiadores de Bolsonaro, que se apropriam de ilustrações para desejar melhoras ao candidato.

Figura 17 – Comentário de apoiador em postagem de Bolsonaro no Twitter



Fonte: Twitter (2018)

Temos aqui um comentário que deseja forças e apoio ao presidencial e publica uma ilustração de Bolsonaro deitado em um leito hospitalar. Em uma cama ao seu lado, está a bandeira do Brasil, que parece estar fazendo uma transfusão de sangue para o candidato. É uma elaboração que utiliza o símbolo do país para produzir o sentido de que Bolsonaro é o escolhido da nação.

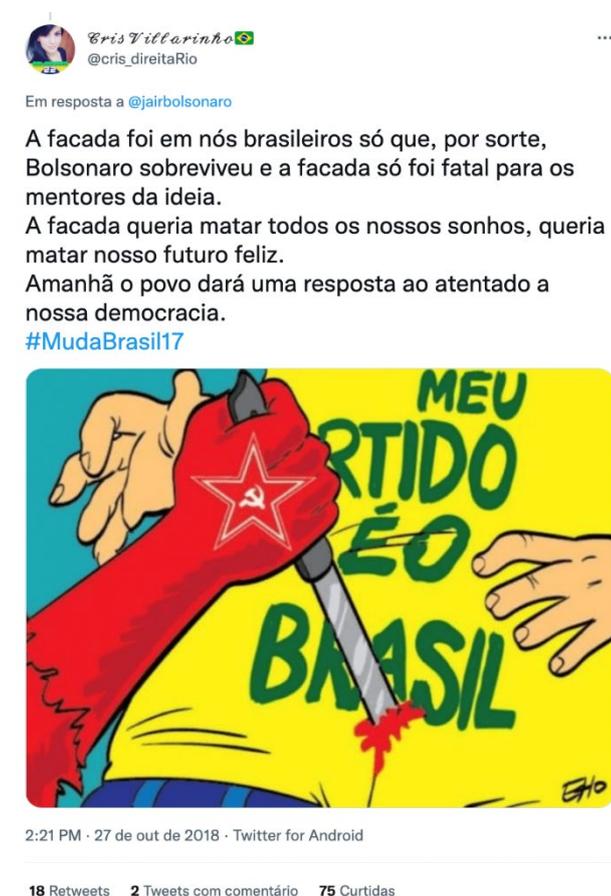
Seguindo nesta linha, o sentido pode ser visto como resultado de um produto coletivo, como um “trabalho social de investimento de sentido nas matérias significantes” (VERÓN, 2004, p. 54). Afinal, a compreensão de que a bandeira nacional é símbolo de apoio a Bolsonaro é fruto de diversas apropriações prévias, feitas em repetição ao longo do tempo.

Também podemos pensar que este trabalho coletivo de apropriações para construir sentidos está diretamente relacionado com a ordem ideológica e de poder (VERÓN, 1980). Quando um ator social expõe o desejo de que Bolsonaro deixe o cargo de presidente, ele se apropria do seu poder de discurso, produzindo e disputando sentidos a respeito do então presidente. Mas, quando Bolsonaro e seus apoiadores se apropriam da própria bandeira nacional, isto também é um ato de disputa por poder, visto que o símbolo de toda uma nação passa a representar somente um partido e aqueles que se alinham com ele.

Esta disputa por poder acontece em torno dos símbolos, mas também se dá por meio do discurso. Michel Foucault compreende que todo discurso é dotado de poder e está sempre em disputa. "...o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo porque, pelo que se luta, o poder do qual nos queremos apoderar" (FOUCAULT, 1996, p. 10). Esta disputa se dá nas narrativas produzidas e pronunciadas por Bolsonaro, mas também nos embates por sentido que ocorrem nos comentários e nas produções de atores sociais, que se dividem entre apoiadores e contrários ao candidato.

Outro comentário de uma apoiadora de Bolsonaro (Figura 18) nos leva a essa mesma interpretação, pois também cria elaborações a partir das cores da bandeira do Brasil.

Figura 18 – Comentário de apoiadora em postagem de Bolsonaro no Twitter



Fonte: Twitter (2018)

Primeiramente, a legenda da publicação também colabora com a percepção de uma trajetória de mito, ao passo que coloca Bolsonaro como salvador, que enfrenta infinitas provas e que tem um inimigo para combater (CAMPBELL, 2007). O inimigo é visto mais uma vez como o comunismo, como os partidos políticos de esquerda do país.

Este inimigo é aqui representado pela cor vermelha e pelo símbolo do comunismo, que são empregados no lugar de uma mão que dá a facada em Bolsonaro. A necessidade de um inimigo faz parte da narrativa e da trajetória do herói. Portanto, as criações que colocam este vilão como o comunismo e como a ideologia de esquerda acabam por revelar os desejos e os posicionamentos de quem acredita e defende Bolsonaro. “As imagens, os símbolos, os mitos, não são criações irresponsáveis da psiquê; eles respondem a uma necessidade e preenchem uma função: pôr a nu as mais secretas modalidades do ser” (ELIADE, 1979, p. 13).

A mão vermelha que dá a facada em Bolsonaro atinge um corpo com uma camiseta amarela com a escrita “meu partido é o Brasil”. Esta expressão reforça mais uma vez a proposta de apoderamento do símbolo e das cores nacionais para representar um candidato e um único ideal.

Na legenda, a pessoa ainda pontua que este inimigo quis destruir os sonhos da nação com a facada em Bolsonaro. Este trecho contribui para alimentar uma ideia polarizada a respeito da política nacional. “Na polarização não há debate, ou este direciona para a desconexão e para violência simbólica” (BRAGA, 2020, p. 6). E é isso que ocorre neste comentário, visto que a pessoa se mune de notícias falsas e não permite espaço para debate, apenas ataca.

5.1.2.4 – O imaginário mobilizado

Para sintetizar os imaginários mobilizados que representam este circuito, separamos duas imagens (Figura 19). Consideramos que elas resumem os principais elementos acionados ao longo do episódio, pois trabalham especialmente em torno da disputa pelos símbolos nacionais.

Este circuito é marcado por um movimento de apropriação da bandeira nacional e das cores que a representam por parte de Bolsonaro e de seus apoiadores. As narrativas colocam o então candidato em torno de uma jornada do herói, apresentando-o como mito e como única possibilidade para salvar o país de um inimigo comum, que aqui é visto como o comunismo ou como os partidos de esquerda, principalmente o PT. Portanto, o uso da cor vermelha também é salientado nas produções, colocada como inimigo a ser combatido ou como vilã e responsável pela facada no presidencial.

Enquanto isso, a apropriação dos símbolos nacionais é justificada nas narrativas pois Bolsonaro não é visto como um mero candidato. Ele é visto como sinônimo de salvação do país e, conseqüentemente, seu símbolo e cores são as mesmas do Brasil.

Figura 19 – Imagens síntese do circuito da Facada



Fonte: Elaborado pela autora

Assim sendo, a mobilização de imaginários ligados ao patriotismo e a construção de uma narrativa em torno da jornada do mito/herói nos levam a interpretar que a imagem síntese para este circuito é a do herói ferido. Este herói ferido, posteriormente, superará a dor e as provações ao tornar-se presidente.

5.2 FASE 2 – SALVADOR DA PÁTRIA OU AUTORITÁRIO?

A segunda fase de observação é marcada pela análise do circuito Nossa bandeira jamais será vermelha, que diz respeito ao início do mandato de Jair Bolsonaro enquanto presidente do país. A fala que originou este episódio se deu durante o seu discurso de posse.

5.2.1 O circuito Nossa bandeira jamais será vermelha

No dia 1º de janeiro de 2019, Jair Bolsonaro se tornava o 38º presidente do Brasil. Após meses de campanha eleitoral polarizados, Bolsonaro proferiu seu discurso de posse reforçando pautas já protagonizadas por ele ao longo de sua trajetória política. Entre as bandeiras levantadas durante sua fala estavam a valorização da família e dos costumes, a preservação da religião, bem como promessas de ações anticorrupção e de antagonismo ao socialismo.

Este circuito especificamente surge a partir de uma frase proferida por ele na finalização de seu discurso. “Que Deus abençoe essa grande nação. Brasil acima de tudo, Deus acima de todos. Essa é a nossa bandeira, que jamais será vermelha. Só será vermelha se for preciso nosso sangue para mantê-la verde e amarela”.

Neste trecho final, ele resgata frases clássicas de sua campanha, como “Brasil acima de tudo, Deus acima de todos”, que foi bastante utilizada como um slogan. Já a frase “Nossa bandeira jamais será vermelha” se destaca neste momento, ao passo em que encerra o pronunciamento, atribuindo um tom ao discurso e ao próprio mandato de Bolsonaro.

Esta mesma fala já havia sido protagonizada por ele em outros momentos, inclusive sendo repetida por seus apoiadores, como vimos na observação do circuito anteriormente analisado. No entanto, é apenas a partir desta data que a “Nossa bandeira jamais será vermelha” passa a se configurar enquanto um circuito interacional, ao passo que marca o pronunciamento de início do governo, além de conter um intenso grau de repercussão.

5.2.2 Operações

5.2.2.1 – O jornalismo e as elaborações sobre o dito

Os veículos jornalísticos que noticiaram a fala “Nossa bandeira jamais será vermelha” parecem ter recortado este trecho do discurso, colocando-o em destaque já nos títulos ou nas linhas de apoio das reportagens.

Em algumas delas, percebemos um tom objetivo de narrativa, colocando partes do discurso entre aspas, especialmente a fim de atribuir o peso da fala a Bolsonaro. Ao mesmo tempo em que atribui esta voz, a reportagem também adota um local de distanciamento, sem trazer grandes aprofundamentos, contextualizações ou discussões ao longo do texto. Exemplo disso é uma reportagem publicada pelo veículo Valor Econômico (Figura 20).

Figura 20 – Reportagem do Valor Econômico sobre a Nossa bandeira jamais será vermelha



Fonte: Valor Econômico (2019)

Este pinçamento de uma parte específica do pronunciamento parece acontecer por alguns motivos específicos. O primeiro deles é o fato de Bolsonaro ter escolhido encerrar sua fala justamente desta forma, o que acaba por marcar o tom do discurso. Além de marcar o pronunciamento, este mesmo trecho deixa pistas sobre a sua postura enquanto presidente no mandato que se inicia.

Isto também nos abre espaço para refletir sobre como os imaginários são acionados nas narrativas jornalísticas. Não necessariamente uma reportagem precisa utilizar uma fotografia ou explicitar em seu texto elementos relacionados a imaginários coletivos para que eles estejam presentes. Muitas vezes eles circulam nas brechas, nas fissuras deixadas para reflexão. Afinal, as construções podem ser sutis, mas ainda são dotadas de sentido. Sentido este que é sempre produto de uma construção coletiva (VÉRON, 2004) e que, portanto, pode ser facilmente reconhecido.

Neste episódio especificamente, as brechas carregam marcas sobre os valores patriotas e nacionalistas, sempre presentes nas falas de Bolsonaro. E, ao mesmo tempo, estes valores podem ser tensionados por outros imaginários que circulam nesta fala, como a disputa autoritária em torno do símbolo nacional e o tom de ameaça a outras ideologias políticas.

Esta interpretação sobre as marcas deixadas por Bolsonaro em seu discurso é vista também nas reportagens publicadas pelo jornal Extra e pelo portal Uol (Figura 21).

Figura 21 – Reportagem do Extra e do Uol sobre a Nossa bandeira jamais será vermelha



Fonte: Extra e Uol (2019)

Na reportagem do Extra, a fala de Bolsonaro que nomeia este circuito é referenciada no título, porém é complementada com o trecho em que fala que a bandeira “só será vermelha se for preciso sangue para mantê-la verde e amarela”. Apesar de não produzir discussões sobre os significados empregados nesta frase, o

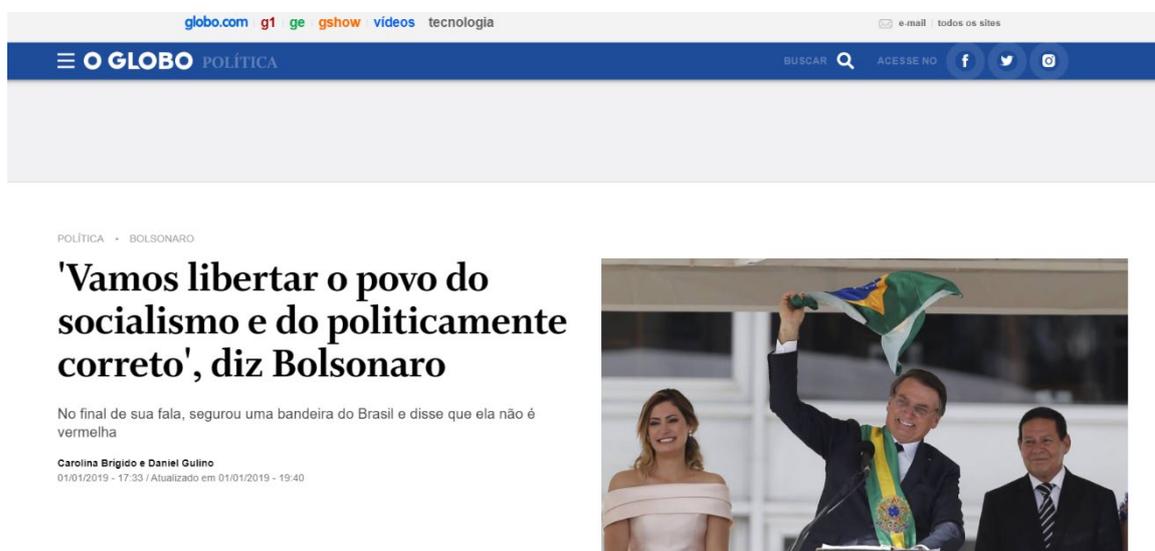
jornalismo abre espaço para que ocorra um debate a respeito dela, ao passo em que a coloca como elemento principal da narrativa.

Já a matéria do portal Uol não utiliza propriamente o trecho que caracteriza o episódio aqui analisado. Porém, faz uso dos desdobramentos seguintes presentes na fala de Bolsonaro. Esta utilização também reforça o comportamento do jornalismo de gerar espaços para discussão. E, mais do que permitir que debates ocorram a partir de suas narrativas, o jornalismo também gera sentidos e impressões nos leitores, por meio dos recortes empregados. “Todo jornalista, ao relatar um fato, o faz como se fosse um mediador discreto, produzindo os seus enunciados de maneira pretensamente imparcial e neutra; mas, ao contrário desta intencionalidade pretendida, seu ato de fala está marcado por uma posição enquanto observador da realidade, que implica em seleções e escolhas” (MOTTA, 2003, p. 13).

Ao escolher salientar este trecho, por exemplo, a reportagem do Uol deixa de lado outros aspectos e outros ganchos de escrita. Portanto, recorta e direciona a narrativa para debates envolvendo não somente os símbolos do país, como a bandeira nacional, mas também para reflexões sobre a polarização e a violência política.

Nesta mesma linha, temos uma reportagem publicada pelo jornal O Globo (Figura 22), que utiliza a “nossa bandeira jamais será vermelha” na linha de apoio. Já no título, ela prefere destacar outro trecho proferido por Bolsonaro em seu pronunciamento, que também abre brechas para construir sentidos.

Figura 22 – Reportagem do O Globo sobre a Nossa bandeira jamais será vermelha



globo.com g1 ge gshow vídeos tecnologia e-mail todos os sites

≡ O GLOBO POLÍTICA BUSCAR Q ACESSE NO f t i

POLÍTICA • BOLSONARO

'Vamos libertar o povo do socialismo e do politicamente correto', diz Bolsonaro

No final de sua fala, segurou uma bandeira do Brasil e disse que ela não é vermelha

Carolina Brígido e Daniel Gulino
01/01/2019 - 17:33 / Atualizado em 01/01/2019 - 19:40

Fonte: O Globo (2019)

O trecho escolhido pela reportagem direciona a narrativa para pensar sobre os valores e promessas trabalhados por Bolsonaro ao longo de sua campanha: “vamos libertar o povo do socialismo e do politicamente correto”. Ao ressaltar esta fala, a matéria jornalística aborda os sentidos empregados por Bolsonaro não apenas na corrida presidencial, mas também enquanto um discurso que marca o início de sua jornada como presidente.

Ou seja, a jornada do herói que vimos Bolsonaro percorrer no circuito anterior ganha aqui um novo momento. Trata-se do passo em que o herói vence os primeiros obstáculos e merece algo em troca. Este momento é, para Campbell (2007), o de recompensa, no qual este personagem costuma receber uma grande conquista. Para Bolsonaro, seria tornar-se finalmente presidente. Porém, de acordo com a jornada mitológica proposta pelo autor, há ainda novos desafios a serem enfrentados pelo herói, que aqui podemos interpretar justamente como a luta que Bolsonaro reitera em seu discurso de posse: a batalha para vencer o socialismo.

Este seu discurso, além de marcar uma nova etapa em sua trajetória, também acaba por reforçar mais uma vez o inimigo contra quem ele luta. Afinal, um herói sempre precisa ressaltar em sua jornada os motivos que não o deixam desistir. Para Bolsonaro, os inimigos que o impelem a não desistir seriam o comunismo, o socialismo e os partidos políticos de esquerda, especialmente representados pela imagem do Partido dos Trabalhadores (PT).

Outro aspecto que colabora nesta narrativa é a imagem utilizada na reportagem. Trata-se de uma fotografia da posse de Bolsonaro, na qual ele estende e balança uma bandeira do Brasil. Apesar de se tratar de uma posse presidencial, o uso da bandeira acaba sendo tensionado, justamente pelas apropriações do símbolo nacional feitas por ele ao longo de sua campanha eleitoral.

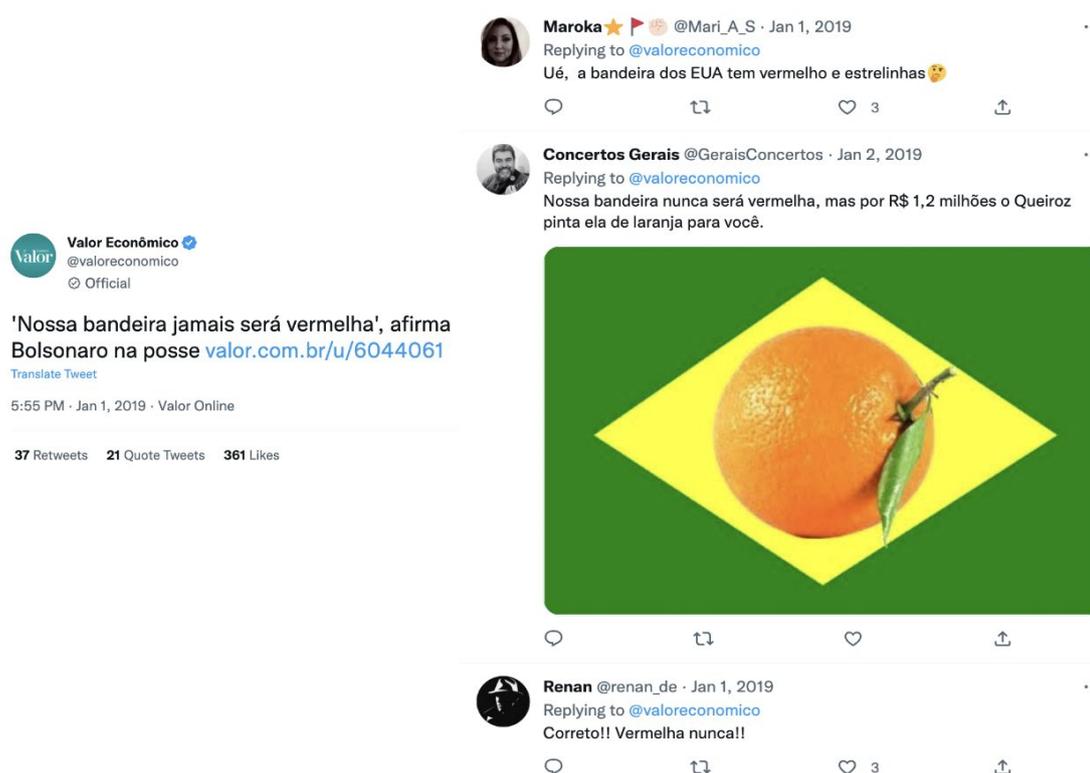
Desta forma, podemos pensar como os textos jornalísticos colaboram para um movimento de construção de sentidos e para produzir uma imagem a respeito de Bolsonaro.

5.2.2.2 – Os atores tecem o sentido

Em relação às construções protagonizadas por atores sociais, é visível que este circuito é muito marcado por uma disputa de sentidos. Apoiadores e contrários a Bolsonaro se dividem em produções em seus perfis pessoais e, ao mesmo tempo, também produzem debates no campo dos comentários dos veículos de comunicação. Em ambos os espaços, há uma postura de dualidade.

Por um lado, temos aqueles que apresentam contradições a respeito de Bolsonaro, indicando que ele não deveria ter sido eleito como presidente. Por outro, há a presença de apoiadores, que defendem a sua fala. Em uma publicação do jornal Valor Econômico (Figura 23), identificamos alguns comentários que exibem esta polarização.

Figura 23 – Comentários em postagem do Valor Econômico no Twitter



Fonte: Twitter (2019)

O primeiro comentário traz uma crítica à relação de Jair Bolsonaro com o ex-presidente estadunidense Donald Trump. Esta fala indica que Bolsonaro defende os valores nacionalistas do Brasil, ao mesmo tempo em que se vende para políticos

internacionais, como o próprio Trump, à época líder norte-americano. Portanto, este comentário gera um questionamento sobre Bolsonaro realmente ser patriota. Este paralelo é feito justamente pelo fato de a bandeira dos Estados Unidos ter como uma de suas cores o vermelho.

Já o segundo comentário é composto por uma imagem, mais especificamente uma colagem, que substitui parte da bandeira do Brasil por uma laranja. A fruta é colocada ao centro da bandeira a fim de criticar Bolsonaro pelo escândalo em que seu filho Flávio se envolveu. Neste episódio, o assessor parlamentar Fabrício Queiroz foi apontado como operador de um esquema de rachadinhas no gabinete do filho do então presidente. Sua figura ficou midiaticamente conhecida por ser um “laranja” neste esquema de corrupção. O termo laranja indica uma pessoa que intermedeia transações financeiras fraudulentas, emprestando seu nome, documentos ou conta bancária para ocultar quem a contrata.

Ao utilizar este caso, o ator social não apenas questiona a índole política da família Bolsonaro, como também gera disputas em torno da bandeira nacional. Na legenda, ele ainda completa que a “bandeira nunca será vermelha, mas por R\$ 1,2 milhões o Queiroz pinta ela de laranja para você”. O tom irônico é uma marca deixada pelo ator social como forma de crítica à apropriação de Bolsonaro sobre a bandeira do país, ao passo em que ele se envolve em polêmicas de corrupção.

Completando a sequência de comentários, temos a presença de um apoiador do ex-presidente, que sinaliza concordar com sua fala, reafirmando que “vermelho nunca”. Já em postagem do jornal O Globo (Figura 24), temos comentários carregados de tom cômico, utilizados para criticar a fala de Bolsonaro.

Figura 24 – Comentários em postagem do O Globo no Twitter



Fonte: Twitter (2019)

O primeiro deles questiona se alguém acredita que o Brasil seja, de fato, um país socialista e ainda completa que não aceita respostas oriundas de “retardados de plantão”. O segundo segue na mesma linha e utiliza um meme do cantor brasileiro Caetano Veloso para afirmar que quem acredita em socialismo no país é burro. Este segundo comentário faz um acionamento interessante, ao passo em que o meme utilizado já havia circulado na internet há bastante tempo. Portanto, este uso parece deixar marcas de uma estratégia do ator social para gerar um reconhecimento maior. Ao mesmo tempo, parece ser uma forma de lidar com acervos ou arquivos digitais, afinal são camadas de apropriação que aqui acontecem.

Já o terceiro comentário questiona sobre Bolsonaro ser um cristão, visto que para ele um verdadeiro cristão estaria indo contra a ideologia de Cristo ao pregar piadas, falácias e racismo, como Bolsonaro o faz.

Partindo para as produções de atores sociais em seus próprios perfis, temos uma postagem (Figura 25) de uma pessoa que utiliza fotografias da posse presidencial. Estas fotos parecem ter sido tiradas enquanto ela acompanhava o

discurso em sua televisão. Este fato é interessante para pensar sobre como os meios acabam sendo interpenetrados na circulação.

A legenda da publicação reforça os mesmos trechos da fala de Bolsonaro, afirmando que “nossa bandeira jamais será vermelha”. Ela também acrescenta que se trata de um dia histórico para o país, ressaltando o discurso do presidente eleito e a presença da primeira-dama Michelle.

Figura 25 – Postagem de apoiadora de Bolsonaro sobre sua posse



Fonte: Twitter (2019)

Ao falar sobre Michelle, a pessoa complementa que ela e o então presidente deram um lindo e apaixonado beijo. Este trecho é seguido do apontamento de que o beijo calou “milhares de feministas”. Com este comentário, podemos pensar sobre os valores empregados por Bolsonaro em seus discursos, como o de valorizar a família tradicional brasileira, composta pela figura de um homem e de uma mulher. Esta narrativa parece se repetir na boca dos seus apoiadores, que destacam os mesmos elementos. Ao se opor ao movimento feminista, a pessoa também parece repetir padrões do presidente que elegeu, visto que diversas vezes ele reproduziu

comportamentos misóginos, como o dia em que disse que mulheres deveriam ganhar menos pois engravidam¹⁸.

Em outro tweet (Figura 26), temos novamente o reforço do mesmo trecho do discurso de Bolsonaro, seguido de uma indicação de que o ator social acha lindo ver o país “voltando a ser Verde e Amarelo”. Primeiramente, podemos destacar que o fato de as cores estarem com letra inicial maiúscula parece ser uma operação com a intenção de designar uma autoridade a elas, como se fossem a representação da própria nação.

Figura 26 – Postagem de apoiador de Bolsonaro sobre sua posse



Fonte: Twitter (2019)

Outro ponto que chama a atenção na legenda é o ator social comentar que o Brasil está voltando a ser verde e amarelo. Esta colocação indica que, nos governos anteriores, o país estava tomado de outras cores, o que por sua vez vai ao encontro da própria fala de Bolsonaro sobre a bandeira ser vermelha. A cor vermelha é então

¹⁸ Jair Bolsonaro diz que mulher deve ganhar salário menor porque engravida. Disponível em: <https://revistacrescer.globo.com/Familia/Maes-e-Trabalho/noticia/2015/02/jair-bolsonaro-diz-que-mulher-deve-ganhar-salario-menor-porque-engravida.html>. Acesso em 04 dez. 2022.

característica que representa o socialismo, a esquerda e, portanto, o inimigo a ser combatido.

Para reforçar esta apropriação de que o governo Bolsonaro representa os ideais nacionalistas, o ator social complementa sua postagem com uma imagem da bandeira do Brasil. Além da bandeira estar presente na ilustração do tweet, ela também é visível no espaço onde deveria estar a foto de perfil do usuário. Ela parece estar pintada em uma mão com o punho fechado. Este uso reforça a operação do ator social de querer deixar evidente o seu local de fala.

Em um outro tweet (Figura 27), temos mais uma utilização da bandeira nacional. Neste caso, há a repetição da colagem com a laranja ao centro, indicando novamente a relação da família Bolsonaro com o escândalo de corrupção do assessor Fabrício Queiroz.

Figura 27 – Postagem que relaciona Bolsonaro a esquema de laranjas



Fonte: Twitter (2019)

Diferentemente do exemplo que trouxemos anteriormente, este utiliza a fruta aberta e acrescenta a pergunta “cadê o Queiroz?” no espaço onde originalmente

estaria escrito “ordem e progresso”. De forma irônica, o ator social pontua na legenda que nossa bandeira jamais será vermelha, dando a entender que a bandeira não poderia ser vermelha (comunista, socialista ou esquerdista), mas que poderia ser laranja (corrupta).

Um outro exemplo que reflete sobre a cor vermelha e a bandeira do Brasil é identificado no tweet abaixo (Figura 28). Diferentemente das ilustrações trazidas até então, esta busca indicar que a bandeira está sim se tornando vermelha com a chegada de Bolsonaro à presidência. Porém, o vermelho atribuído neste caso não é a mesma cor dos partidos políticos de esquerda, como indicava o então presidente. O vermelho aqui empregado representa outros imaginários.

Figura 28 – Postagem que relaciona bandeira vermelha com nazismo



Fonte: Twitter (2019)

A ilustração utilizada mostra a bandeira do Brasil sendo enrolada para dar espaço a uma nova bandeira. Esta nova bandeira é vermelha e representa o regime nazista. Ele pode ser identificado devido à presença da cor e pelo símbolo da cruz suástica.

O uso de símbolos tradicionais é importante para a interpretação dos conteúdos. Como afirma Flusser, não basta somente a imaginação para produzir imagens. “Aquilo que é visto (o fato, a circunstância) deve ser fixado e se tornar acessível para outros. Deve ser codificado em símbolos, e esse código deve ser alimentado em uma memória” (FLUSSER, 2007, p. 162). Este pensamento do autor acaba sendo materializado em ilustrações como esta do tweet acima.

O fato de a bandeira do Brasil abrir espaço para uma bandeira nazista carrega uma crítica à apropriação do símbolo nacional, ao mesmo tempo em que reforça a relação entre Bolsonaro e Hitler – líder nazista. O regime de Adolf Hitler defendia o nacionalismo, o militarismo e o autoritarismo. Esses mesmos ideias são enaltecidos pelo então presidente do Brasil, que teve carreira militar no passado e que contava com um general da reserva como seu vice.

Esta publicação ainda nos permite pensar sobre as novas associações que começam a ganhar destaque para descrever Bolsonaro. O tensionamento em torno da figura do herói deixa espaço para a construção de um autoritário, que se manifestará ainda mais intensamente nos próximos circuitos. Desta forma, podemos discutir sobre a mobilização de arquétipos de autoritarismo consolidados no imaginário coletivo (DURAND, 2002) como um elemento estratégico empregado para gerar uma imagem para Bolsonaro.

Esta associação com regimes autoritários não se encerra no tweet acima. Em outra postagem (Figura 29) há um acionamento da ditadura militar brasileira. O curioso neste caso é que o ator social resgata a ditadura de forma positiva, enxergando no Bolsonaro um líder capaz de retomar este momento para o país.

Também é válido pontuar que essa postagem é feita em agosto de 2020, ou seja, cerca de um ano e meio após a fala que originou este circuito. Pensando nas condições de produção, é interessante considerar que este acionamento se deu por conta de condutas de Bolsonaro já enquanto gestor do país.

Figura 29 – Postagem que relaciona Bolsonaro com ditadura militar



Fonte: Twitter (2020)

Para falar sobre a ditadura militar, este ator social utiliza apenas o ano em que ela se iniciou. Não há presença de fotografias ou ilustrações que demonstrem o período. No entanto, o ano de 1964 se consolidou no imaginário coletivo como sinônimo de um golpe militar. Portanto, alguns elementos simbólicos – mesmo que numéricos como neste caso – carregam valores e marcas intensas que se enraízam na memória e na consciência de uma população (WUNENBURGER, 2003).

A imagem que compõem o tweet, além de conter a data de início do golpe militar, também conta com a figura de uma pessoa que está cravando a bandeira do Brasil no solo. Com isso, podemos interpretar que o ator social entende que Jair Bolsonaro representa os mesmos valores do regime militar de 1964. Para ele, esses valores são relacionados ao nacionalismo e ao militarismo. Portanto, ele enxerga esta época com saudosismo.

Este movimento interpretativo que fizemos é possível ao passo em que entendemos que “o caráter imaginativo claramente não reside no objeto, mas se torna possível a partir da disposição e capacidade daquele que observa a imagem” (SILVA,

2020, p. 129). Ou seja, esta observação envolve a compreensão das referências abordadas na imagem, para que então possa haver a construção de sentidos.

Em outra postagem de 2020 (Figura 30), temos um ator social que também resgata este circuito da “nossa bandeira jamais será vermelha” diante de novos acontecimentos protagonizados por Bolsonaro.

Figura 30 – Postagem sobre bandeira e queimadas no Pantanal



Fonte: Twitter (2020)

Neste momento, o Pantanal enfrentava um dos piores anos de queimadas da história do bioma. Os incêndios nas florestas repercutiram intensamente Brasil afora e internacionalmente. O acontecido parece ter aberto precedente para que o ator social resgatasse a fala sobre a bandeira vermelha para gerar novos debates. Ele produz então uma nova imagem da bandeira nacional. Desta vez, metade dela está em chamas, em alusão ao Pantanal. A legenda complementa a construção de sentidos ao afirmar que diziam que a bandeira não seria vermelha, mas que não avisaram que acabariam com o verde.

Este exemplo nos permite ver marcas interessantes sobre as produções dos atores sociais dentro dos circuitos interacionais. Mesmo após meses ou anos de circulação, os episódios são resgatados para discutir a respeito de novas pautas. Neste caso, o ator social utiliza uma fala protagonizada por Bolsonaro contra ele mesmo, diante de uma grande tragédia ambiental.

5.2.2.3 – A fala de Bolsonaro

Em relação aos comentários que surgem a partir da postagem de Bolsonaro sobre o episódio em seu próprio perfil, privilegiamos trazer para discussão apenas um (Figura 31). Esta escolha se deu pelo fato de ser o único comentário composto por imagem, o que nos gera mais oportunidade de debate.

Figura 31 – Comentário em postagem de Bolsonaro sobre Nossa bandeira jamais será vermelha



Fonte: Twitter (2019)

Bolsonaro publicou em seu Twitter o discurso de posse completo no dia seguinte. Grande parte dos comentários que encontramos são de apoiadores que o parabenizam e que o elogiam pelo discurso. Não há comentários direcionados especificamente para o trecho que originou o circuito aqui analisado.

O único comentário que extraímos para observação fala sobre os esquerdistas pirarem com o pronunciamento do ex-presidente. Possivelmente o ator social que

comentou se refere aos trechos que aqui analisamos, onde Bolsonaro fala sobre acabar com o socialismo e onde se refere a bandeira jamais ser vermelha.

Para compor sua postagem, o ator social publica uma colagem em que Bolsonaro tem seu rosto no lugar de um maestro de orquestra. A imagem contém a escrita “sinfonia em mimimi maior”. Esta frase é uma apropriação do apoiador do ex-presidente sobre suas próprias falas, visto que ele mesmo se referiu a vários acontecimentos como mimimi.

O uso da expressão mimimi marca o passado de Bolsonaro antes de ser eleito presidente, mas também será muito simbólico ao longo de seu mandato. Afinal, um dos circuitos que olharemos mais à frente é intitulado como “Frescura e Mimimi”. Portanto, é possível pensarmos mais uma vez nos cruzamentos que existem entre os episódios aqui analisados.

5.2.2.4 – O imaginário mobilizado

Neste circuito, entendemos que duas imagens (Figura 32) expressam os principais imaginários mobilizados. Mais uma vez temos uma forte disputa em torno dos símbolos nacionais, seguindo o comportamento que identificamos no circuito da Facada. No entanto, acreditamos que este caso trabalha de maneira mais intensa com embates a respeito da bandeira do Brasil, especialmente pelo fato de que o trecho da fala que marca este episódio se refere justamente à bandeira.

Consideramos então que a própria fala de Bolsonaro instiga esta disputa do símbolo, ao passo em que seu discurso a coloca em destaque. Portanto, encontramos muitos materiais de apoiadores do então presidente que dispõem a bandeira nacional como símbolo de apoio e de amor ao patriotismo representado por Bolsonaro.

Por outro lado, as críticas a respeito desta apropriação da bandeira nacional geram diversas outras construções, que tensionam este uso de Bolsonaro. As associações geradas resgatam imaginários coletivos ligados a regimes autoritários, como o nazismo e como a ditadura militar brasileira. Estes acionamentos de imaginários coletivos, por sua vez, mostram indícios de novas produções a respeito da figura de Bolsonaro, colocando em questionamento o fato de o então presidente eleito ser realmente um herói ou estar deixando escapar marcas que o configuram como um líder autoritário.

Figura 32 – Imagens síntese do circuito Nossa bandeira jamais será vermelha



Fonte: Elaborado pela autora

Dito isso, estabelecemos que os imaginários mobilizados neste episódio giram em torno de uma disputa a respeito da bandeira do país enquanto símbolo da nação e a respeito da própria figura de Bolsonaro, que aqui passa a ser interpretado como autoritário.

5.3 FASE 3 – O GENOCIDA NA PANDEMIA

A terceira fase desta pesquisa é a mais extensa entre todas. Diferentemente das demais, olharemos aqui para dois circuitos. São eles o “Coveiro” e o “Frescura e Mimimi”. O período de aproximadamente um ano separa os dois episódios, porém o contexto que os abraça é o mesmo, o de pandemia da Covid-19 no país. Portanto, optamos por deixá-los em uma mesma fase de observação.

5.3.1 O circuito Coveiro

Jair Bolsonaro deu uma declaração no final da tarde do dia 20 de abril de 2020, na portaria do Palácio da Alvorada, para jornalistas e apoiadores. Ele foi questionado por um jornalista sobre o número recorde de mortes que havia sido divulgado no mesmo dia pelo Ministério da Saúde. Inclusive, o número divulgado não era condizente, pois havia sido digitado erroneamente, porém foi corrigido após a repercussão da resposta de Bolsonaro.

Na ocasião, o ex-presidente não deixou o jornalista finalizar a pergunta sobre os números e respondeu que não era coveiro para falar de mortes. Ele repetiu a afirmação de não ser coveiro várias vezes e, logo em seguida, direcionou a fala para outro assunto.

Apesar de a informação sobre o recorde de mortes não ter sido verdadeira no dia, ainda assim o país enfrentava uma grande onda de novos casos e de falecimentos por conta do coronavírus. Os vídeos da fala de Bolsonaro repercutiram de forma intensa, gerando reportagens por parte da imprensa, sem falar nas diversas apropriações desenvolvidas por atores sociais a respeito do episódio.

5.3.1.1 Operações

5.3.1.1.1 O jornalismo e as elaborações sobre o dito

Iniciamos a observação do episódio olhando para as marcas do jornalismo, visto que este circuito começa justamente com uma fala de Bolsonaro à imprensa e a apoiadores. O primeiro aspecto que chama atenção é o fato de o mesmo trecho do pronunciamento do ex-presidente ser colocado entre aspas por todos os veículos selecionados (Figura 33).

Figura 33 – Colagem de reportagens sobre o circuito Coveiro

The collage consists of three news articles:

- Uol:** The article is titled "POLÍTICA" and features a sub-headline "Esses conteúdos de artigo". The main headline reads: "Eu não sou coveiro", diz Bolsonaro sobre número de mortes por covid-19. Below the headline is a video thumbnail with the text "CORONAVÍRUS 'NÃO SOU COVEIRO'".
- FOLHA DE S. PAULO:** The article is under the "CORONAVÍRUS" section. The headline is "'Não sou coveiro', diz Bolsonaro sobre qual seria número aceitável de mortes por coronavírus". A sub-headline asks: "Questionado sobre o risco da reabertura de escolas, que defende, presidente disse também não ser médico".
- ESTADÃO:** The article is under the "Política" section. The headline is "'Não sou coveiro, tá?', diz Bolsonaro sobre mortos por coronavírus". A sub-headline states: "O presidente repetiu a afirmação e não comentou o registro de mais de 2500 mortes pela doença".

Each article includes social media sharing icons and a byline for Paulo Saldaña.

Fonte: Uol, Folha de S.Paulo e Estado de S. Paulo (2020)

Isso nos gera duas impressões iniciais. A primeira é que os veículos fazem questão de destacar um mesmo recorte. A segunda é que o uso de aspas parece ser uma postura de distanciamento do jornalismo, no sentido de frisar que a frase foi proferida por Bolsonaro, atribuindo assim uma voz ao então presidente.

Porém, ao passo em que a imprensa parece adotar essa conduta de isenção e imparcialidade nas reportagens, a construção das narrativas e os elementos utilizados parecem oferecer pistas para que os atores sociais tirem suas próprias conclusões. As reportagens destacam as mesmas informações no primeiro contato com o leitor, especialmente nos títulos e linhas de apoio, o que contribui para a construção de uma impressão a respeito da fala de Bolsonaro.

Na manchete da Folha de S.Paulo, por exemplo, temos a fala do ex-presidente seguida do questionamento sobre haver um número aceitável de mortos. Aqui é notável que há um destaque para a problemática da fala de Bolsonaro, ao passo em que a reportagem utiliza a palavra “aceitável” para refletir sobre mortes de milhares de pessoas. Na linha de apoio desta mesma matéria, há outras informações que colocam Bolsonaro em uma situação de irresponsabilidade e de despreocupação em relação à pandemia: “Questionado sobre o risco de reabertura das escolas, que defende, presidente disse também não ser médico”. A construção deste trecho leva à compreensão de que Bolsonaro não leva em consideração os impactos das proposições que ele mesmo abraça, ao passo em que ele mesmo contra-argumenta salientando não ser responsável, afirmando que isso cabe ao médico ou ao coveiro, por exemplo.

Já na reportagem do Estado de S. Paulo, a linha de apoio elabora uma percepção de que Bolsonaro é negacionista. O texto pontua que o ex-presidente evitou falar sobre o número de mortos e que, ao mesmo tempo, ainda repetiu mais de uma vez que não era coveiro.

Enquanto isso, a matéria do portal Uol faz uso de uma imagem para compor a narrativa, que coloca o rosto de Bolsonaro com uma tarja que diz “não sou coveiro”. A fotografia utilizada ao fundo mostra feições do então presidente que parecem ser de deboche ou também de despreocupação. A escolha desta imagem corrobora para um entendimento de que ele não se sensibiliza pelas milhares de mortes. Este conjunto de elaborações nos faz pensar sobre a importância de olhar para todos os elementos que fazem parte dos objetos em análise, conforme indicava Verón (2004), já que os sentidos emergem muitas vezes a partir do conjunto.

Nota-se também que os textos se preocupam com uma breve contextualização do momento em que se passa o episódio. Essa contextualização é importante para a construção de sentidos porque salienta o número de mortes no país de forma incisiva. Ao longo dos textos das reportagens, também ficam perceptíveis críticas sobre o fato de Bolsonaro defender o fim do isolamento social e o retorno de todas as atividades econômicas. Este aspecto da fala de Bolsonaro colocado pelas matérias também pode gerar uma impressão de dualidade, dando a entender que as medidas preventivas impedem a retomada da economia.

Sobre isso, vale apontar que, quando Bolsonaro proferia seu discurso, não contava somente com a presença da imprensa. Ele estava cercado por apoiadores

que esperavam este mesmo posicionamento de abertura do comércio. Este contexto é importante de ser destacado por nos fazer compreender melhor a postura do jornalismo de muitas vezes capturar os primeiros minutos de uma fala. Ou seja, temos aqui operações jornalísticas em jogo.

Outro sentido identificado nas reportagens é o negacionismo de Bolsonaro ao falar sobre a pandemia. Em trecho de matéria do portal G1 (Figura 34), podemos perceber que o texto sugere uma desqualificação das mortes por parte de Bolsonaro: “Aproximadamente 70% da população vai ser infectada. Não adianta querer correr disso. É uma verdade. Estão com medo da verdade?”, afirmou.”

Figura 34 – Reportagem do G1 sobre o circuito Coveiro

The image shows a screenshot of a news article from G1. At the top, there is a red navigation bar with the G1 logo and the word 'POLÍTICA'. Below this is a promotional banner for 'americanas' with a '#saldão 60%+ até de desconto frete grátis' and a 'compre agora' button. The main headline of the article is **'Não sou coveiro, tá?', diz Bolsonaro ao responder sobre mortos por coronavírus**. Below the headline, there is a sub-headline: 'Até esta segunda-feira, o Brasil registrava 2.575 mortes e 40.581 casos confirmados de pessoas contaminadas pelo coronavírus.' The author is 'Por Pedro Henrique Gomes, G1 — Brasília' and the date is '20/04/2020 19h07 - Atualizado há um ano'. The main body of text contains a quote from Bolsonaro: "Aproximadamente 70% da população vai ser infectada. Não adianta querer correr disso. É uma verdade. Estão com medo da verdade?", afirmou. Below this, there are two more paragraphs of text: "Segundo ele, "houve uma potencialização das consequências do vírus". and "Levaram o pavor para o público, histeria. E não é verdade. Estamos vendo que não é verdade. Lamentamos as mortes, e é a vida. Vai morrer", afirmou.

Fonte: G1 (2020)

Em outro trecho da mesma reportagem, ele completou que havia um movimento de histeria a respeito da pandemia: “Segundo ele, "houve uma potencialização das consequências do vírus". "Levaram o pavor para o público, histeria. E não é verdade. Estamos vendo que não é verdade. Lamentamos as mortes, e é a vida. Vai morrer", afirmou”.

A utilização e a ênfase da reportagem em cima das falas de Bolsonaro nos mostram que as notícias vão além do papel de apenas informar e estabelecem

“dimensões cognitivas e simbólicas formadoras de crenças, definidoras de valores morais, estéticos e ideológicos, independente da vontade explícita de parte dos atores do jogo comunicativo jornalístico” (MOTTA, 2003, p. 27). Ou seja, por mais sutil e discretos que sejam os sentidos produzidos pela imprensa, eles ainda assim contribuem no movimento de discussão sobre os episódios, especialmente ao passo em que seus trechos são frisados em narrativas de atores sociais.

5.3.1.1.2 Os atores tecem o sentido

O pinçamento que identificamos nos veículos de imprensa também se reflete nas apropriações dos atores sociais. Parece então que o ciclo dos episódios inicia com o pronunciamento de Bolsonaro, que é recortado e narrado pela imprensa, e posteriormente colocado em circulação e absorvido pelos atores sociais. Este processo é inclusive descrito por Braga ao afirmar que a “circulação em fluxo contínuo não é apenas uma descrição abstrata. Ela se manifesta concretamente na sociedade, na forma de circuitos” (BRAGA, 2012, p. 41).

Nos comentários das reportagens publicadas no Twitter pelos veículos de comunicação (Figura 35), existem produções que apontam Bolsonaro diretamente como genocida, o culpabilizando pela quantidade de mortes e por sua postura diante da pandemia.

Figura 35 – Comentários em postagem do Uol sobre o circuito Coveiro



Fonte: Twitter (2020)

O comentário que contém a ilustração é interessante para pensar o fluxo de construção de sentidos, visto que aqui o ator social se posiciona para falar que Bolsonaro não é coveiro, mas sim genocida. O ex-presidente é, inclusive, colocado como o funcionário do mês em uma empresa fictícia representada pelos ícones do coronavírus.

Mas, ao mesmo tempo em que um ator social publica a charge que coloca Bolsonaro como responsável pela pandemia, há outro comentário abaixo que defende o ex-presidente e xinga a pessoa que havia publicado a ilustração. Ou seja, sua fala é interpretada de forma diferente por seus apoiadores, que não o enxergam como responsável pelas mortes da Covid-19. O espaço das redes se transforma cada vez no lócus da polarização.

Comentários que encontramos em tweets de outros veículos de imprensa também reforçam a intenção de relacionar Bolsonaro como genocida e como um gestor irresponsável (Figura 36).

Figura 35 – Comentários em postagem do Estado de S. Paulo sobre o circuito Coveiro



Fonte: Twitter (2020)

Nos dois comentários acima, temos associações diferentes sobre Bolsonaro e a pandemia. A primeira delas se apropria da franquia de filmes Harry Potter, que tem em suas narrativas o vilão Lord Voldemort. Os seguidores de Voldemort são chamados de comensais da morte, e nesta postagem Bolsonaro é intitulado como um deles.

A imagem que compõem a postagem coloca o então presidente em cima de uma grande pilha que simula corpos de mortos pela pandemia. Ele segura a bandeira do Brasil, como se fosse o defensor da nação, o que por si só carrega críticas ao patriotismo defendido desde sua campanha eleitoral. Ao seu lado, está a afirmação de que “é só uma gripezinha”. Trata-se de outra fala do ex-presidente que minimizava a Covid-19.

O segundo comentário utiliza uma fotografia de Bolsonaro tossindo em local público, que também era muito usada pela imprensa neste período. Isso nos mostra conexões entre as produções de atores sociais e de veículos de comunicação. Mas aqui a imagem contém apropriações em forma de colagem. São adicionados os ícones

do coronavírus saindo da boca de Bolsonaro, gerando a compreensão de que suas condutas contribuem para a transmissão do vírus. Por fim, há a presença de uma faixa com o símbolo nazista colocada no seu braço, que representa seu autoritarismo e aciona imaginários coletivos ligados ao totalitarismo.

Buscando identificar outras marcas e operações do episódio em postagens de atores sociais em seus próprios perfis, encontramos uma publicação (Figura 37), em que a fala de Bolsonaro é colocada entre aspas, exatamente como nas produções jornalísticas. Com este exemplo, fica evidente como os fluxos se interligam entre diferentes interlocutores e se tornam visíveis no processo de circulação.

Figura 37 – Postagem de ator social sobre circuito Coveiro



Fonte: Twitter (2020)

Nesta postagem, a contextualização do momento é trazida pelos próprios atores, que utilizam fotos de cemitérios lotados para contrapor a fala do ex-presidente. Inclusive, esta mesma imagem acima foi identificada por nós em muitos outros tweets, mas optamos por trazer apenas um deles para compor esta discussão.

Ainda na composição da publicação, há marcas de outros campos sociais que são acionados na legenda. O ator social critica o sistema político brasileiro ao afirmar que Bolsonaro trabalhou menos ao longo de seus 28 anos como deputado do que os

coveiros na pandemia. Consequentemente, parece haver uma preocupação em defender a dignidade da profissão de coveiro.

Além das publicações que repetem a imagem dos cemitérios, encontramos postagens compostas por ilustrações (Figura 38). Neste caso, podemos ver a simulação do que seria o Palácio do Planalto, rodeado por infinitos caixões. A fala de Bolsonaro ecoa de dentro do Palácio, enquanto as mortes parecem ser resultado de sua fala. A ilustração passa uma ideia de privilégio e de poder por parte de Bolsonaro, enquanto as milhares de mortes, insignificantes na ótica do ex-presidente, representam o povo brasileiro.

Figura 38 – Postagem de ator social sobre o circuito Coveiro com ilustração



Fonte: Twitter (2020)

Em mais uma publicação, a fala de Bolsonaro pinçada pela imprensa é destacada. Desta vez, não é feito o uso de aspas, mas há a presença de um balão característico de charges e quadrinhos, que ocupa o lugar de voz do então presidente. Na legenda, o texto é sucinto, porém contraria o pronunciamento de Bolsonaro, ao passo em que atribui a ele a responsabilidade pelas mortes da pandemia.

Outra publicação (Figura 39) que selecionamos para observar também é composta por uma ilustração, reforçando mais uma vez a operação e a estratégia dos atores sociais de construírem postagens a partir de charges. Neste caso, a imagem usada simula a silhueta de Jair Bolsonaro e coloca sua sombra com elementos característicos do que seria a morte. Aqui, a morte é retratada com elementos clássicos de filmes de terror, com a presença de uma capa, um capuz e um machado. Desta forma, o tom crítico se destaca, já que a morte referenciada é o próprio Jair Bolsonaro.

Figura 39 – Postagem de ator social sobre o Coveiro com ilustração da morte



Fonte: Twitter (2021)

Além dos símbolos da morte, outros elementos despertam sentidos. Além da cor do luto, o preto, temos as cores da bandeira do Brasil, verde e amarelo. O uso delas trabalha com a identidade da nação, despertando imaginários relacionados ao patriotismo. Esses mesmos imaginários estão presentes nos discursos de Bolsonaro, como antes vimos nos primeiros circuitos, e que pautam seus pronunciamentos com promessas de salvar a pátria. A utilização desta cor, portanto, carrega uma crítica à apropriação do símbolo nacional pelo ex-presidente.

Uma relação que podemos fazer a partir do que Braga (2012) nos afirma sobre os circuitos é sobre o valor não estar presente no objeto em si, mas nos acionamentos que se fazem a partir dele na circulação das narrativas. Isso fica evidente quando são resgatados imaginários neste jogo de elaboração e construção de sentidos por parte dos atores sociais, como feito na imagem acima.

Prosseguindo a observação, notamos que o episódio do Coveiro também foi retomado por atores sociais após alguns meses do ocorrido como forma de enfrentamento ao então presidente em momentos de vulnerabilidade dele. Exemplos disso aconteceram quando ele adoeceu com Covid-19 ou quando foi internado por conta de complicações de saúde. Nestes casos, o discurso é reapropriado e utilizado contra o ex-presidente (Figura 40).

Figura 40 – Postagem de ator social sobre o Coveiro com desenho animado



Fonte: Twitter (2021)

A expressão que sintetiza o episódio do Coveiro é novamente colocada entre aspas, mas desta vez direcionada de forma irônica para a saúde de Bolsonaro, que nesta ocasião estava internado por dores abdominais. A hashtag

“OremosPeloPresidente”, que integra a postagem, parece colaborar com esta proposta de vingança em relação ao pronunciamento.

Em relação à imagem do tweet, apesar de ter sido extraída de um desenho animado, é reapropriada e lançada sob um novo contexto. Aqui, os personagens da animação Bob Esponja são usados de forma cômica para desejar a morte de Jair Bolsonaro, ao passo em que estão com um caixão aberto à espera de seu falecimento. Isso também nos faz pensar que, no primeiro circuito, a facada significou uma forma de desejar a vida. Mas, agora, com o herói em xeque, ele passa a ser também esperado morto ou punido por suas atitudes.

A utilização do Coveiro em novas pautas acontece, como percebemos no exemplo acima, mas alguns elementos de seu contexto original ainda se fazem presentes, demonstrando ser uma operação a fim de contribuir para que haja um fácil reconhecimento do episódio. Podemos identificar que todas as novas publicações são relacionadas a Bolsonaro ou à Covid-19, que são os dois focos do discurso original. Então, por mais que a apropriação aconteça para se referir a novos fatos, alguns assuntos e elementos precisam permanecer na circulação do acontecimento para conferir a referencialidade.

5.3.1.1.3 O perfil de Bolsonaro

Em seu perfil do Twitter, Bolsonaro publicou um link que direcionava para um vídeo na plataforma Youtube. Este vídeo contém todo o discurso de Bolsonaro no dia 20 de abril de 2020, incluindo o trecho em que fala sobre não ser coveiro. O primeiro indício que caracteriza esta postagem do ex-presidente é o tom institucional. A legenda da publicação apenas cita o local da fala de Bolsonaro, a data da mesma e o link do Youtube. Ou seja, o Twitter parece ser mais uma vez o canal oficial de comunicação do então presidente.

Apesar de ser o seu principal meio de contato com apoiadores e eleitores, o perfil de Bolsonaro recebe diferentes comentários. É visível uma disputa por sentidos entre os atores sociais. Alguns deles inclusive buscam utilizar imagens ou ilustrações nos próprios comentários, como uma tentativa de que estes conteúdos se sobressaíam diante dos demais e acabem conseguindo maior visibilidade na circulação de sentidos.

Separamos na colagem abaixo (Figura 41) dois exemplos de comentários de apoiadores de Bolsonaro, que fazem uso desta estratégia de utilização de imagens.

Figura 41 – Comentários de apoiadores de Bolsonaro em vídeo do circuito Coveiro em seu Twitter



Fonte: Twitter (2020)

O primeiro comentário, que está ao meio na postagem, publica uma ilustração que coloca a figura de Jair Bolsonaro no lugar de um cavaleiro. As vestes representam os cavaleiros da cruz vermelha, que são lembrados por fazerem parte de uma ordem religiosa de cavalaria medieval. O cavaleiro da publicação segura a bandeira do Brasil, representando-a novamente como símbolo de apoio ao ex-presidente.

Na legenda, o ator social critica a emissora Rede Globo, demonstrando não se importar com o pronunciamento de Bolsonaro. Neste exemplo, o ator social parece não ter sequer assistido à fala. Assim, ele acaba por estar utilizando o comentário apenas como um meio de interação com o seu presidente, reafirmando a impressão de que Bolsonaro é uma figura que contraria padrões, que defende a nação, que é um herói para o povo.

Já o segundo comentário coloca uma fotografia de uma vitrine de loja, com a escrita de que “qualquer trabalho que provê o pão de cada dia é essencial”. Neste caso, o ator social demonstra um alinhamento com o discurso de Bolsonaro, ou seja, parece de fato ter assistido ao vídeo publicado. Este comentário possui uma grande quantidade de curtidas e compartilhamentos, o que leva à compreensão de que outros atores sociais também compartilham o mesmo pensamento.

Pensando na jornada do herói, que presenciamos nos circuitos anteriores, podemos identificar que a partir do episódio do Coveiro este modelo de construção narrativa em torno da figura de Bolsonaro acaba perdendo sua força. Os exemplos da colagem acima nos mostram que ainda existem apoiadores que colaboram para a repetição desta jornada mitológica, especialmente com associações religiosas ou patrióticas. Porém, ao mesmo tempo, esta trajetória heroica acaba sendo cada vez mais tensionada nesta fase de pandemia. Grande parte das construções encontradas para análise buscam enquadrar Bolsonaro em outros imaginários, especialmente àqueles ligados ao autoritarismo.

Em relação ao trecho da fala em que Bolsonaro afirma não ser coveiro, nenhum dos comentários de seus apoiadores menciona este episódio. Mas, por outro lado, nos exemplos da colagem abaixo (Figura 42), encontramos atores sociais contrários ao ex-presidente que atacam diretamente este momento do pronunciamento.

Figura 41 – Comentários contrários a Bolsonaro em vídeo do circuito Coveiro em seu Twitter



Fonte: Twitter (2020)

O primeiro comentário faz duros ataques ao ex-presidente, tanto na legenda quanto na imagem utilizada. Na legenda, ele enumera a quantidade de mortes e culpabiliza Bolsonaro por elas. Ele ainda afirma que Bolsonaro é um falso cristão e que, em breve, ele seria desmascarado por isso. Para finalizar, há uma hashtag que pede o impeachment do então presidente.

A imagem, por sua vez, é uma montagem simples, que coloca o símbolo do nazismo na testa de Bolsonaro, intitulando-o como um representante deste regime autoritário. Há ainda a presença do bigode característico de Adolf Hitler colocado no rosto de Bolsonaro, contribuindo para a impressão de que Hitler e Bolsonaro significam a mesma coisa. Esta interpretação de imaginários ligados ao autoritarismo é facilitada por conta da amplitude universal dos símbolos, explicada por Cassirer (1994). Assim, determinados elementos podem ser compreendidos por muitas pessoas, mesmo que fora de seu contexto original, desde que elas já tenham tido algum contato com essa mensagem/imagem anteriormente.

Essa mesma compreensão pode ser aplicada no comentário ao lado, que utiliza uma montagem que representa a silhueta de Bolsonaro. No lugar de seu corpo e de seu rosto, é colocada uma imagem de covas. O que nos faz identificar que se trata de Bolsonaro – não somente por se tratar de uma fala sua – é a presença da faixa presidencial com as cores da bandeira nacional.

Em relação à fotografia que é colocada para preencher o corpo de Bolsonaro, se trata de uma imagem simbólica para o momento, visto que representa as diversas covas e caixões dos milhares de mortos pela Covid-19. A fotografia em questão passa por diversos níveis de apropriação (ROSA, 2016), visto que circulou por jornais impressos, sites, redes digitais e, neste exemplo, é apropriada em forma de montagem com a pretensão de produzir novos sentidos.

5.3.1.1.4 O imaginário mobilizado

Neste circuito, identificamos acionamentos de imaginários que contribuem para o começo de uma desconstrução de Bolsonaro enquanto herói. As associações empregadas trabalham para categorizar o ex-presidente como um genocida, colocando-o como figura que representa a morte.

Encontramos também indícios de disputa em torno dos símbolos que representam a bandeira do Brasil. Uma espécie de tentativa de subverter o uso das cores empregadas por Bolsonaro em sua campanha contra ele mesmo. Desta forma, os símbolos começam a ganhar novos significados, gerando a impressão de que ele não representa mais os valores do nacionalismo e do patriotismo. Afinal, em um momento de pandemia, a irresponsabilidade de sua conduta gera milhares de mortos.

Conseqüentemente, imagens que simbolizam a morte ganham destaque. Covas, caixões, foices são elementos que se repetem em praticamente todos os objetos analisados. A repetição contribui para a consolidação destas imagens como representativas deste momento (Figura 43).

Figura 43 – Imagens síntese para o circuito Coveiro



Fonte: Elaborado pela autora

As imagens sínteses que escolhemos unem a crítica em torno dos símbolos e cores nacionais com a construção de Bolsonaro enquanto genocida. Aqui, os elementos que caracterizam a morte fazem parte de sua sombra e, até mesmo, de seu próprio corpo.

5.3.2 O circuito “Frescura e Mimimi”

O episódio em que emerge a fala de Jair Bolsonaro analisada neste circuito ocorreu no dia 4 de março de 2021, durante a inauguração de um trecho da ferrovia Norte-Sul de São Simão (GO). Na ocasião, o então presidente discursou por cerca de 20 minutos, abrangendo diferentes pautas. Um trecho específico chamou a atenção de jornalistas que cobriam o evento: “Nós temos que enfrentar os nossos problemas.

Chega de frescura e de mimimi, vão ficar chorando até quando? Temos que enfrentar os problemas”.

Este trecho de sua fala foi pronunciado no terceiro minuto de discurso e, antes dela, Bolsonaro falava sobre como os produtores rurais eram exemplo para o país pois não deixavam de trabalhar por conta da pandemia. A manifestação do ex-presidente foi direcionada para um público específico, formado por políticos, empresários e agricultores da região.

A expressão “Frescura e Mimimi” foi fisgada pela imprensa e, conseqüentemente, posta em circulação. Encontramos reportagens jornalísticas publicadas cerca de uma hora após o pronunciamento, embora depois editadas. Também vale comentar que a fala de Bolsonaro foi transmitida ao vivo pela TV Brasil, o que parece ter facilitado a cobertura jornalística.

5.3.2.1 Operações

5.3.2.1.1 *O jornalismo e as elaborações sobre o dito*

Iniciamos nossas observações sobre este circuito apontando que o episódio em questão demonstra o tensionamento de lógicas próprias dos campos sociais, no qual percebemos que diferentes âmbitos se cruzam e se entrelaçam. O circuito observado indica que as fronteiras de produção se tornam vagas, uma vez que os processos produtivos se constituem de forma mista, ou seja, possuem marcas midiáticas, políticas e sociais.

É interessante pensarmos sobre o contexto de fala de Jair Bolsonaro no momento do pronunciamento. Este contexto acaba sendo deslocado do discurso. Quando repercutido e posto em circulação, o discurso é reinterpretado e ganha um novo tom. Isso nos indica um comportamento de “pinçamento” por parte da produção jornalística (Figura 44). O pronunciamento em questão tem duração de mais de 20 minutos. No entanto, as reportagens abordam poucos trechos da fala de Bolsonaro, dando ênfase apenas ao momento em que o ex-presidente se refere ao “Mimimi”. Talvez isso possa ser explicado pelo fato de que a expressão é proferida por

Bolsonaro logo nos primeiros minutos de manifestação, o que acaba marcando a narrativa. Ou seja, se trata de operações jornalísticas em jogo.

Figura 44 - Reportagens sobre pronunciamento Frescura e Mimimi



Fonte: BBC, Folha de S.Paulo e G1 (2021)

Apesar de a fala sobre o “Mimimi” ser polêmica, é interessante perceber que outras partes do discurso de Bolsonaro são ainda mais fortes e, até mesmo, mais autoritárias do que a expressão que acabou repercutindo. Como exemplo disso, podemos apontar falas do pronunciamento que atacam diretamente os povos indígenas ou partidos políticos de ideologias diferentes: “Ao longo dos últimos 30 anos, temos locais aqui que não pode passar uma rodovia, uma ferrovia, porque passa por dentro de uma reserva, que tem apenas um índio dentro dela, como em Mato Grosso. Que País é esse? Que irresponsabilidade é essa?”

No entanto, o contexto daquele momento é responsável por fazer determinados trechos se sobressaírem perante os demais. Afinal de contas, se tratava do ápice da pandemia no Brasil. O que os jornalistas esperavam naquela ocasião era uma manifestação do ex-presidente sobre a Covid-19. Isso também diz respeito à forma como Bolsonaro se comunica com a imprensa brasileira. Ele dificilmente realiza coletivas para se pronunciar sobre assuntos, o que acaba produzindo uma postura de vigilância por parte dos jornalistas, que precisam ficar atentos a qualquer fala do ex-presidente para informar.

Esse “pinçamento” do discurso de Bolsonaro acaba se refletindo em todos os veículos que cobriram o episódio, o que corrobora para a circulação de uma mesma fala e, conseqüentemente, para a consolidação dela. Aqui, podemos acionar Motta (2003), que fala sobre a forte tendência de se construir um único sentido quando são utilizadas as mesmas combinações de linguagens e de significações. Isso acontece especialmente pelo fato de que a expressão é destacada nos títulos e nas linhas de apoio das matérias, que são os espaços de primeiro contato com o leitor.

A utilização de determinadas imagens e ilustrações para compor uma reportagem também contribui para a construção de sentidos. No caso de Jair Bolsonaro, sua fala crítica as medidas preventivas contra a Covid-19, então a utilização de fotos que o exibem sem máscara (Figura 45) auxilia para a criação de uma figura que desrespeita a pandemia e que, conseqüentemente, minimiza a gravidade de seus efeitos.

Figura 45 – Reportagem do Portal R7 sobre Frescura e Mimimi

The image shows a screenshot of a news article from the Portal R7 website. The main headline is "'Vamos chorar até quando?', diz Bolsonaro ao elogiar agricultores". Below the headline, a sub-headline reads: "Presidente inaugurou trecho de 172 km da Ferrovia Norte-Sul, em São Simão (GO), e cobrou fim da 'frescura e mimimi' na pandemia". The article is dated 04/03/2021 at 13:07. A video player is visible with a progress bar at 0:00. Below the video, there is a photo of President Jair Bolsonaro and other officials at the inauguration of the Ferrovia Norte-Sul. The photo caption reads: "Bolsonaro com ministro da Infraestrutura, Tarcísio de Freitas, em inauguração da Ferrovia Norte-Sul em Goiás". The main text of the article begins: "O presidente Jair Bolsonaro inaugurou, nesta quinta-feira (4), um trecho de 172 quilômetros da Ferrovia Norte-Sul. Em vez de falar de transporte ou da obra, Bolsonaro usou o evento para atacar quem defende medidas de restrição na economia para o combate à pandemia de covid-19." On the right side of the page, there are sections for "PUBLICIDADE" (Advertisement) and "MAIS LIDAS" (Most Read), with the first item being "BRASIL: Bolsonaro ataca Moraes: 'a hora dele vai chegar', ameaça".

Fonte: Portal R7 (2021)

Ao mesmo tempo, são construídos sentidos nas reportagens sobre o negacionismo e sobre o autoritarismo do ex-presidente. Isso se evidencia por meio de traços presentes em suas falas, que são destacadas nas reportagens, como podemos

identificar em matéria do Estado de S. Paulo (Figura 46): “Ontem, após um ano de pandemia, Bolsonaro afirmou em entrevista à imprensa que tinha um plano próprio e pronto para o enfrentamento da doença, mas se recusou a dar detalhes. Ele argumentou que para colocar o plano em prática precisaria de autoridade e que para tal aguardava uma autorização do STF. Hoje, Bolsonaro afirmou que foi eleito para comandar o Brasil e disse esperar que esse poder seja restabelecido”.

A reportagem ressalta que o ex-presidente se negou a explicar o que seriam as medidas do plano, bem como frisa que ele exige poder e autoridade para comandar o país, reforçando a construção de uma imagem autoritária de governar.

Figura 46 – Reportagem do Estado de S. Paulo sobre Frescura e Mimimi

The image shows a screenshot of a news article from the website 'ESTADÃO' under the 'Saúde' (Health) section. The article title is "'Chega de frescura e mimimi. Vão chorar até quando?', diz Bolsonaro após recorde de mortes por covid". The author is Emilly Behnke, Pedro Caramuru e Matheus de Souza, and the date is 04 de março de 2021 | 15h57. The article text states: "BRASÍLIA e SÃO PAULO - Na semana com os piores números da pandemia da covid-19 no Brasil, o presidente Jair Bolsonaro afirmou nesta quinta-feira, 4, que é preciso 'enfrentar o problema de peito aberto' e parar de 'frescura'. Bolsonaro voltou a apelar para que governadores e prefeitos não adotem medidas restritivas para contar a pícea sanitária." There is also a section titled 'DESTAQUES EM SAÚDE' with two sub-headers: 'Vacinação obrigatória: salba quem vai exigr e o que diz a Justiça' and 'Brasil registra 237 mortes oor covid-19'.

Na quarta-feira, Bolsonaro afirmou ter um plano contra a covid-19, mas ao ser questionado sobre qual seria, não disse e justificou não ter “autoridade” para exercê-lo. “Se o Supremo Tribunal Federal achar que pode dar o devido comando desta causa a um poder central, que eu entendo ser legitimamente meu, estou pronto para botar meu plano”, ressaltou.

Fonte: Estado de S. Paulo (2021)

Sobre seu negacionismo, trazemos um trecho de matéria do portal Uol (Figura 47), que sugere uma desqualificação das mortes por parte de Bolsonaro: “Em mais de um momento, Bolsonaro fez questão de dizer que lamenta as mortes, mas especificou que lamenta quaisquer mortes, não apenas as causadas pela pandemia”. Nesta frase,

o veículo aponta que o ex-presidente lamentou o falecimento das vítimas da pandemia durante seu discurso, no entanto, o portal faz questão de ressaltar que Bolsonaro desqualificou a Covid-19 ao dizer que se preocupa com todas as outras mortes da mesma forma, não sendo o coronavírus uma exceção para ele.

Figura 47 – Reportagem do Portal Uol sobre Frescura e Mimimi



Fonte: Portal Uol (2021)

A partir disso, podemos trazer a proposta de Mattana (2020) sobre as falas totêmicas. Nosso caso de pesquisa nos permite construir esta relação ao passo que percebemos uma tentativa de sentido único a partir dos pinçamentos e do conjunto de informações utilizado para elaborar as notícias. Sabemos que estas elaborações não estão livres de tensionamentos, especialmente quando colocadas em circulação e apropriadas inclusive por apoiadores do próprio ex-presidente. No entanto, neste movimento de embates sobre os pronunciamentos resistem expressões como a “Frescura” ou o “Mimimi”.

5.3.2.1.2 Os atores tecem o sentido

Partindo para a observação de comentários de atores sociais em reportagens jornalísticas publicadas pelos veículos em seus perfis oficiais, visualizamos esta tentativa de tensionamento. Podemos pensar aqui o que aponta Eliseo Verón sobre um mesmo discurso não produzir um único efeito, visto que ele desenha “um campo de efeitos de sentido e não um e único efeito” (VERÓN, 2004, p. 216). Ou seja, percebemos que a fala de Bolsonaro é recebida de formas diferentes por diferentes grupos de pessoas.

Notamos que, aqueles que perderam entes queridos para a Covid-19 demonstram repúdio ao pronunciamento do ex-presidente. Ao mesmo tempo, seus apoiadores o defendem, ressaltando a importância da retomada da economia como prioridade, por exemplo (Figura 48).

Figura 48 - Comentários em postagem da Veja sobre o circuito Frescura e Mimimi



Fonte: Twitter (2021)

Quando falamos sobre os tensionamentos, podemos observar como um ator social específico se posiciona nos comentários, defendendo que todo trabalho deve ser considerado uma atividade essencial e, portanto, prezando por um retorno da presencialidade em todos os serviços da economia. Sua fala parece carregar elementos característicos dos pronunciamentos do próprio Bolsonaro, que sempre destaca o protagonismo dos chefes de família e a importância de se ter o que comer dentro de casa, trazendo uma sensação de oposição entre a retomada econômica e as medidas protetivas contra a pandemia.

Estes exemplos acabam por carregar marcas de uma construção narrativa sobre Bolsonaro que já caminhava desde o acontecimento da Facada. Para os seus apoiadores, a defesa pela retomada da economia coloca o ex-presidente mais uma vez como o herói do povo brasileiro.

Entre os comentários, podemos ver uma forte relação com outros campos sociais, demonstrando como este circuito em questão acaba acionando diferentes áreas. Um ator social traça um paralelo com a Crise Econômica de 1929 para criticar a situação da economia naquele momento. Outro ator social, por sua vez, fala sobre o campo da saúde e as dificuldades que ele vem enfrentando no combate à pandemia.

Estes cruzamentos nos mostram aquilo que Braga (2012) prevê ao explicar como se constituem os circuitos, abrangendo diversas materialidades e tornando as fronteiras dos campos sociais menos específicas e cada vez mais mescladas. Abaixo (Figura 49), temos outros exemplos de cruzamento entre campos sociais, como um ator social que fala sobre religião e outro que comenta sobre as eleições de 2018 e sobre seu arrependimento de ter votado em Bolsonaro. Ao mesmo tempo em que alguns falam sobre ter se arrependido, outros contrapõem afirmando que a postura de Bolsonaro no passado já deixava evidente marcas autoritárias que demonstravam como ele agiria enquanto governante.

Figura 49 - Comentários em publicações de veículos no Twitter sobre o circuito Frescura e Mimimi

Correio Braziliense @correio

Bolsonaro: "Chega de frescura, de mimimi. Vão ficar chorando até quando?"

Presidente reclamou do lockdown e cobrou que a população retorne ao trabalho.
bit.ly/3e64GIL



2:28 PM · 4 de mar de 2021 · TweetDeck

13 Retweets 53 Tweets com comentário 159 Curtidas

Estadão @Estadao

'Chega de frescura e mimimi. Vão chorar até quando?', diz Bolsonaro após recorde de mortos por covid
bit.ly/3bfaAyR

@SamPancher



0:20 · 140,9 mil visualizações DE MIMIMI, VÃO FICAR CHORANDO ATÉ QUANDO?

4:10 PM · 4 de mar de 2021 · TweetDeck

407 Retweets 1.025 Tweets com comentário 2.136 Curtidas

Lucas Lima @LucasSousaR · 4 de mar

Em resposta a @correio

Vou chorar minha vida toda, pois perdi meu pai há 1 semana pra essa doença e a dor vai ser eterna. Meu pai, idoso, se tivesse tomado a vacina, provavelmente estaria hoje aqui comigo ainda. Presidente tem sangue dos brasileiros na sua mão!

6 1 51

Mostrar respostas

Renata Rezende @rezende · 4 de mar

Em resposta a @correio

Os cristãos deveriam se opor a este homem com veemência! Este senhor não tem absolutamente nada de cristão. Desconhece a compaixão, a misericórdia... tem a alma suja!

2 1 20

Banana com Leite em Pó @BananaVitamina · 4 de mar

Em resposta a @correio

Errado não tá...

2 1

Dhene @silvadhene · 4 de mar

Se tivesse certo tu não ia precisar se esconder num perfil fake pra defender

1 2

Andre Ramires @andreramires18 · 4 de mar

Em resposta a @correio

Meu Deus... e eu votei nele 😞 que vergonha, quanto arrependimento...

4 13

PSDB @PSDBoficial · 4 de mar

Em resposta a @Estadao e @SamPancher

Sofre pela morte de alguém vítima da covid? Familiar, amigo, colega, conhecido?

Bolsonaro debocha de você.

18 9 88

Mostrar respostas

Rodrigo @RodrigoS777 · 4 de mar

Em resposta a @Estadao e @SamPancher

Isso aí presidente!!!! O povo precisa comer!

29 2 9

Cristina @Cristinah_ · 4 de mar

Em resposta a @Estadao e @SamPancher

Quem diria q "o direitista Jair Bolsonaro, o truculento apologista da ditadura militar", agiria assim?? Uma escolha muito difícil mesmo!

1 3 93

Fonte: Twitter (2021)

Um comentário interessante a ser observado neste sentido é o feito pelo partido político PSDB, que utiliza de seu perfil oficial para comentar a publicação do Estado de S. Paulo, demonstrando oposição ao pronunciamento de Bolsonaro. Trata-se de

uma postura característica das lógicas de midiatização, visto que aqui o campo político não faz uso de mediações tradicionais para se comunicar com a população. O partido político se apropria das tecnologias para se posicionar dentro e fora de seu próprio campo.

Também encontramos nestas postagens comentários em tom de desabafo por parte de pessoas que contam ter perdido familiares e culpam o ex-presidente pela falta de vacina. Outro destaque a ser feito entre os comentários é um dos atores sociais que defende a fala de Bolsonaro. O que chama a atenção, neste caso, são os ícones da bandeira do Brasil que acompanham seu nome de perfil. Neste exemplo, é válido refletir sobre como a bandeira ainda é apropriada pelo então presidente e por seus apoiadores como símbolo de seu governo. A bandeira acaba sendo deslocada de seu uso primordial de representar a nação e passa a ser utilizada por apenas uma parcela da população.

Isso nos remete ao que fala Wunenburger (2003) sobre o valor simbólico das imagens de desvelar novas possibilidades de criação por parte do ser humano. Neste caso, há uma forma inventiva de apropriação de símbolos por parte dos apoiadores de Bolsonaro, que trabalham em uma tentativa de deslocamento do sentido primordial da bandeira nacional. Desta forma, as imagens da bandeira passam a acionar automaticamente imaginários de conservadorismo ou então de apoio ao ex-presidente.

Porém, o fato deste uso perdurar tanto tempo acaba por gerar também um certo esvaziamento do símbolo nacional, especialmente por conta da intensa repetição deste ângulo de utilização. Nesta perspectiva, refletimos sobre como as imagens acabam sendo saturadas, corroborando com a interpretação de Silva sobre a obra de Kamper: “Sua leitura aponta para o esvaziamento simbólico das imagens, às quais se tornam figuras (figuras de dissimulação) caracterizadas pelo estabelecimento de um regime de fantasia de poder” (SILVA, 2007, p. 71). Nesta altura, o símbolo nacional enfrenta justamente uma descaracterização, visto que uma grande parcela da população não o reconhece pelo seu valor primordial.

Olhando ainda para os comentários, há a presença de atores sociais que demonstram arrependimento por terem votado em Bolsonaro nas eleições de 2018. Este tipo de exemplo nos auxilia a pensar sobre este momento de tensionamento que Bolsonaro enfrenta na fase marcada pela pandemia. Sua jornada do herói, que abordamos ao longo dos demais circuitos, perde novamente sua potência, ao passo

em que a narrativa do então presidente não gera reconhecimento com tantos apoiadores, como anteriormente.

Em comentário de uma publicação feita pela Folha de S.Paulo (Figura 50), um ator social produz uma ilustração imagética a fim de criar uma relação entre Bolsonaro e regimes autoritários, como o nazismo.

Figura 50 - Comentários em publicação da Folha de S.Paulo no Twitter sobre circuito Frescura e Mimimi



Fonte: Twitter (2021)

Essa identificação de Bolsonaro com a imagem de Adolf Hitler pode ser feita a partir da percepção de atributos característicos do líder nazista, como o bigode, o cabelo penteado para o lado e o uniforme militar. Estes elementos são colocados no corpo do que seria Bolsonaro. Outro elemento que nos faz perceber que se trata de Bolsonaro na charge é o fato de ele estar segurando com admiração o ícone que representa o vírus da Covid-19, traçando um paralelo com a postura do ex-presidente diante da pandemia, como se ele não fizesse questão de combatê-la.

É interessante observar que os atributos acionados vão além de semelhanças físicas. Por mais que essas características sejam interessantes para criar uma associação, a comparação atinge as atitudes autoritárias de Bolsonaro, presentes nos seus pronunciamentos. A comparação tem sucesso porque é dotada de marcas

presentes no nosso imaginário coletivo. Afinal de contas, quando se fala de regimes autoritários, as memórias que emergem são aquelas de quando aprendemos sobre nazismo nas aulas de história ou aquelas que se consolidaram midiaticamente, nos livros e na própria cultura como um exemplo de postura a ser combatida.

A partir disso, fica evidente que o episódio do “Mimimi” é marcado por diferentes apropriações, que são relacionadas com diferentes contextos sociais. Partindo para postagens feitas pelos atores sociais em seus perfis, podemos identificar publicações criadas por profissionais da saúde ou postagens que comparam o momento de enfrentamento à pandemia com tragédias anteriores - como o acidente aéreo da TAM, ocorrido em 2007 (Figura 51).

Figura 51 - Tweet sobre pronunciamento de Bolsonaro e acidente aéreo



Fonte: Twitter (2021)

Nesta postagem, é curioso perceber a estratégia utilizada pelo ator social para demonstrar a gravidade da pandemia. Ele utiliza de um exemplo conhecido nacionalmente como uma das maiores tragédias aéreas do país para traçar um comparativo com a quantidade de mortes deixadas pela Covid-19. Isso demonstra os domínios que os atores sociais têm a respeito de lógicas da midiaticização, manifestando um potencial criativo de produzir desdobramentos.

Além disso, a postagem em questão deixa pistas interessantes para pensar nas possibilidades de início do circuito. Sabemos que não é possível captar o começo de uma fala por conta das bagagens que a permeiam, inclusive pois entendemos a circulação midiática como um conjunto de textos que se referem a outros (VERÓN, 2004). No entanto, podemos fazer um esforço no sentido de identificar marcas e operações que se repetem. Nesta publicação, a fala de Bolsonaro é colocada entre aspas, exatamente como nas produções jornalísticas, repetindo o comportamento do pinçamento feito pela imprensa.

Também percebemos que as fronteiras entre jornalismo e atores sociais se cruzam em termos de interações, visto que algumas publicações são feitas a partir de materiais produzidos pela imprensa. Inclusive, assim como na publicação acima, muitas postagens de atores sociais repetem trechos que são salientados pelas produções jornalísticas (Figura 52). O pronunciamento de Bolsonaro colocado entre aspas é uma operação feita pelo jornalismo e replicada pelos atores, tornando evidente como os fluxos se conectam entre diferentes interlocutores e se tornam visíveis dentro do processo de circulação. Assim, parece que as expressões se consolidam a partir de usos e reforços feitos conjuntamente por atores sociais e imprensa.

É notável que grande parte das publicações de atores sociais sobre o assunto se baseiam no que foi noticiado pelos veículos de comunicação. Ou seja, é pouco provável que esses atores tenham ouvido o discurso de Bolsonaro na íntegra. O movimento que surge é o de apropriação a partir do recorte já trabalhado pela imprensa, como uma elaboração de segunda camada. Isso também contribui para a circulação de apenas alguns trechos específicos do pronunciamento.

Figura 52 - Tweet sobre apropriações do circuito Frescura e Mimimi



Fonte: Twitter (2021)

Neste tweet, além de termos alguns trechos em destaque, temos uma ilustração para análise. Ela fala diretamente sobre o poder de votar e sobre as consequências de uma escolha errada, apontando que os eleitores de Bolsonaro também são responsáveis pelas mortes decorrentes da pandemia. Além disso, o ator social parece apresentar, como solução para a situação, o impeachment do então presidente ao utilizar o indexador #impeachmentJa.

Com esse tweet, podemos notar que há várias instâncias de poder envolvidas, incluindo o ato de protestar e, conseqüentemente, de convocar outros sujeitos. Foucault explica que o discurso também pode ser visto como um jogo. “... um jogo de escritura, no primeiro caso, de leitura, no segundo, de troca, no terceiro, e essa troca, essa leitura e essa escritura jamais põem em jogos senão os signos” (FOUCAULT, 1996, p. 49). Ou seja, o ator social em rede demonstra sua indignação, que acaba sendo vista por outros sujeitos e, a partir disso, ocorrem as trocas e ações a partir do discurso primeiro.

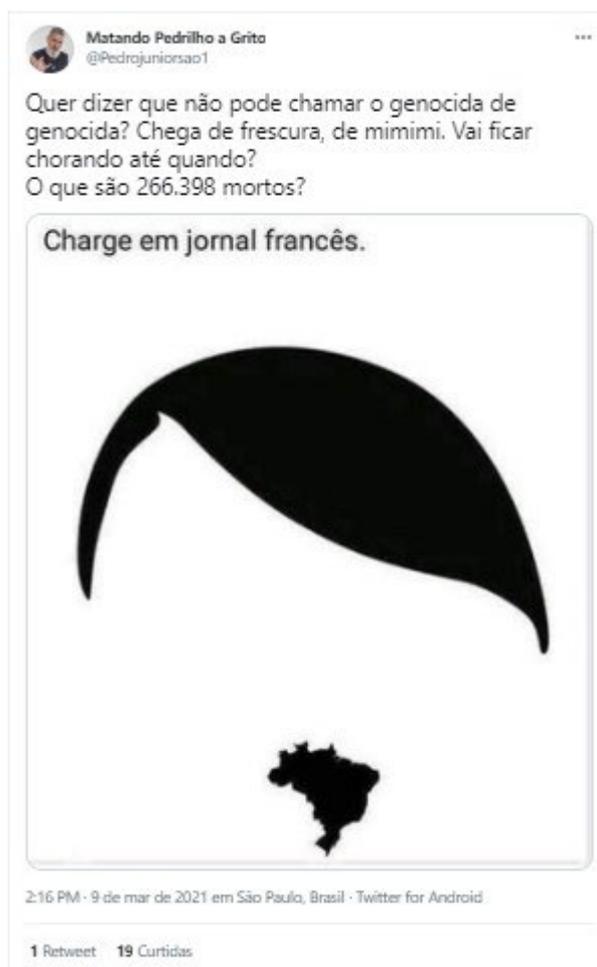
Fora isso, as produções feitas pelos atores sociais nos possibilitam refletir acerca dos fluxos contínuos pensados por Braga (2012). Com fluxo adiante ou fluxo

contínuo, ele nos afirma que há um esforço de produzir e colocar os materiais em circulação já prevendo sua futura reverberação. Ou seja, os sujeitos utilizam de diferentes estratégias para engajar suas produções com a intenção de que elas permaneçam em circulação. A utilização de ilustrações marcantes ou de hashtags em tom de convocação aparentam nos indicar esta tentativa de antever a circulação.

E, falando especificamente sobre ilustrações, uma marca interessante de ser salientada é o fato de que os atores sociais parecem dar preferência ao uso de charges em suas publicações. Esta operação demonstra domínio acerca de estratégias que fazem os conteúdos reverberar mais intensamente nas redes, contribuindo para o engajamento e para a fixação de elementos nas narrativas. Além disso, a charge oferece um caráter de liberdade criativa e metafórica aos sujeitos, enquanto as fotografias parecem estar conectadas diretamente com um tom documental de retratar a realidade. A dimensão da imagem ganha força e é onde a disputa de sentidos e imaginários se manifesta.

Outra marca do episódio são as relações feitas entre os atores sociais para descrever Bolsonaro. Apesar de existirem diferentes interpretações a respeito do pronunciamento do ex-presidente, algumas expressões se repetem com certa frequência, tanto nos comentários de produções jornalísticas quanto em postagens dos próprios atores sociais. Exemplo disso são as expressões que colocam Bolsonaro como genocida, como responsável pelas mortes da pandemia e como líder autoritário (Figura 53).

Figura 53 - Tweet sobre nazismo e Bolsonaro no circuito Frescura e Mimimi



Fonte: Twitter (2021)

Esta publicação nos apresenta elementos interessantes para pensar a circulação de sentidos e o acionamento de imaginários. O primeiro elemento que devemos observar é o fato de o tweet dizer que a ilustração utilizada foi retirada de um jornal francês. Ou seja, se trata de uma imagem que está passando por diferentes níveis de repercussão e de apropriação, o que demonstra a reverberação da fala de Bolsonaro ao redor do mundo.

É interessante notar como as relações construídas para definir Bolsonaro são semelhantes, mesmo em diferentes locais do planeta. Afinal, não é a primeira vez que o então presidente tem sua imagem e seu governo comparados com o regime nazista. Este parece ser um uso frequente por parte de atores sociais e - neste caso -, também pela imprensa internacional.

Isso nos faz pensar como o imaginário é de fato uma órbita (KAMPER, 2018) que circunda a todos, independentemente de onde estamos. Alguns elementos e

símbolos são intensamente consolidados no imaginário, visto que quando postos em circulação, são facilmente identificados por quem os visualiza. Apesar das particularidades individuais, parecem existir imagens que vão além das bagagens de cada pessoa, abrangendo a coletividade e permitindo aquilo que Cassirer (1994) chama de amplitude universal dos símbolos.

Assim, determinadas mensagens podem ser compreendidas por praticamente todas as pessoas, mesmo que fora de seu contexto original, desde que elas já tenham tido algum contato com essa mensagem anteriormente. Os regimes autoritários, como o nazismo, entram nesta proposição, ao passo que são referência imaginária consolidada coletivamente como algo negativo.

Outro elemento interessante desta publicação é o fato de ela criticar a reação de Bolsonaro após a repercussão de sua fala. Logo após seu pronunciamento, o então presidente fez uma transmissão ao vivo em sua rede social, na qual comentou que lamentava todas as mortes. O tweet em questão foi feito após alguns dias da fala de Bolsonaro, o que permitiu ao ator social observar o desenrolar do discurso. Desta forma, o ator social faz uma tentativa de utilizar a fala do ex-presidente contra ele mesmo, indicando que ele precisa lidar com as consequências do que profere. O tom irônico também ganha destaque, ao passo que o sujeito zomba do alto número de mortes, se passando pela conduta de Bolsonaro de desprezar a pandemia.

É possível perceber também que o circuito aqui analisado não é linear, desta forma, não há como prever o encerramento de determinado circuito. Afinal, a circulação não se esgota. Exemplo disso são as novas apropriações feitas com as expressões do episódio meses após o acontecido. Inicialmente, o “Mimimi” era direcionado somente para discussões referentes à pandemia. Porém, quando acionado novamente meses depois, foi atribuído para se referir a novas questões (Figura 54).

Figura 54 - Tweet produzido após meses do circuito Frescura e Mimimi



Fonte: Twitter (2021)

Mesmo que utilizado para novas pautas, alguns elementos ainda fazem referência ao contexto inicial de circulação do episódio. Esses traços contribuem para que haja um fácil reconhecimento entre os atores sociais. Como exemplo disso, podemos ver que a expressão é, em grande parte das vezes, usada para se referir a Bolsonaro - figura que deu origem à expressão. Porém, nestes novos casos, o “Mimimi” é usado como forma de enfrentamento ao ex-presidente em momentos de vulnerabilidade política dele, como o episódio da CPI da Covid-19 (comissão parlamentar de inquérito às medidas adotadas pelo Governo no combate à pandemia).

No tweet acima, o ator social faz o uso de duas charges para compor um cenário em que Bolsonaro estaria preso. Ele também utiliza um trocadilho linguístico com a palavra “jail”, que significa jaula traduzida do inglês. Ao retirar a letra “r” do primeiro nome de Bolsonaro e substituir pelo “l”, o sujeito cria um novo significado. Além disso, o ator social faz uso deste trocadilho colocando-o em uma hashtag, a fim de indexar esta expressão. Seguindo nesta linha de apropriações, as grades da prisão são usadas como o elemento da cerquilha da #JailBolsonaro, reforçando a cadeia como lugar para o então presidente.

Além de demonstrar criatividade na produção, o ator social utiliza do elemento humorístico para engajar o público. Seguindo na linha dos memes em redes sociais, parece que o tom jocoso em publicações se caracteriza como uma operação

interessante de engajamento. A utilização da hashtag, criada de modo inventivo, também pode ser interpretada como um operador importante na construção de sentidos, visto que as hashtags permitem uma maior circulação das apropriações e também se constituem como vocalizadores no posicionamento dos fatos.

Nestas apropriações feitas pelos atores sociais após alguns meses da fala, a expressão “Mimimi” é colocada de forma a pensar que agora é Bolsonaro quem está em situação de fragilidade e que, portanto, deve encarar as coisas da mesma forma como indicou que a população lidasse com a pandemia. Em outra publicação (Figura 55), a sujeita faz uso da expressão completa, resgatando inclusive a parte em que o ex-presidente citou que a Covid-19 era também uma “frescura”.

Figura 55 - Tweet produzido sobre CPI após meses do pronunciamento



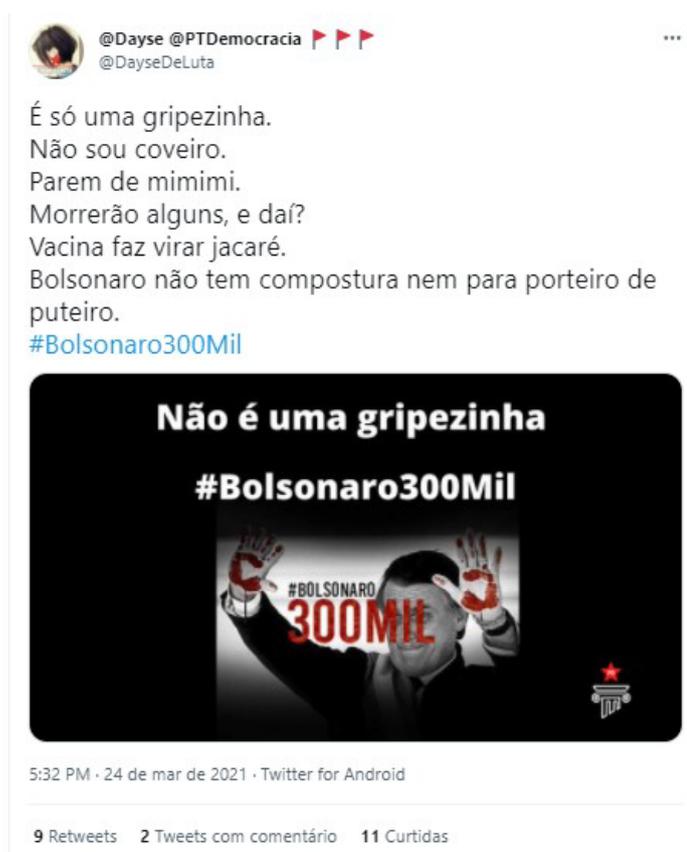
Fonte: Twitter (2021)

Mais uma vez, a expressão é colocada para falar sobre a CPI da pandemia. Nesta publicação, é feita uma colagem com o rosto de Bolsonaro chorando ao fundo e, por cima, escritas falando para que ele “pare de mimimi”. É instigante como a imagem utilizada faz uma mescla entre as falas de Bolsonaro do passado sobre a Covid-19 com a CPI. O termo CPI é reformulado como “CPIZINHA” a fim de resgatar o momento em que Bolsonaro definiu a pandemia como uma “Gripezinha”. Este uso é interessante pois brinca diretamente com expressões consolidadas midiaticamente, criando novas possibilidades de utilização.

Esta postagem também oferece a possibilidade de pensar sobre a sujeita que criou a postagem. Em seu nome de perfil, nota-se a presença de ícones da bandeira do Brasil e uma hashtag chamada #BrasilConsciente. Se poucas páginas atrás discutimos sobre como a bandeira do Brasil é constantemente utilizada por apoiadores de Bolsonaro, aqui temos um exemplo de como as apropriações de símbolos também não são únicas. Temos a figura de uma pessoa que se apropria da bandeira nacional e, ao mesmo tempo, produz publicações críticas ao ex-presidente.

Já na postagem a seguir (Figura 56), temos uma usuária que coloca em seu nome de perfil a afirmação “PTDemocracia”, seguida de inúmeras bandeiras na cor vermelha, que por sua vez representam a identidade visual do Partido dos Trabalhadores. Desta forma, esta pessoa parece fazer questão de mostrar o lugar político-partidário de oposição que ocupa.

Figura 56 - Tweet produzido sobre Frescura e Mimimi e outros circuitos



Fonte: Twitter (2021)

Seguindo na observação desta publicação, percebe-se a presença de um cruzamento com outros circuitos e, portanto, marcas de outros discursos protagonizados por Bolsonaro. O episódio do “Coveiro” (já analisado nesta pesquisa) é retomado. Outro exemplo de antigos pronunciamentos acionados é o caso em que Bolsonaro relacionou a vacinação da Covid-19 com efeitos colaterais de se tornar um jacaré. Ambos os exemplos são encontrados nesta postagem. A intenção aparenta ser a de criar uma linha do tempo de falas polêmicas já ditas pelo ex-presidente em momentos anteriores.

Este exemplo também nos permite pensar que a circulação de narrativas envolve sempre os processos de apropriação e reapropriação. Dentro disso, lembramos do que fala Rosa sobre os diversos níveis de circulação das imagens. Os últimos níveis ou fluxos elencados por ela são os que mais nos interessam porque se referem a um intenso grau de utilização das imagens. Ela pontua que os “atores sociais midiáticos passam a produzir imagens novas com base em imagens já vistas a partir de lógicas da midiatização” (ROSA, 2016, p. 72).

Ou seja, os sujeitos realizam aqui produções pensadas justamente para serem repercutidas midiaticamente, demonstrando domínio das lógicas midiaticizadas. Nesta postagem, isso fica evidente, visto que a imagem que estampa o fundo da publicação é uma imagem antiga de Bolsonaro em um pronunciamento público. Ela é colocada em preto e branco e grafitada em cor vermelha com a informação sobre o número de vítimas da pandemia, bem como deixa marcas do mesmo tom em suas mãos, a fim de indicar que Bolsonaro carrega o sangue de todas essas mortes.

Mesmo sem acrescentar que considera Bolsonaro um genocida, a publicação acaba criando esta mesma relação que outras postagens fizeram anteriormente. Isso acontece pelos elementos imagéticos utilizados, bem como pelas expressões resgatadas e colocadas na legenda do tweet. Com isso, vemos aquilo que Verón (2004) indica ao pontuar que composições que contenham textos e imagens se relacionam entre si na produção de sentidos. Ou seja, as marcas produzidas vão além dos elementos isolados.

5.3.2.1.3 O perfil de Bolsonaro

Olhando diretamente para o perfil de Jair Bolsonaro no Twitter, encontramos o vídeo de seu pronunciamento publicado. O foco da postagem está em afirmar que o povo precisa trabalhar e que a economia precisa retomar (Figura 57). A publicação foi feita no final da tarde do dia 04 de março, sendo que a fala ocorreu ainda na parte da manhã do mesmo dia.

No momento em que Bolsonaro fez a postagem em seu perfil já havia diversas reportagens produzidas por veículos de comunicação. Desta forma, nos parece que os atores sociais que cruzaram com o tweet de Bolsonaro já estavam preparados para contribuir na construção de sentidos sobre o episódio, visto que já haviam se deparado com aquela fala ao longo do dia.

Isso nos indica que a publicação no perfil de Bolsonaro assume um papel protocolar de publicar seu discurso em um canal de comunicação muito usado pelo ex-presidente, mas, no entanto, essa publicação não é feita com um tom de novidade. Ou seja, tanto seus apoiadores quanto aqueles que não concordaram com sua manifestação já estavam posicionados a respeito do acontecido. Isso é feito quase

com um caráter “institucional”, como se o Twitter fosse o seu lugar de fala oficial e autorizada.

Figura 57 – Postagem de Jair Bolsonaro sobre circuito Mimimi em seu Twitter



Fonte: Twitter (2021)

Apesar de se tratar de uma postagem feita diretamente no perfil de Bolsonaro, ainda assim encontramos novamente um movimento de embates de sentidos nos comentários (Figura 58). Por um lado, há a presença de apoiadores do ex-presidente, que reafirmam estar ao seu lado, concordando com seu pronunciamento. Por outro, temos comentários que apontam diretamente as mortes causadas pela Covid-19, culpabilizando Bolsonaro por elas.

Figura 58 – Comentários sobre circuito Mimimi no perfil do Twitter de Bolsonaro



Fonte: Twitter (2021)

No primeiro comentário, o ator social afirma que o povo “está bem com o Sr. Presidente” e, portanto, indica estar alinhado com o pronunciamento de Bolsonaro. O mesmo comentário também conta com uma montagem de Bolsonaro olhando para o céu com as mãos levantadas, em forma de agradecimento ou de oração a Deus. Por cima da imagem, há uma frase que pede que “Deus abençoe o nosso presidente!”. A construção carrega consigo, a partir destes atributos, uma proposta de Bolsonaro ser o escolhido de Deus, o salvador protegido que está conectado com a religião.

Há também uma operação de utilização do símbolo da bandeira do Brasil na imagem, reforçando a ideia de Bolsonaro ser o representante do patriotismo e, ainda, de que a bandeira é a imagem do próprio governo de Bolsonaro. O ator social também utiliza o ícone da bandeira do país ao lado da identificação de seu nome no perfil do Twitter, o que reforça ainda mais o seu local de fala e seu reconhecimento a Bolsonaro.

No comentário ao lado, temos uma ilustração interessante que coloca Bolsonaro na figura de um urubu – animal considerado abutre devido aos hábitos alimentares necrófagos. O animal é colocado vestindo a faixa de presidente e, de sua boca, são proferidas as falas de Bolsonaro que caracterizam o circuito: “Chega de Frescura e Mimimi”, “Vão ficar chorando até quando?”.

Com a utilização desta charge, fica evidente que se trata de um posicionamento contrário à fala de Bolsonaro e, mais do que isso, a imagem empregada no comentário carrega sentidos para além da própria ilustração. Aqui se tem a construção do ex-presidente enquanto genocida, sendo culpado novamente pelas mortes decorrentes da pandemia. A associação com um urubu indica que Bolsonaro não faz questão de combater a Covid-19.

E, além de não haver esforços para o combate à pandemia, a charge indica que Bolsonaro não se importa com as dores dos familiares que perderam entes queridos, visto que a imagem conta com a figura de uma pessoa ajoelhada chorando em frente a um túmulo.

A estratégia de utilização desta charge mostra mais uma vez o potencial da circulação, ao passo que a ilustração está reverberando para além de seu espaço de publicação original. Afinal, charges são originalmente produzidas e assinadas para jornais. E, além disso, o poder do uso da imagem faz com que a pessoa não precise criar legendas para expor sua opinião, pois a charge carrega os significados e permite interpretações diversas.

5.3.2.1.4 O imaginário mobilizado

Neste episódio, percebemos a construção de narrativas que criticam ainda mais duramente os comportamentos de Jair Bolsonaro. Cada vez mais ficam de lado as associações de Bolsonaro enquanto herói para se sobressaírem produções que caracterizam o ex-presidente como irresponsável. Entendemos, então, que os episódios do Coveiro e do Mimimi dão espaço para a construção de uma imagem de vilão.

Aqui fica claro um forte conflito diante da imagem inicialmente elaborada nos circuitos iniciais. Os imaginários acionados neste episódio são relacionados ao autoritarismo, à Hitler, ao nazismo. Mas, para além disso, há a construção da figura de um genocida, de um presidente irresponsável, que carrega sangue nas mãos, que desqualifica a pandemia e que ignora milhares de mortes do povo.

Há um movimento de desconstrução do herói mudando a sua feição para a do urubu, o abutre à espreita de novos corpos para a devoração. Trata-se de uma intensificação de um movimento que se inicia no episódio Coveiro. Há um fazer social

criativo ao produzir discursos para a circulação, que deslocam o lugar do presidente, do mito erigido na Facada para o alçó de uma nação.

Separámos as duas imagens abaixo (Figura 59) que consideramos como representativas para sintetizar este circuito.

Figura 41 – Imagens síntese do circuito Frescura e Mimimi



Fonte: Elaborado pela autora

Ou seja, ao longo do episódio, imaginários mobilizados e tensionados nos levam a compreender que a imagem síntese para este momento seria uma transição em torno da figura de Bolsonaro. De herói a genocida.

5.4 FASE 4 – A AUTOAFIRMAÇÃO E A PROFANAÇÃO DO HERÓI

Chegamos na quarta e última fase de observação que compõe o caso midiático desta pesquisa. Aqui, olharemos para o circuito Imbrochável, que emerge nos meses finais do mandato de Jair Bolsonaro como presidente do Brasil.

5.4.1 O circuito Imbrochável

Este circuito se originou a partir do pronunciamento de Jair Bolsonaro no dia 7 de setembro de 2022, na Esplanada dos Ministérios, em Brasília, ocasião em que o Brasil completava 200 anos de Independência. Nesta data histórica do país, o então presidente deu um discurso em que preferiu falar sobre sua campanha de reeleição, inclusive traçando comparativos com os demais candidatos.

Um dos comparativos feitos por ele foi em relação aos atributos físicos das esposas dos demais candidatos. "Podemos fazer várias comparações, até entre as primeiras-damas. Não há o que discutir. Uma mulher de Deus, família e ativa na minha vida. Não é ao meu lado não, muitas das vezes ela está é na minha frente. E eu tenho falado para os homens solteiros, para os solteiros que estão cansados de serem infelizes: procurem uma mulher, uma princesa e se case com ela para serem mais felizes ainda".

Após utilizar a data de independência do país para comparar mulheres, Bolsonaro ainda completou seu discurso puxando um coro de apoiadores repetindo a palavra "Imbrochável". A expressão já havia sido utilizada em outras ocasiões pelo chefe do Executivo. No entanto, por conta da ocasião em que foi proferida desta vez, a expressão acabou viralizando, caracterizando este período do governo de Bolsonaro e dando início a um novo circuito.

5.4.2 Operações

5.4.2.1 O jornalismo e as elaborações sobre o dito

O coro de Imbrochável chamou a atenção de jornalistas e de atores sociais. Afinal, a data em que a expressão foi pronunciada gerava uma expectativa de discursos de outro tom, especialmente pelo fato de se tratar de um marco de 200 anos de independência do país.

Em reportagem da Veja (Figura 60), há destaque já no título para a fala de Bolsonaro e também para o momento em que a mesma foi proferida. A construção

textual já permite que sejam construídos sentidos, visto que o jornalismo dá a entender que o então presidente foi incoerente.

O título também emprega a frase "Independência ou morte" para se referir a ocasião em que o pronunciamento foi feito. Ao incluir o trecho "ou morte", o texto corrobora para uma ideia da importância da data, resgatando o discurso de D. Pedro I na Proclamação da República. De certa forma, o texto também faz uma comparação dos gritos - um de independência, da causa de uma nação - o outro para si mesmo, de autoelogio.

Na linha de apoio, a reportagem comenta sobre a repercussão que a expressão teve entre atores sociais, pontuando que houve uma intensa produção de memes. Este apontamento é interessante para pensar como o jornalismo gera aqui interpenetrações com as ações de atores sociais, ao passo em que faz questão de destacar este comportamento já na linha de apoio da matéria.

Figura 60 – Reportagem da Veja sobre circuito Imbrochável

The image shows a screenshot of a news article from the website 'veja'. At the top, there is a navigation bar with the 'veja' logo and a menu icon. Below the navigation bar, there is a horizontal menu with categories: RADAR, RADAR ECONÔMICO, POLÍTICA, ECONOMIA, SAÚDE, MUNDO, CULTURA, COPA DO CATAR, and AGENDA VERDE. The article is part of the 'VEJA GENTE' section, written by Valmir Moratelli. The main headline is 'No dia do 'Independência ou morte', Bolsonaro dá grito de 'imbrochável''. Below the headline, it says 'Imediatamente adjetivo dito em discurso virou meme nas redes sociais'. The article is dated 7 set 2022. Below the text, there is a photograph of Jair Bolsonaro waving his right hand, smiling. The photo is credited to 'Evaristo Sa/AFP'.

Fonte: Veja (2022)

Também é válido olhar para a operação jornalística de noticiar o fato o mais rápido possível após ter acontecido. A data em que consta a publicação indica esta noção de agilidade, que é potencializada pela midiatização. “Nesse contexto, os jornais são afetados pelo imediatismo e pela lógica interacional das mídias digitais” (BORELLI, 2012, p. 74). Com esta indicação, é possível entender que o jornalismo enfrenta essa urgência, visto que também observa constantemente o comportamento de atores sociais e suas respectivas produções sobre os fatos. O uso empregado na linha de apoio reforça esta interpretação.

É interessante observar ainda a fotografia colocada para ilustrar a reportagem. A imagem parece ter sido extraída de algum momento em que Bolsonaro cumprimentava o público. Portanto, sua expressão é de felicidade, sorrindo e erguendo a mão. O uso deste retrato contribui para mostrar como o então presidente se porta em um momento de seriedade, como a data de Independência do país, na qual preferiu utilizar adjetivos vulgares. Sua imagem sorrindo descaradamente indica uma percepção de descaso em relação ao povo e à nação.

Em reportagem do portal Uol (Figura 61), temos outros sentidos em destaque. O título aborda o Imbrochável e ainda acrescenta a comparação que Bolsonaro fez com as mulheres dos outros presidentes. O texto coloca entre aspas a indicação que o ex-presidente fez para os que escutavam sua fala: "procurem princesa". Este uso contribui para a interpretação de que Bolsonaro é machista, ao passo em que escolheu fazer um comparativo estético sobre mulheres em um momento em que poderia estar abordando assuntos importantes para a nação.

Ao apontar que os homens deveriam procurar mulheres para serem "princesas", Bolsonaro também reforça seus discursos iniciais já empregados na campanha eleitoral de 2018, em que falava sobre um modelo único de família aceito como tradicional brasileira.

Figura 61 – Reportagem do portal Uol sobre circuito Imbrochável



Fonte: Uol (2022)

Na reportagem do Uol, não temos fotografias como ilustração, mas temos um vídeo produzido pelo próprio portal, que é posto em destaque já no primeiro contato com o leitor. O vídeo tem como capa justamente a imagem em que Bolsonaro beija Michelle após sua fala sobre mulheres princesas. Há ainda uma caixa com texto que serve de legenda para o vídeo. Nela está escrito "Bolsonaro beija Michelle e grita imbrochável". Esta construção também mostra a operação jornalística de sintetizar o acontecimento que será visto no vídeo, para que as pessoas que não queiram assistir o vídeo possam compreender o conteúdo da mesma forma e tirar suas próprias conclusões.

O fato de o jornalismo colocar o termo imbrochável entre aspas em suas produções também é uma operação que atribui uma voz ao então presidente, indicando que a frase pertence a ele. Esta atitude contribui para uma noção de distanciamento do jornalismo em relação ao acontecimento.

Porém, ao mesmo tempo, as demais ações trabalhadas ao longo da construção da reportagem acabam deixando brechas para que os sentidos sejam produzidos. Em matéria da BBC News Brasil (Figura 62) também é possível perceber estes espaços.

Figura 62 – Reportagem da BBC News Brasil sobre circuito Imbrochável

BBC NEWS BRASIL

Notícias Brasil Internacional Economia Saúde Ciência Tecnologia Vídeos

PUBLICIDADE

Imbrochável? 'Discurso hipersexualizado de Bolsonaro é típico da masculinidade frágil', diz psicanalista

Ricardo Senra - @ricksenra
BBC News Brasil em Londres

7 setembro 2022

AGENCIA BRASIL

Para professor da USP e vencedor do prêmio Jabuti, 'falicismo exagerado' de Bolsonaro é discurso de quem se sente ameaçado por mudanças sociais e culturais

Principais notícias

Lula 'toma posse' no exterior em meio a vácuo deixado por Bolsonaro
Há 5 horas

Como as cabeçadas se tornaram uma das maiores preocupações do futebol
Há 3 horas

Twitter surpreende funcionários com fechamento temporário de escritórios
Há 4 horas

Leia mais

Como inteligência artificial ajudou sobrevivente do Holocausto a encontrar fotos de infância
17 novembro 2022

Fonte: BBC News Brasil (2022)

A reportagem traz um ângulo diferente das demais, visto que utiliza um especialista como fonte para conduzir a narrativa. Neste caso, não se trata de uma matéria jornalística de descrição do ocorrido, mas sim de um texto de análise do pronunciamento. Já no título, é colocada entre aspas uma fala do psicanalista entrevistado, que diagnostica o comportamento de Bolsonaro como “típico de masculinidade frágil”. Ainda, o título traz a expressão “Imbrochável” seguida de um ponto de interrogação, gerando questionamento sobre a própria fala do então presidente.

Podemos pensar esta escolha de entrevistar uma fonte de fora como uma estratégia para produzir sentidos de maneira mais direcionada. A partir da voz de um especialista, o jornalista consegue dizer coisas que não poderia sem este amparo de uma entrevista. Desta forma, essa operação colabora para um entendimento de

Bolsonaro como machista e hipersexualizado, que utiliza de expressões como "imbrochável" para se autoafirmar.

A fotografia utilizada como ilustração da reportagem é do dia do pronunciamento e coloca Bolsonaro no centro da imagem, com os braços abertos em postura de quem está recebendo apoio por sua fala. Por sua vez, na legenda após a fotografia, há o apontamento de que o especialista analisa as atitudes exageradas do então presidente como de uma pessoa que se sente ameaçada por mudanças culturais e sociais. Por ser uma fala atribuída à voz de uma fonte técnica, esta interpretação a respeito de Bolsonaro carrega um tom de seriedade e corrobora para a construção de sentidos.

Por fim, trazemos uma matéria jornalística do portal IG (Figura 63) que narra a repercussão que o pronunciamento teve entre figuras políticas. No título, a reportagem aponta que políticos consideraram a fala do ex-presidente como "patética". Esta também demonstra ser uma operação estratégica do fazer jornalístico para contar os acontecimentos a partir de outros ângulos e vozes.

Figura 63 – Reportagem do portal IG sobre circuito Imbrochável

ÚLTIMO SEGUNDO

ÚLTIMO SEGUNDO ECONOMIA QUEER GENTE DELAS ESPORTE CARROS PETS ELEIÇÕES 2022 TEC TURISMO CIDADES IG MAIS IG PRODUTOS

Políticos repercutem o 'imbrochável' de Bolsonaro: 'patético'

O presidente deu a declaração enquanto fazia um discurso em Brasília

Por IG Último Segundo | 07/09/2022 14:43

Marcello Camargo Jr/Agência Brasil - 7.09.2022
Jair e Michele Bolsonaro na comemoração do Bicentenário da Independência do Brasil

Fonte: IG (2022)

Além disso, esta reportagem nos mostra um forte cruzamento entre os próprios campos sociais. Neste exemplo, o campo político é colocado em destaque na narrativa do jornalismo. Isso só acontece pelo fato de figuras públicas terem se manifestado em seus respectivos perfis em redes digitais a respeito do ocorrido, fazendo com que a reportagem sentisse a necessidade de envolver estes apontamentos. “...os campos sociais, que antes podiam interagir com outros campos segundo processos marcados por suas próprias lógicas e por negociações mais ou menos específicas de fronteiras, são crescentemente atravessados por circuitos diversos” (BRAGA, 2017, p. 75).

Desta forma, as lógicas acabam se invertendo, ao passo em que o jornalismo passa a noticiar um viés a partir do que já foi previamente discutido dentro do próprio campo político, a partir da ascensão dos próprios atores políticos ao espaço discursivo midiático. Conforme Rosa (2016), isso faz com que o jornalismo assuma a postura de fagia midiática, consumindo o produzido por atores sociais.

5.4.2.2 Os atores tecem o sentido

Entre as produções de atores sociais, podemos direcionar primeiramente o nosso olhar para os comentários feitos nas publicações dos veículos jornalísticos em seus perfis oficiais no Twitter. Em postagem da Veja (Figura 64), encontramos novamente um movimento de disputa de sentidos nos comentários. Por um lado, temos a presença de apoiadores de Bolsonaro. De outro, temos aqueles que fazem duras críticas à fala por ele proferida.

Figura 64 – Comentários em postagem da Veja sobre circuito Imbrochável no Twitter



Fonte: Twitter (2022)

O comentário composto por uma imagem é feito por um apoiador de Bolsonaro, que a utiliza a fim de indicar que havia uma grande multidão de pessoas escutando o então presidente e demonstrando apoio a ele. O comentário feito logo abaixo dele é uma resposta a este mesmo ator social: “uma multidão saiu de casa para ver um discurso tosco... Kkkk”. Os demais comentários presentes na colagem feita por nós também seguem na mesma linha de demonstrar não concordar com a fala do ex-presidente, o que evidencia uma conversação entre os atores sociais no espaço dos comentários.

Algo que se repete entre esses comentários é o fato de todos serem compostos por risadas ou por emojis de risadas, o que demonstra a interpretação que estes atores sociais tiveram sobre a fala de Bolsonaro. Um deles inclusive pontua que o momento era histórico e que as pessoas esperavam um discurso condizente com este

acontecimento, mas o que obtiveram foi uma fala direcionada para a atividade sexual do então presidente da nação. Ao mesmo tempo, este uso de risadas e emojis também deixa marcas sobre os sentidos que surgem diante deste episódio.

O tom de piada também se faz presente em comentário de uma postagem do portal Uol (Figura 65). Neste exemplo, o ator social faz uso de três fotografias para elaborar uma piada. Na legenda, ele complementa que ela é direcionada para o “gado decifrar”.

Figura 65 – Comentários em postagem do Uol sobre circuito Imbrochável no Twitter



Fonte: Twitter (2022)

Somando os nomes dos elementos que aparecem nas fotografias temos uma frase que representa a piada: “chuchuca do centrão”. Este comentário deixa marcas interessantes sobre as lógicas empregadas na produção, que fazem uso de estratégias imagéticas e de tom sarcástico para produzir sentidos. Além disso, a elaboração também dá um rótulo para Bolsonaro a partir da fala protagonizada por ele.

Este movimento de construção de sentidos nos mostra como os atores sociais realizam processos experimentais, seguindo as lógicas de midiatização. Conforme Braga (2015), as lógicas de midiatização são justamente perpassadas por tentativas.

“Encontramos aí usos experimentais, mais que práticas ancoradas. São processos em vias de desenvolvimento” (BRAGA, 2015, p. 28). Este comentário se difere dos demais aqui observados em termos de estrutura, o que se alinha justamente a esses processos experimentais.

Outra estratégia interessante é identificada em postagem de um ator social em seu próprio perfil no Twitter (Figura 66). Neste caso, ele utiliza uma reportagem antiga publicada pelo portal R7 para produzir sentidos sobre a fala de Bolsonaro.

Figura 66 – Publicação de ator social sobre circuito Imbrochável no Twitter



Fonte: Twitter (2022)

A reportagem resgatada por ele falava sobre a compra de uma grande quantidade de Viagra (medicamento recomendado para disfunção erétil) por parte das Forças Armadas. Ele cruza esta antiga matéria jornalística com a fala do ex-presidente, dando a entender que Bolsonaro faz uso da medicação e que, portanto,

sua fala é vista mais uma vez como um movimento de insegurança e de autoafirmação.

A operação de acionar um antigo conteúdo produzido pela imprensa é interessante para refletir sobre a circulação. Afinal, um material que teria caído no esquecimento é facilmente retomado para discutir sobre um acontecimento distinto. Fora isso, o uso de uma reportagem gera credibilidade para a afirmação de fatos feita pelo ator social. Então, com isso, podemos pensar como jornalismo e atores sociais atuam juntos na produção de sentidos, somando esforços e gerando conteúdos complementares.

Em mais um circuito identificamos também a presença de ilustrações como estratégia produtiva por parte dos atores sociais. No exemplo abaixo (Figura 67), a charge publicada é capaz de produzir sentidos e deixar mensagens sem que haja a necessidade de legendas. O ator social apenas escreve a expressão “imbrochável” e deixa que a ilustração protagonize este movimento.

Figura 67 – Publicação de ator social sobre circuito Imbrochável no Twitter com ilustração



Fonte: Twitter (2022)

Esta ilustração utilizada traz marcas importantes em relação a uma disputa em torno dos símbolos nacionais. Identificamos nos circuitos anteriores que já existia um movimento de embates em torno das apropriações da bandeira do Brasil. E, por conta da data em que Bolsonaro fez seu discurso, este movimento de disputa acabou se acentuando. Afinal, em um dia simbólico para a pátria, o então presidente prefere se pronunciar sobre sua virilidade.

A cor amarela é colocada como fundo da imagem, caracterizando um cenário brasileiro. Ao mesmo tempo, temos a bandeira do país em cena, sendo tomada por uma fumaça da cor preta, que sai do cano de um tanque de guerra. A situação mostra um apagamento da bandeira e, conseqüentemente, da própria pátria. Este apagamento acaba sendo uma metáfora para os efeitos gerados a partir da fala do ex-presidente.

O uso de um tanque de guerra na ilustração também é uma operação simbólica. O primeiro motivo que torna esta utilização simbólica é o fato de Bolsonaro ter sido relacionado diretamente com o escândalo das Forças Armadas pela compra da grande quantidade de Viagra – que comentamos anteriormente. Fora isso, o ex-presidente é um militar reformado e tem muitos apoiadores também militares, inclusive em seu próprio partido.

Para sinalizar ainda mais esta relação entre Bolsonaro e o exército, temos uma bandeira acoplada acima do tanque de guerra. Nela, temos o rosto de um palhaço, que parece carregar feições de Bolsonaro. Essa associação também permite entender que, por conta de sua fala inconveniente, o então presidente passa a ser representado pela figura de um palhaço.

Essa comparação também reflete na jornada do herói, cujas marcas vimos nos circuitos anteriores. Nesta altura, Bolsonaro busca construir uma narrativa em que tenta se autoafirmar com a expressão que proferiu. No entanto, a imagem que se cria a partir disso acaba direcionando sua figura para associações como a do próprio palhaço. Então, a associação mitológica do herói acaba se esgotando neste novo momento.

Em outro tweet (Figura 68), há uma nova apropriação da bandeira nacional. Desta vez, a frase “ordem e progresso” é substituída por “Jair é desordem e regresso”. A operação é interessante pois faz uso de palavras antagônicas às que são utilizadas na bandeira do país, mas as mesmas são direcionadas para se referir ao Bolsonaro

ao invés de serem empregadas para falar da nação. Isso acontece pelo fato de que o então presidente se apropriou tão intensamente da bandeira ao ponto de ela ser considerada referência a ele. Por isso, o ator social acaba colocando a frase de ataque a Bolsonaro dentro do próprio símbolo nacional.

Figura 68 – Publicação sobre circuito Imbrochável no Twitter com uso da bandeira nacional



Fonte: Twitter (2022)

Este movimento do ator social é também uma tentativa de tirar a força das apropriações de Bolsonaro a respeito da bandeira nacional. Atacando-o enquanto a utiliza, o ator social permite que novas reflexões sejam geradas. Assim, quando disputamos por sentidos, disputamos também por poder (VERÓN, 1980).

Em relação à legenda que complementa a postagem, temos os indicadores de emojis que demonstram violência, raiva, indignação e nojo. A frase corrobora para isso ao dizer que o discurso de Bolsonaro foi “grotesco, repulsivo, ridículo, asqueroso”. A pessoa ainda se refere ao então presidente como “Bostonaro”, transformando o seu próprio sobrenome para conferir um sentido ao que ele discursa.

Abaixo (Figura 69) temos mais uma tentativa de disputa em torno da bandeira do país, o que nos mostra como este movimento de apropriações e reapropriações tem marcado diversos circuitos aqui observados.

Figura 69 – Publicação sobre circuito Imbrochável no Twitter com ilustração de símbolos nacionais



Fonte: Twitter (2022)

O elemento azul que compõem a bandeira nacional é deixado de lado para oferecer espaço a uma elaboração. No seu lugar surge a figura de uma mão que tem o dedo indicador insinuado para baixo. Ele faz referência direta à fala de Bolsonaro sobre ser imbrochável. Portanto, temos aqui a bandeira sendo disputada para criticar a postura do então presidente do país.

Mais uma vez a ilustração carrega uma força de interpretação e de construção de sentidos tão simbólico ao ponto de não termos uma legenda relevante na

postagem. Afinal, a utilização da bandeira nacional para novos fins, após tantos anos sendo utilizada como sinônimo de uma figura política única, acaba gerando intenso impacto visual.

Diante disso, cabe apontar o que discute Ana Paula da Rosa sobre as imagens, em sua essência, serem as mesmas, porém seus significados serem múltiplos. “A diversidade individual não significa, necessariamente, a diversidade de imagens, mas de sentidos produzidos sobre” (ROSA, 2016, p. 12). Ou seja, as produções são sobre a bandeira nacional, ela ainda está ali, mesmo que passando por pequenas modificações ao longo das ilustrações. Porém, os sentidos que são disputados a partir dela é que abrem caminhos para várias possibilidades.

Olhando para publicações feitas após alguns meses do ocorrido, identificamos que – assim como em circuitos anteriores – os atores sociais se apropriam da fala de Bolsonaro e a utilizam contra ele. Neste caso (Figura 70), a postagem é direcionada para falar sobre ele ter perdido as eleições presidenciais.

Figura 70 – Publicação de ator social meses após circuito Imbrochável



Fonte: Twitter (2022)

A fotografia usada é de Bolsonaro com lágrimas nos olhos, e a legenda indica justamente que estas são lágrimas de um “imbrochável”. A palavra imbrochável acaba ganhando um novo significado para além da questão da virilidade masculina. Aqui, ela pode ser interpretada também como sinônimo para alguém que não perde, que é vencedor. Como Bolsonaro perdeu as eleições, a expressão é usada a fim de questionar se ele é de fato imbrochável.

Outro aspecto a ser destacado da publicação é o fato de a legenda conter o trecho “tchau, querido”, que seria uma apropriação da expressão usada contra a ex-presidente Dilma Rousseff na época de seu impeachment. Portanto, se trata de uma operação que mexe com a memória, com os imaginários estabelecidos midiaticamente e com circuitos anteriores.

Por fim, temos mais uma postagem feita após Bolsonaro ter perdido a disputa eleitoral (Figura 71). Alguns de seus apoiadores foram às ruas após os resultados das urnas a fim de manifestar contrariedade ao presidente Lula e, para outros, a fim de protestar pelas supostas fraudes nas urnas eletrônicas.

O tweet em questão retrata justamente este momento em que seus apoiadores estão fazendo barreiras em locais públicos como forma de manifestação. A fotografia que é colocada na publicação mostra alguns cartazes, sendo que um deles está traduzido para o inglês. Nele está escrito: “we don’t agree with this fraudulent erection”. O problema é que a digitação foi feita de forma errônea, e a última palavra deveria ser election. O erro de uma letra na palavra acabou traduzindo-a para ereção, ao invés de eleição.

A imagem acabou tornando-se meme para os atores sociais que identificaram o erro de digitação. Neste caso, o ator social soube cruzar a situação do cartaz com o discurso pronunciado por Bolsonaro meses atrás. Na legenda, ele completou que se tratava de um “protesto de apoio ao imbrochável”.

Figura 71 – Publicação sobre circuito Imbrochável no Twitter meses após a fala que o originou



Fonte: Twitter (2022)

Portanto, temos aqui uma operação interessante de acionamento de um circuito sendo cruzado com um novo acontecimento. O tom irônico empregado neste cruzamento entre os dois episódios também colabora para a construção de sentidos, demonstrando mais uma vez como os memes são estratégias potenciais entre os atores sociais.

5.4.2.3 A fala de Bolsonaro

Diferentemente de todos os outros circuitos analisados, neste caso não temos uma publicação no perfil oficial de Bolsonaro no Twitter em que ele fale sobre o acontecido ou que tenha publicado o seu discurso da ocasião. Porém, encontramos outras postagens feitas por ele no dia do acontecido, na qual temos comentários de atores sociais que resgatam sua fala para produzir sentidos.

Antes de observarmos estes comentários, podemos nos questionar o que este silêncio de Bolsonaro denota. Ele sempre se manteve ativo nas redes sem fugir dos embates, mesmo em momentos duros como no caso das meninas venezuelanas. Aqui a questão é o que caberia ao ex-presidente dizer senão ampliar a polêmica em torno de si, considerando o cenário pré-eleitoral. Calar-se é também fazer circular, visto que outros precisam assumir a sua voz. Então, não se trata de não circular, mas de colocar seu afastamento como operação.

Estes comentários que encontramos são justamente a prova de que o circuito permanece, buscando espaços e brechas para circular. O tweet de Bolsonaro publicado no dia 7 de setembro fala sobre seu discurso na data da Independência do Brasil e sobre a repercussão de apoiadores que estiveram presentes. Nos comentários, havia diversas imagens de pessoas que participaram do ato, elogiando o governo e promovendo sua reeleição. Porém, ao mesmo tempo, resgatamos alguns comentários que acionam o circuito Imbrochável e tecem críticas ao então presidente por sua fala. O primeiro deles (Figura 72) usa a palavra “brocha” para fazer um trocadilho com o nome de Bolsonaro.

Figura 72 – Comentário sobre Imbrochável em tweet de Bolsonaro



Fonte: Twitter (2022)

O nome de Bolsonaro dá lugar ao “Brochonaro”, o que demonstra a utilização do tom cômico para produzir sentidos. A expressão proferida pelo então presidente é apropriada pelo ator social e utilizada contra ele, ao passo em que ela é antecedida por um “fora”. A imagem que compõem o comentário demonstra ser feita de forma simples e com poucos recursos gráficos, mas mesmo assim é capaz de gerar sentidos.

Apesar de não se tratar de um tweet de Bolsonaro sobre o circuito Imbrochável, percebemos que os atores sociais buscam oportunidades para reverberar o acontecido. A seguir (Figura 73) temos outros dois exemplos de comentários que acionaram o episódio.

Figura 73 – Comentários acionando circuito Imbrochável em tweet de Bolsonaro



Fonte: Twitter (2022)

O primeiro deles também faz uso de uma elaboração imagética de poucos recursos visuais. Trata-se de um tradicional emoji amarelo clássico de aplicativos de mensagens redesenhado com um boné com estampas militares. O emoji também possui a mão erguida ao lado do rosto em tom de saudação, reproduzindo outra associação aos militares. A legenda que completa a imagem se apropria da palavra “broxa” para se referir a Bolsonaro, o que por sua vez insere o circuito Imbrochável neste espaço dos comentários.

Estes acionamentos relacionados ao militarismo na postagem podem ser pensados pela carreira anterior de Bolsonaro no Exército ou também pelo escândalo citado há pouco sobre a grande compra de Viagra para as Forças Armadas. Desta forma, mesmo os comentários elaborados de forma simples em termos estéticos podem ser interpretados como parte de um movimento de construção de sentidos que utiliza de pontos semelhantes para gerar suas elaborações.

O segundo comentário faz uso de uma imagem do seriado Chapolin Colorado, conhecido justamente por seu humor. Este uso automaticamente carrega o tom jocoso para a postagem, especialmente pela fotografia empregada ser um recorte do protagonista rindo. A legenda completa a estratégia de ironia ao caçar dos

apoiadores de Bolsonaro que acreditavam que ele articularia um golpe militar. Mas, para se referir ao então presidente, a legenda o cita diretamente como Imbrochável.

A partir destes comentários, podemos inferir que o calar de Bolsonaro nesta situação é tático para tentar estancar a circulação. Porém, se torna evidente que o circuito continua mesmo em outros espaços e, inclusive, dentro de seu próprio perfil.

5.4.2.4 O imaginário mobilizado

Neste circuito, intensificaram-se as disputas em torno dos símbolos nacionais, a fim de os desvincularem da figura de Bolsonaro. Há uma tentativa de mostrar como o então presidente - com sua postura inadequada - tem prejudicado a imagem do país. Este episódio acaba sendo síntese dos comportamentos inoportunos adotados por Bolsonaro, que por sua vez impactam na seriedade do trabalho que deveria ser executado pelo líder do Executivo.

Este movimento de reapropriação dos símbolos nacionais já começava a se fazer presente em circuitos anteriores, mas acabou por se materializar de fato com as produções do episódio Imbrochável. As cores verde e amarela, bem como a própria imagem da bandeira do Brasil são destaque em praticamente todos os materiais observados.

Ao mesmo tempo, há uma associação que busca aliar a figura de Bolsonaro com a de uma pessoa irresponsável, como um palhaço. Parece então que a jornada do herói que analisamos inicialmente dá lugar para uma nova construção mitológica, que seria a de um bobo da corte.

A pesquisa de Freitas, Antunes Junior e Boaventura (2022) demonstra como Bolsonaro utiliza este arquétipo de bobo da corte, especialmente após a pandemia causada pela Covid-19. Conforme eles, este arquétipo é relacionado com as gafes e deslizes e tem como função “subverter o status quo e auxiliar o indivíduo a superar o medo de tragédias” (p. 17). Com a crise gerada pela pandemia, Bolsonaro deixa o arquétipo de herói de lado e abraça a caracterização de um bobo da corte, ao passo que faz uso constante de piadas, trocadilhos, além de empregar tentativas de diminuir a gravidade da realidade enfrentada.

Elementos que conduzem a esta associação de Bolsonaro com um bobo da corte aparecem nas imagens síntese que trouxemos para representar este episódio (Figura 74).

Figura 74 – Imagens síntese do circuito Imbrochável



Fonte: Elaborado pela autora

Entendemos então que este circuito é marcado por uma mudança na imagem de Bolsonaro, que deixa de ser o herói ou o vilão para ser compreendido como um palhaço. Portanto, os imaginários que sintetizam este episódio colocam Bolsonaro neste lugar de uma pessoa inconveniente que está destruindo a própria nação. Para mostrar este espaço, os imaginários mobilizados acionam diretamente os símbolos nacionais em um movimento de reapropriação.

5.5 ANÁLISE TRANSVERSAL

Para finalizar nosso processo de análise da pesquisa, faremos mais dois movimentos de observação, ambos transversais e que contatam todos os circuitos analisados.

O primeiro movimento será dedicado a olhar para as marcas, lógicas e operações que identificamos ao longo das fases, a fim de pontuarmos suas diferenças e similaridades. Já o segundo passo focará diretamente nos imaginários encontrados nos circuitos. Para isso, trabalharemos com a proposta de pranchas de imagens, cruzando as imagens sínteses que elencamos ao final de cada circuito observado nos itens anteriores.

5.5.1 As observações de conjunto

Para desenvolvermos uma análise transversal em nossa dissertação, retomaremos todos os eixos trabalhados, passando pelo jornalismo, pelos comentários, pelas postagens de atores sociais e pelas disputas no perfil de Jair Bolsonaro no Twitter. A seguir, apontaremos como os circuitos possuem semelhanças nos modos de funcionamento e como eles se distinguem a partir dos eixos observados, evidenciando uma complexidade na produção dos sentidos entre os diferentes atores que agenciam a circulação. Este movimento nos auxilia a refletir sobre o objetivo da pesquisa, de entender como são construídos sentidos e configurados circuitos a partir da circulação dos discursos de Jair Bolsonaro.

Iniciando pelo modo de fazer jornalístico, podemos pontuar que a imprensa apresenta operações comuns e repetidas ao longo de todas as fases. Seu foco parece estar em enfatizar um agir polêmico de Jair Bolsonaro, transformando seu comportamento em um critério de noticiabilidade. Suas produções se caracterizam em grande parte como de tom declaratório, reforçando uma tentativa de imparcialidade, especialmente nos primeiros circuitos. Com a chegada da pandemia e com o passar dos anos de governo, algumas outras abordagens passaram a ser inseridas, como exemplo podemos citar a estratégia de utilizar fontes terceiras para falarem sobre Bolsonaro.

Ao mesmo tempo, uma estratégia que se repete ao longo dos circuitos é a atribuição de uma voz a Bolsonaro, com os textos jornalísticos colocando seus pronunciamentos entre aspas e direcionando o discurso. Com suas escolhas editoriais, o jornalismo auxilia para um processo de desconstrução do mito ao longo das fases observadas, uma desconstrução de uma imagem que o próprio jornalismo auxiliou a moldar no período de eleições de 2018. Ou seja, podemos identificar uma mudança de comportamento, que parte de um tom mais declaratório para um tom mais crítico – embora ainda discreto. Se no circuito da Facada o jornalismo ilustrava as reportagens com Bolsonaro sempre nos braços de seus apoiadores – corroborando para uma figura mitológica -, no circuito Imbrochável, por sua vez, o jornalismo adotou uma nova postura, caracterizando-o como um homem de masculinidade frágil.

Nota-se com isso que o jornalismo deixa brechas em suas narrativas, ou seja, ele não atua com a pretensão de fechar o sentido, mas sim de estimular os embates, visto que não pode dizer de forma direta tudo o que pensa em virtude das normas profissionais e dos valores editoriais.

Apesar das brechas deixadas pelo jornalismo, percebemos que o grande potencial produtivo se dá a partir dos atores sociais, sejam nos comentários ou em seus próprios perfis. Os agenciamentos feitos por eles são disruptivos pois não se detém a normas profissionais. Eles possuem uma liberdade criativa e metafórica que os confere o papel de deslocar a interpretação, de tensionar as falas.

Nos parece que os atores sociais utilizam do recorte estabelecido pela imprensa para iniciarem suas próprias produções. As marcas deixadas pelo jornalismo se fazem presentes nas elaborações dos atores por conta dos ângulos escolhidos para discutir os episódios. Porém, os atores sociais fazem uso destes recortes para criar desdobramentos. Há a presença das lógicas da midiatização, sob as quais os atores sociais demonstram ter forte domínio, não se limitando, portanto, a reproduzir o discurso da mídia hegemônica ou o imaginário midiático, mas a jogar com esse em elaborações criativas e inventivas, acoplando discursos e novos imaginários.

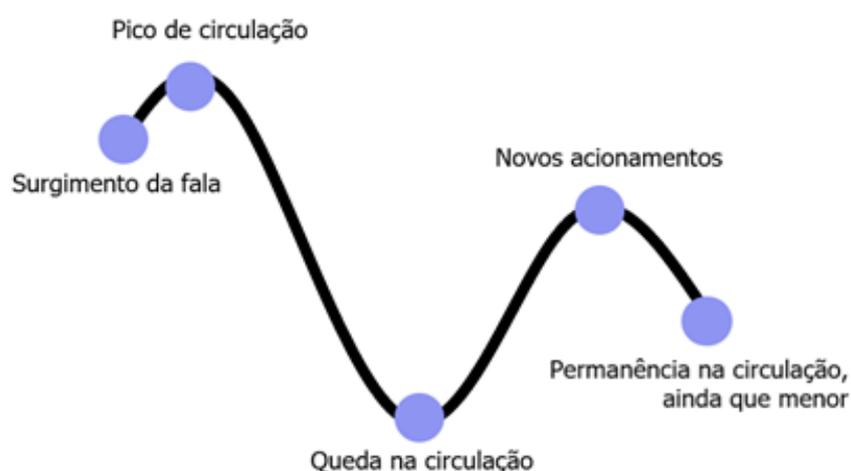
Assim, uma outra característica que identificamos apenas nas operações dos atores sociais foi o acionamento de imaginários coletivos, especialmente as associações com o autoritarismo. Este movimento de construção que se repetiu ao longo de todos os circuitos foi protagonizado pelos atores, que nos mostraram como as redes sociais possuem não somente papel de construção, mas também de desconstrução.

O próprio movimento de migração da jornada do herói para o bobo da corte ganha força nas elaborações em redes sociais. O jornalismo deixa pequenas marcas desta transformação, mas são os atores sociais que geram disputas ao longo de todos os circuitos em torno desta imagem mitológica, a fim de tensioná-la e substituí-la.

Falando especificamente sobre o perfil de Jair Bolsonaro no Twitter, onde olhamos para os comentários, ressaltamos os embates na produção de sentidos. Mesmo se tratando de seu canal oficial de comunicação, ainda assim Bolsonaro não conseguia impedir que houvesse disputa. Apesar de se tratar de um meio com grande força de seus apoiadores, a liberdade digital não permite que Bolsonaro fechasse o sentido. A reverberação sempre continua, mesmo que em menor escala.

Dito isso, vale pensar sobre como o processo de circulação demonstra ter picos de interação (Figura 75). Elaboramos uma ilustração para refletir sobre como, logo após o surgimento de uma fala, acontece o grande ápice de produções jornalísticas e de publicações de atores sociais sobre o pronunciamento. Em seguida, naturalmente há um esquecimento parcial daquela pauta. No entanto, temos na sequência novos acionamentos a respeito da fala inicial, estabelecendo novos picos e demonstrando que não ocorreu um esgotamento daquela expressão.

Figura 75 – Ilustração sobre os picos na circulação



Fonte: Elaborado pela autora

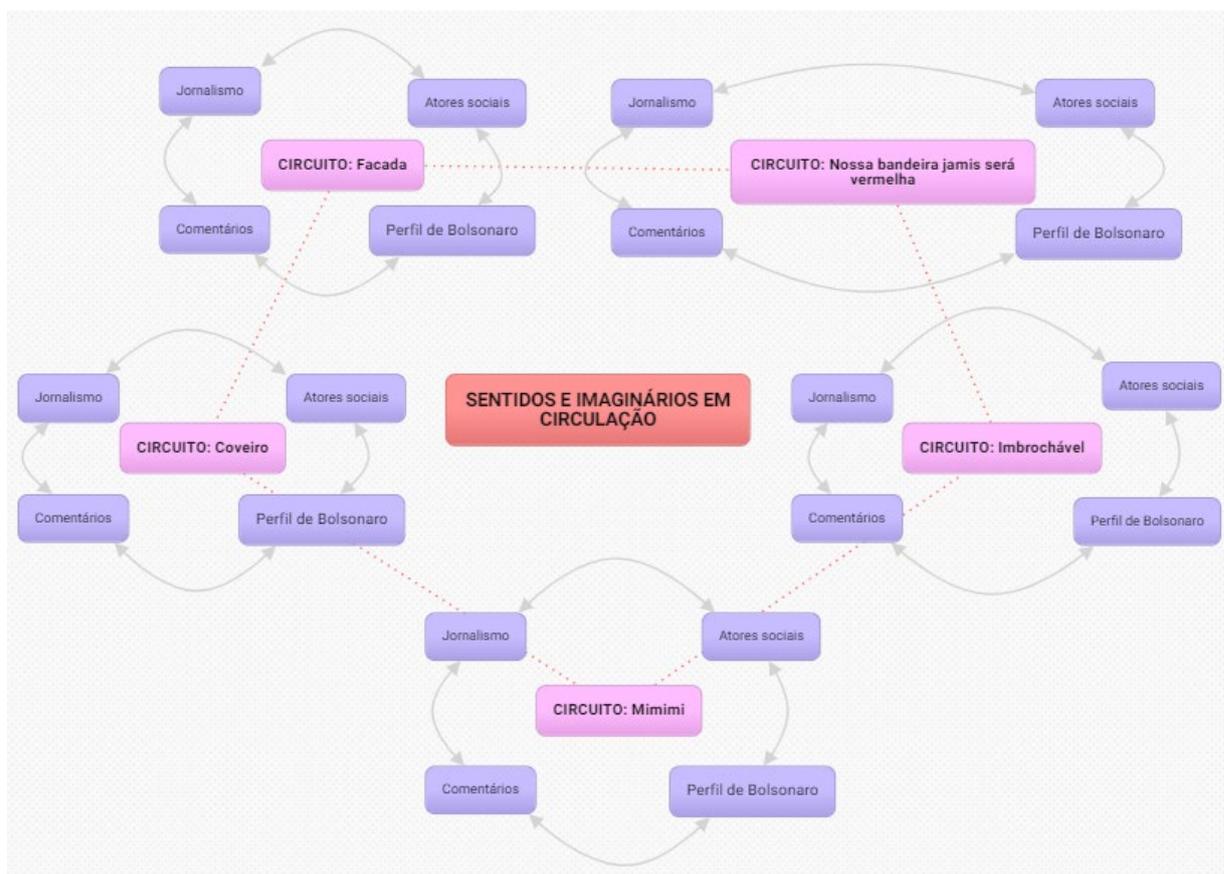
O intenso grau de repercussão faz com que a expressão e as imagens em circulação se consolidem no imaginário coletivo. E, mais do que a repercussão em si,

o que importa para essa consolidação é o fato de os próprios atores/sociedade passarem a valorizar estas imagens e elaborações. Saliento isso pois compreendo que a circulação não é igual a repetição.

Sendo resgatada um tempo após seu ápice, a fala demonstra ter se consolidado midiaticamente, se constituindo como um amplo circuito de interações, não limitado a marcos temporais. Entendemos que este movimento dos picos na circulação se replica em todos os circuitos analisados, especialmente pelo fato de que identificamos cruzamentos entre eles.

Neste movimento de olharmos para as marcas, lógicas e operações do processo de construção de sentidos, acabaremos por resgatar também os desenhos de pesquisa (Figura 76) elaborados nos capítulos iniciais da dissertação. Entendemos ser importante fazer essa revisita para compreendermos de forma mais detalhada os cruzamentos que compõem o todo.

Figura 76 – Resgate do desenho de pesquisa



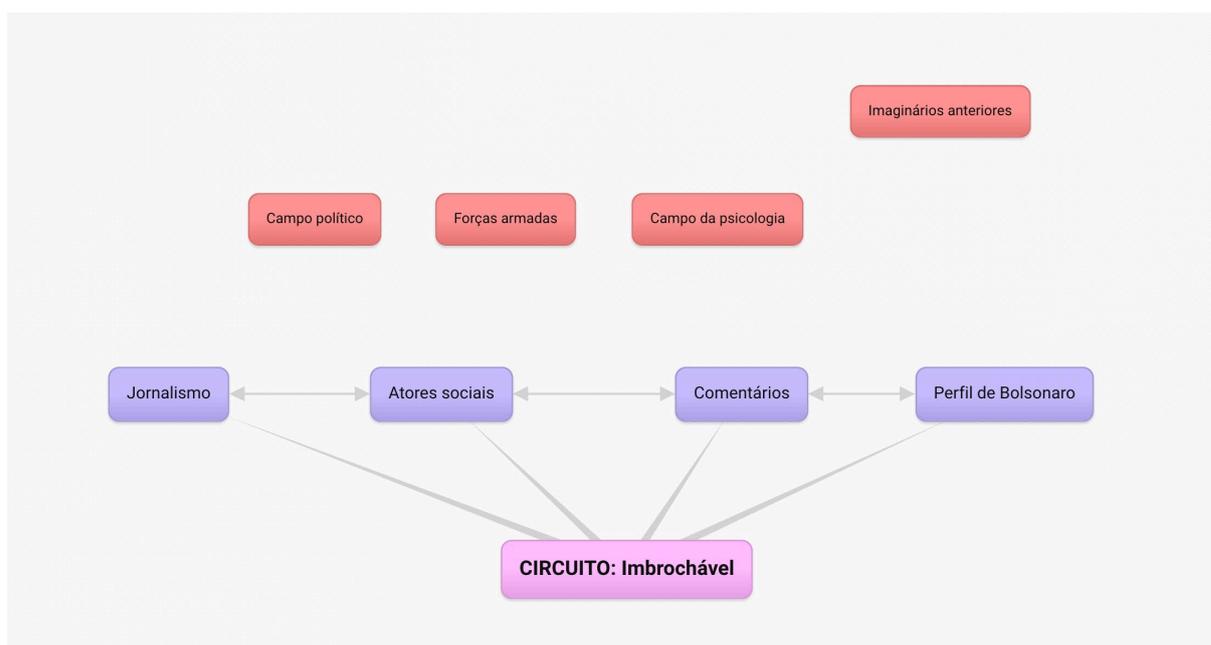
Fonte: Elaborado pela autora

O primeiro aspecto que podemos resgatar a partir deste desenho é justamente a conexão que todos os circuitos possuem (pode ser visualizado com os pontilhados na cor rosa). Além disso, entendemos que os imaginários e sentidos que emergem a respeito da figura de Bolsonaro são resultado de todos os circuitos trabalhando juntos. Apesar de termos marcas individuais de cada fase analisada, entendemos que esta interlocução de circuitos gera sentidos potentes que resistem e que se perpetuam na circulação.

Também podemos pensar que, apesar de termos uma cronologia de surgimento dos circuitos, eles acabam perdendo este valor temporal. Esta dimensão cronológica deixa de ser relevante visto que o pinçamento pode ser retomado hoje, mas também pode ser acionado meses após o surgimento de uma fala.

Pensando individualmente nos circuitos (Figura 77), cabe salientar as marcas deixadas pelas materialidades que se cruzam e que se tornam complementos de interação. Isso é evidente especialmente entre as operações do jornalismo e as elaborações de atores sociais. Nesta pesquisa, olhamos para os materiais que elencamos, mas podemos refletir sobre como as marcas deixadas pela circulação se fazem presentes também em outros espaços, que vão além do digital e que interferem diretamente em diferentes campos sociais.

Figura 77 – Zoom do desenho de pesquisa do circuito Imbrochável



Fonte: Elaborado pela autora

Além disso, cada circuito que observamos possui particularidades no que tange aos acionamentos que são estabelecidos. Nos capítulos iniciais, apresentamos este zoom do desenho de pesquisa, utilizando como exemplo o circuito Frescura e Mimimi. Para retomá-lo, trouxemos aqui um circuito diferente, o do Imbrochável. Neste caso, mudam alguns dos acionamentos. Aqui, por exemplo, temos uma forte relação com as Forças Armadas por conta do escândalo da Viagra que foi retomado e a presença do campo da psicologia, acionado para avaliar a fala de Bolsonaro.

O que se repete entre todos os circuitos é o cruzamento com o campo político e o fato de sempre existir um trabalho dos atores sociais de acionarem imaginários anteriores. Alguns outros campos se repetem em determinados circuitos, como o da saúde no período de pandemia.

Pensando em gerar uma melhor visualização de todas essas operações e lógicas identificadas em cada circuito, elaboramos um quadro (Quadro 5).

Quadro 5 – Centralização de operações do jornalismo e atores sociais

	Facada	Nossa bandeira jamais será vermelha	Coveiro	Frescura e Mimimi	Imbrochável
Operações do jornalismo		Pinçamento a partir de um discurso mais amplo	Pinçamento a partir de um discurso mais amplo	Pinçamento a partir de um discurso mais amplo	Pinçamento a partir de um discurso mais amplo
		Fala retirada de um discurso público	Fala retirada de um discurso público	Fala retirada de um discurso público	Fala retirada de um discurso público
	Uso de tom declaratório	Uso de tom declaratório	Presença de	Presença de	Uso de fontes

			questionamentos sobre a fala de Bolsonaro	questionamentos sobre a fala de Bolsonaro	terceiras para tecer apontamentos críticos
		Uso de aspas nas falas de Bolsonaro, atribuindo uma voz	Uso de aspas nas falas de Bolsonaro, atribuindo uma voz	Uso de aspas nas falas de Bolsonaro, atribuindo uma voz	Uso de aspas nas falas de Bolsonaro, atribuindo uma voz
	Contextualização do momento enfrentado pelo país quando o episódio ocorreu	Contextualização do momento enfrentado pelo país quando o episódio ocorreu	Contextualização do momento enfrentado pelo país quando o episódio ocorreu	Contextualização do momento enfrentado pelo país quando o episódio ocorreu	Contextualização do momento enfrentado pelo país quando o episódio ocorreu
			Ausência de explicação sobre o contexto de fala na ocasião	Ausência de explicação sobre o contexto de fala na ocasião	
			Uso de imagens que	Uso de imagens que	

			tensionam a fala de Bolsonaro	tensionam a fala de Bolsonaro	
Operações dos atores sociais	Presença de ilustrações	Presença de ilustrações	Presença de ilustrações	Presença de ilustrações	Presença de ilustrações
		Marcas do pinçamento jornalístico, com uso dos mesmos trechos de fala	Marcas do pinçamento jornalístico, com uso dos mesmos trechos de fala	Marcas do pinçamento jornalístico, com uso dos mesmos trechos de fala	Marcas do pinçamento jornalístico, com uso dos mesmos trechos de fala
	Criação de charges ou imagens para tensionar a fala	Criação de charges ou imagens para tensionar a fala	Criação de charges ou imagens para tensionar a fala	Criação de charges ou imagens para tensionar a fala	Criação de charges ou imagens para tensionar a fala
		Utilização de memes antigos para se referir ao episódio	Utilização de memes antigos para se referir ao episódio		Utilização de memes antigos para se referir ao episódio
	Estratégia de empregar	Estratégia de empregar	Estratégia de empregar	Estratégia de empregar	Estratégia de empregar

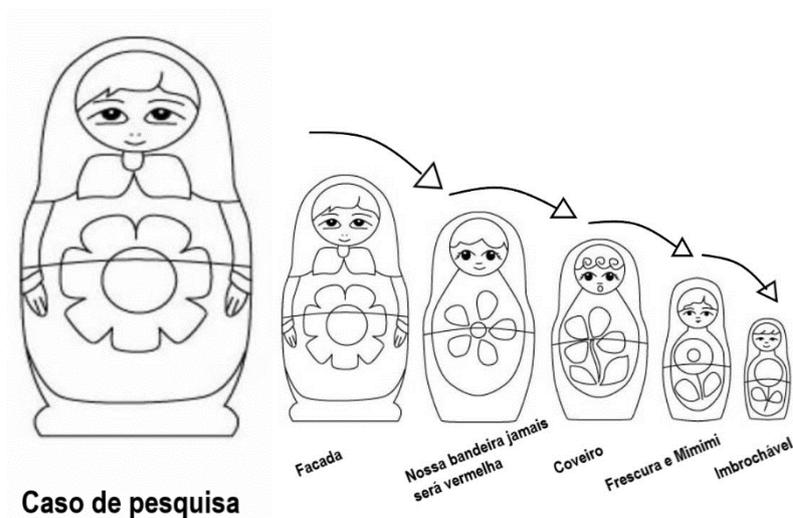
	ironia nas postagens				
	Acionamento de imaginários coletivos				
		Referência a outro circuito		Referência a outro circuito	

Fonte: Elaborado pela autora

Com este quadro, é possível notar que cada circuito possui especificidades e continuidades. Além disso, ao refletir sobre os elementos que se repetem em todos os circuitos, abrimos espaço para discutir sobre o cruzamento entre eles. Podemos fazer um paralelo com a proposição de Milani (2019) sobre a circuitagem, na qual a autora pontua que a circuitagem ocorre quando um circuito aciona outro circuito a partir de respostas de um ator social.

No entanto, nesta dissertação, entendemos que os circuitos não apenas são responsáveis por abrir espaço para que outros circuitos aconteçam. Entendemos que estes circuitos acabam deixando marcas entre si, permanecendo na circulação. Para isso, propomos uma elaboração de um desenho a partir da boneca russa, Matrioska (Figura 78). Trata-se de uma série de bonecas de tamanhos variados que são colocadas uma dentro das outras.

Figura 78 – Desenho para ilustração de conexão entre circuitos



Fonte: Elaborado pela autora

A partir deste desenho, podemos pensar que todos os circuitos estão interconectados. E, mais do que isso, quando um novo circuito emerge, os demais não deixam de existir, eles permanecem circulando – mesmo que em escala menor – e se fazem presentes também pelas marcas que deixam nos novos circuitos que acabaram de surgir. O mesmo ocorre com as bonecas russas, todas fazem parte de uma construção maior e todas possuem relações com as demais.

Neste sentido, a análise transversal aqui elaborada enfatiza não apenas os contatos entre os circuitos, mas o fato de um circuito compor e integrar o outro, de tal maneira que são sempre co-acionados, emblemas aderentes mesmo diante da passagem temporal entre um episódio e outro. Assim, podemos salientar que a circulação é central para compreensão dos processos comunicacionais hoje, seja porque é neste espaço que o sentido efetivamente se constrói, seja porque diferentes atores (políticos, midiáticos, sociais) desempenham um papel criativo, não somente replicando e repetindo, portanto, esvaziando os sentidos e símbolos, mas promovendo ressignificações constantes, onde o desvio, o tensionamento e a provocação são bases constituintes.

5.5.2 As pranchas de abismo

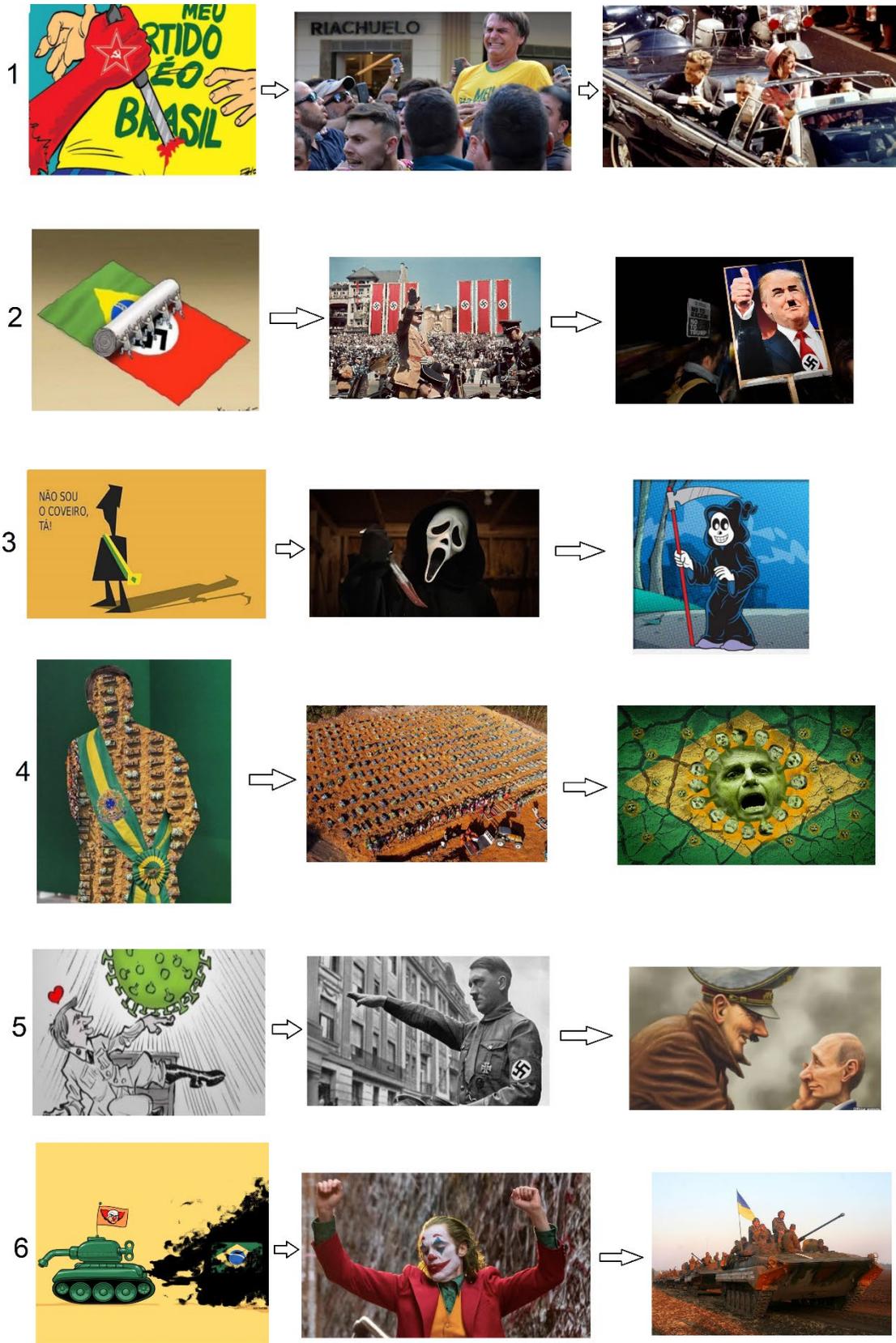
Este segundo movimento de análise transversal consiste na montagem de pranchas de imagens, a partir de uma apropriação da ideia de Aby Warburg sobre o Atlas Mnemosyne. Com a montagem de painéis sistemáticos, o autor nos propõe um método de elaboração de inferências por meio de referências visuais. Esta aproximação de Warburg para análise da circulação foi iniciada dentro do Laboratório de Circulação, Imagem e Mídia (LACIM), a partir da tese de Damásio (2022). Em nossa pesquisa, adotaremos este ato de construção de uma colagem com base nas imagens sínteses que elencamos ao final da análise de cada circuito.

Entendemos que este método, após a análise de marcas e operações que já realizamos, se torna um complemento de observação interessante que nos dá a possibilidade de identificar como imagens se acionam entre si, revelando algo das relações imaginais. Além disso, este movimento nos permite acompanhar também o trajeto dos sentidos para além dos próprios circuitos, visto que podemos pensar em elementos que os constituem para fora de seus marcos temporais.

A partir de algumas das imagens sínteses selecionadas em cada circuito, construímos a nossa montagem (Figura 79). Para cada imagem-síntese, escolhemos outras duas imagens, na tentativa de gerar uma aproximação. É importante pontuar que as imagens que escolhemos estão diretamente conectadas com a nossa subjetividade, com o nosso ato de imaginar e de encontrar referências anteriores. Portanto, existem muitas outras variáveis de pranchas de imagens possíveis que poderiam ser constituídas. Porém, este movimento não tem o objetivo de identificar definições fechadas, mas sim de revelar associações que nos mostram como as imagens perduram na circulação e como os sentidos coalescem nos fluxos.

A montagem construída conta com uma linha de imagens para cada circuito, iniciando pelo episódio da Facada e seguindo em ordem cronológica pelos demais. A primeira imagem de cada linha (à esquerda) corresponde à figura síntese que selecionamos ao final da análise de cada circuito anteriormente. As outras duas imagens seguidas ao lado são as associações que fizemos na tentativa de encontrar relações variadas, retroagindo para além do tempo daquilo que é observado apenas nos episódios.

Figura 79 – Prancha de imagens



Fonte: Elaborado pela autora

Cada imagem selecionada como síntese de um circuito é composta por muitas outras anteriores, que estão inscritas tanto na mídia (imaginário midiático) como no imaginário social. Pensando no imaginário midiático, a partir de Rosa (2020), como um conjunto de fotografias, memes, comentários, expressões que circulam em diferentes espaços midiáticos, podemos apontar como exemplo a segunda imagem que utilizamos na primeira linha da prancha. Trata-se de uma fotografia inscrita de maneira intensa em diversos canais de comunicação durante o episódio da Facada de Bolsonaro. Portanto, quando pensamos neste circuito, a partir de sua imagem síntese, resgatamos uma fotografia – produzida pela Agence France-Press - do então candidato à presidência sofrendo o atentado nos braços do povo.

Bem como temos uma fotografia que repercutiu intensamente nas mídias atualmente, podemos resgatar também uma imagem consolidada no imaginário quando pensamos sobre atentados políticos. Trata-se de imagem tirada segundos antes do assassinato do ex-presidente norte-americano John Kennedy. Assim como Bolsonaro foi atingido em um momento público, Kennedy foi alvo de um tiro enquanto desfilava em um carro aberto e cumprimentava apoiadores. Mas não é somente o atentado que nos faz associar os dois casos e sim a construção de ambos enquanto heróis. Apesar de ter ocorrido nos anos 60, o assassinato do norte-americano consolidou-se por conta da intensa repercussão.

Caminhando para a segunda linha da prancha, chegamos ao segundo circuito deste caso de pesquisa – Nossa bandeira jamais será vermelha, que data o momento em que Bolsonaro assume o cargo de presidente. A imagem síntese selecionada acaba tendo relação com a do circuito anterior, visto que ambas trabalham com uma disputa entre as cores vermelho e amarelo. No primeiro episódio, no entanto, o vermelho representa a ameaça comunista. No segundo circuito, ela é resgatada como caracterização do regime nazista.

Com este novo uso das cores, conseguimos elaborar associações de temporalidades diferentes. A primeira imagem que trazemos é uma fotografia clássica de Adolf Hitler, inscrita em nosso imaginário a partir das mídias, do cinema e também dos próprios livros de história. Ao seu lado, há uma elaboração feita a partir da figura de Donald Trump, ex-presidente dos Estados Unidos, que é comparado com atributos físicos de Hitler e acompanhado pelo símbolo do regime nazista. Essa associação com o autoritarismo, a partir do nazismo, é produzida não somente como comparação

a Jair Bolsonaro, mas também para outros líderes com condutas semelhantes, como o caso do norte-americano. Estes dois usos, embora de espaços e de tempos diferentes, nos permitem pensar sobre as manutenções do imaginário, sobre como estes acionamentos colaboram para uma fixação.

Assim como estes dois primeiros circuitos se contatam diretamente por meio das cores empregadas, podemos identificar associações que conduzem relações entre outros circuitos na prancha. A presença da imagem de Hitler, que se faz presente neste segundo circuito, se repete no circuito 5, por exemplo. Ao mesmo tempo, o uso da faixa de presidente que aparece na ilustração do circuito 3 é repetida no circuito seguinte.

Seguindo com as próximas linhas, as duas seguintes (3 e 4) são referentes ao circuito do Coveiro. Neste episódio, trouxemos duas elaborações diferentes para pensar em formatos e operações variadas. A primeira linha é construída a partir de uma ilustração que coloca a silhueta de Jair Bolsonaro no lugar de uma sombra que representa a morte. Este uso fez com que pensássemos sobre a consolidação de imaginários que temos a respeito da morte. Como exemplo, resgatamos duas imagens consolidadas neste sentido: a morte de filmes de terror clássicos – como do longa *O Pânico* - e a morte de desenhos animados – da Turma da Mônica. Embora retirados do cinema e dos quadrinhos, estas duas composições acabam se conectando com a ilustração utilizada como síntese deste episódio, o que evidencia o acionamento de imagens e imaginários anteriores socialmente partilhados e que se atualizam nas construções dos atores sociais.

E, ao mesmo tempo em que temos este uso de elementos simbólicos clássicos do imaginário, temos o exemplo da segunda imagem síntese do circuito Coveiro. Trata-se de uma construção criativa a partir de duas fotografias. Utilizando a silhueta de Jair Bolsonaro e elementos que representavam o seu cargo, foi feita uma elaboração que preencheu o corpo do então presidente com uma fotografia que circulou intensamente durante este episódio: a das covas de mortos pela Covid-19.

Em comparação com a imagem síntese anterior do episódio Coveiro, podemos refletir que esta operação em questão é muito diferente, visto que não faz uso de imaginários clássicos para gerar uma fixação. É uma nova produção, a partir de elementos da circulação, com a proposta de gerar novos sentidos. E, a partir desta nova produção, conseguimos extrair outras imagens, como a fotografia que serviu como preenchimento para o corpo de Bolsonaro. Também podemos pensar que esta

construção acabou gerando interpretações a respeito da figura do então presidente, como alguém responsável pelas mortes da pandemia.

E, tendo como base essa compreensão, conseguimos chegar em outras imagens. Como exemplo, temos a ilustração ao lado, que mescla a bandeira do país, o rosto de Bolsonaro e o ícone do coronavírus. Ou seja, por meio dos significados que emergem das imagens acabamos conseguindo chegar em outras elaborações, que talvez visualmente não se pareçam tanto, mas que se assemelham em termos de sentidos que delas emergem. Trata-se de pensar na figura da morte, afinal outras tragédias e pandemias foram caracterizadas pelas imagens de valas, mas o interessante é aqui vamos além disso, visto que no circuito do Coveiro, Bolsonaro é que passa a ocupar o lugar de imagem da morte.

No circuito Frescura e Mimimi, presente na quinta linha da prancha, temos mais uma vez o acionamento do regime nazista, mas com uma relação visual ainda mais intensa com a figura de Hitler. Desta vez, a imagem síntese coloca Bolsonaro na postura e nas vestes que representam o líder nazista. A posição em que ele se encontra nesta ilustração nos remete automaticamente ao ato de saudação do nazismo, que trouxemos como exemplo na imagem ao lado. Além dela, trouxemos também outra ilustração com a presença de Hitler. Nesta charge, ele cumprimenta Vladimir Putin, presidente russo, a fim de indicar que ambos também se assemelham.

Assim como houve uma associação entre o nazismo e o governo de Trump nos Estados Unidos, temos aqui uma relação elaborada para comparar o autoritarismo do governo da Rússia com o regime nazista. Ou seja, é um movimento de consolidação deste imaginário coletivo, mas também de novos usos, de novas apropriações em diferentes lugares do mundo.

Por fim, chegamos ao último circuito, o Imbrochável, que tem como imagem síntese uma ilustração que apresenta a figura de Bolsonaro a partir de uma bandeira com um rosto de palhaço. A presença deste palhaço fez com que pensássemos sobre diversas associações com figuras deste tipo, mas especialmente com o Coringa. Esta comparação se dá por conta do Coringa não se parecer inocente como outras imagens de palhaços que poderíamos encontrar. Apesar de trabalhar com o humor assim como os demais, o Coringa vai ao encontro do que falam Freitas, Antunes Junior e Boaventura (2022) sobre o bobo da corte enquanto um arquétipo que busca subverter a própria realidade.

Nesta ilustração, temos ainda a presença de um tanque de guerra, que nos permite um acionamento direto com a situação enfrentada pela Ucrânia. Trouxemos, então, como última imagem para esta prancha uma fotografia que circulou midiaticamente. Assim como a charge, ela é composta por um tanque que se encaminha ao confronto.

Com este último uso, podemos pensar sobre como a montagem de uma prancha nos dá oportunidade de trabalhar com materialidades e com realidades que não necessariamente fazem parte do nosso caso de pesquisa, mas que o permeiam por meio dessas associações. Além de pensar nessas materialidades e temporalidades variadas, as pranchas nos fazem refletir sobre como os imaginários que trabalhamos em nossa pesquisa também se fazem presente em outros espaços, ou seja, são imaginários que perduram, orbitam ao nosso redor como menciona Kamper, à espera de um momento para serem novamente incluídos no fluxo.

E isso abre brecha também para a proposta de Rosa (2019) sobre a iconologia dos intervalos, sobre como as imagens são retomadas. “A iconologia dos intervalos não reside na significação das figuras, mas nas relações que estas mantêm entre si e que duram para além do tempo” (ROSA, 2019, p. 168). Esse resgate das imagens é semelhante ao movimento que ocorre no desenho que elaboramos sobre os picos da circulação dos episódios. Assim como os circuitos diminuem de intensidade, mas não desaparecem, as imagens também não se apagam.

Este movimento das pranchas também gera espaço para refletirmos sobre o rebaixamento das imagens, que Kamper discute em sua obra ao falar que a repetição gera esvaziamento. Porém, podemos pensar, ao olhar para como as imagens perduram, que há um processo de ultrapassar a borda do exposto. Há movimentos de acoplagem, de desconstrução, de sobreposição. A órbita do imaginário de Kamper, tomada por imagens-lixo, dá lugar para a circularidade de imagens que retornam, que se repetem, mas que se modificam a partir da criatividade dos sujeitos que agenciam a circulação em termos de sentidos.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Inquietações, perguntas, descobertas, indícios. Foram muitos passos que nos fizeram chegar a este movimento de considerações finais sobre e da pesquisa. Diante de um objeto complexo e em constante movimento, buscamos ao longo desta dissertação abraçar diversos eixos que julgamos pertinentes para atingir nosso objetivo.

Para dar conta de compreender como os discursos de Jair Bolsonaro em circulação acionam imaginários coletivos, constroem sentidos e configuram circuitos interacionais, naturalmente precisamos envolver diversas camadas de discussão teórica e de mergulho nos objetos empíricos. E, portanto, apontaremos a seguir considerações e inferências que emergem a partir destes diversos movimentos de observação e construção.

Em nosso movimento de análise, unimos duas propostas metodológicas para observar as operações da circulação e, ao mesmo tempo, os imaginários em jogo. Em um primeiro momento, olhamos individualmente para cada circuito que compõe esta pesquisa e, com este detalhamento, encontramos diversas pistas sobre o processo de circulação de sentidos e sobre a configuração dos circuitos interacionais.

Entendemos que é através das operações empreendidas por diferentes atores que se configuram os circuitos interacionais em torno dos episódios que aqui observamos. Ou seja, a construção de um circuito envolve todas as materialidades elencadas para a análise e, ainda, requer um olhar cuidadoso em relação à temporalidade com que os objetos circulam. Afinal, estamos lidando aqui com um caso de pesquisa midiático que nos exige retroagir no tempo diversas vezes na tentativa de captar rastros de circulação.

E ao passo em que olhamos para os circuitos, olhamos também para as imagens que emergem deles. Com a montagem das pranchas de imagens, notamos que uma única imagem é permeada por muitas outras e, portanto, é capaz de perdurar na circulação. Há uma certa complexidade em ligar esses dois movimentos de análise, - de observar a circulação e de observar os imaginários - porém, acreditamos que ambos geram enriquecimento para enxergarmos o caso de pesquisa de forma mais ampla.

Afinal, entendemos que o processo de circulação está diretamente imbricado com a mobilização de imaginários. Ao nosso ver, isso ocorre porque as elaborações produzidas não são meramente aleatórias, elas são atravessadas por marcas e por referências anteriores. No entanto, no campo das pesquisas em Comunicação, ocorrem muitas vezes questionamentos sobre o papel da circulação no acionamento de imaginários. Por que unir dois movimentos de observação aparentemente distintos?

Ao longo deste caminho, entendemos que há uma grande conexão entre a midiaticização, a circulação e os imaginários. Trata-se da criatividade. É por meio do agir estratégico e metafórico que os sujeitos criam elaborações que fogem de uma proposta de esvaziamento simbólico. Na banca de Qualificação, fomos questionados sobre qual seria o papel da circulação no processo de agenciamento de imaginários. Após esta pesquisa, entendo que a circulação é potencial para quebrar a noção de imaginários em rebaixamento, discutida por Kamper (2018) e outros estudiosos da área como Silva (2020).

Ao identificarmos a potência imaginal da atorização social, nossa proposta é que a circulação seja encarada como chave para o desenvolvimento criativo, visto que é por meio dela que se permite o uso da imaginação para produzir novas imagens e novos sentidos. A circulação não entra aqui com o propósito de reiterar significados ou de possibilitar maior adesão aos imaginários coletivos. Ela é alternativa para o esvaziamento e para a estereotipia.

Um dos principais questionamentos desta pesquisa era identificar como agentes múltiplos atuam no movimento de construção de sentidos, passando pelas disputas entre atores sociais em redes digitais e pelo papel jornalístico. Em relação ao jornalismo, visualizamos que sua atribuição se dá a partir de um processo de pinçamento, de capturar expressões e colocá-las em circulação a partir de um ângulo, ângulo este que é unísono entre os veículos observados. A produção de sentidos a partir das narrativas jornalísticas parece ocorrer por meio das elaborações que os atores sociais fazem deste recorte.

Portanto, podemos pensar que o jornalismo pretende estabelecer um ângulo para que as discussões ocorram, por meio dos recortes que realiza. No entanto, ele não atua com a pretensão de fechar o sentido, visto que suas narrativas deixam brechas para que os debates sejam desenvolvidos. É neste momento da circulação

que os atores sociais assumem o grande protagonismo, não somente por disputarem o sentido que circula, mas especialmente pela forma como fazem essa disputa.

É nas produções de atores sociais que encontramos uma grande liberdade criativa, que nos oferece intensa opção de objetos para observação. Por meio de charges, ilustrações e colagens, eles demonstram desenvolver estratégias para construir sentidos contra hegemônicos ou mobilizadores de imaginários sociais. Constatamos que este fazer criativo não é espontâneo e sim fruto de um domínio a respeito das lógicas da mediação (BRAGA, 2015). Parece sempre haver uma tentativa de fazer com que os conteúdos repercutam e permaneçam em circulação. Podemos pensar, como exemplo disso, no intenso grau de apropriação de imagens (ROSA, 2016), que passam por diversas camadas de elaboração, ecoando ao longo do tempo e sendo facilmente identificadas pelos sujeitos que se cruzam com elas.

Em relação aos sentidos elaborados para se referir a Bolsonaro, nota-se que eles não são únicos, especialmente por conta dos embates nos espaços digitais. Mas, apesar disso, os atores sociais acionam com frequência os mesmos ângulos e os mesmos elementos visuais para se referir ao ex-presidente. O acionamento de imaginários coletivos, especialmente as associações com o autoritarismo, se dá a partir das elaborações mobilizadas em rede. Isso faz com que resistam na circulação ângulos que se consolidam midiaticamente e nos imaginários coletivos, permitindo a fixação de uma imagem - não única -, mas potente acerca de Jair Bolsonaro.

No entanto, vale questionar se os atores sociais são responsáveis por moldar esta imagem autoritária ou se eles recuperam esta imagem porque ela é aderente aos próprios discursos do ex-presidente. Ou seja, podemos inferir que os discursos por ele proferidos mobilizam os atores que, por analogia, identificam as operações elaboradas por Bolsonaro e as tensionam como de fundo autoritário, referindo-se a situações antecessoras. Os discursos autoritários perduram no que Bolsonaro enuncia, e os atores se valem de seus espaços para retomar tais traços com vistas a um contradiscurso.

Pensando ainda nas elaborações dos atores sociais, podemos refletir sobre o movimento de desconstrução de uma imagem de mito e herói, alavancada nas eleições presidenciais de 2018 e potencializada pelo episódio da Facada. A partir de tensionamentos e de deslocamentos de interpretações dos atores a respeito das falas de Bolsonaro ao longo de seu mandato, é possível identificar um processo de queda. E mais do que um movimento de derrocada, ocorrem também novos desígnios de

imagens possíveis para Bolsonaro. Ele não apenas deixa de ser o líder salvador, como também passa a vestir a figura de autoritário, de genocida e, por fim, de bobo da corte. Ou seja, os agenciamentos produzidos pelos atores em rede não apenas discutem falas e episódios, mas desconstroem e constroem imagens, aproximando e rechaçando determinados imaginários midiáticos.

E, neste quesito, compreendemos que o jornalismo contribui ao passo em que se torna mais crítico em suas produções com o passar dos circuitos analisados. Mesmo que de forma sutil, é notável que a postura jornalística frente às falas de Bolsonaro acaba se enrijecendo. Isso também nos faz pensar sobre as gramáticas de atuação do jornalismo, que acabam precisando ser reinventadas por conta da conduta que o então presidente escolheu adotar para se relacionar com a imprensa. A ausência de falas oficiais ou coletivas tornou o fazer jornalístico refém de *lives* e de manifestações públicas de Bolsonaro para poder noticiar.

E assim como ocorrem disputas acerca dos sentidos, também podemos entender que eles não são produzidos de forma linear. Isso ocorre por conta do movimento que identificamos sobre os picos na circulação. Por conta deste processo de apropriação e reapropriação de imagens e de expressões, os circuitos observados na pesquisa não se limitam ao marco temporal de seu surgimento. Acontecem acionamentos destes episódios ao longo do tempo, fazendo com que eles se tornem referência para determinados assuntos.

Mas, ao mesmo tempo, algumas de suas estratégias transcendem até mesmo o espaço digital, tornando os circuitos mais amplos e intensos. Ao utilizarem hashtags como vocalizadores de protestos que envolvem outras esferas e outros campos sociais, os atores engajam não somente outros usuários, mas nos permitem visualizar a constituição de um episódio em que a construção de sentidos acontece em contato entre diferentes atores discursivos e em diferentes circuitos.

Outra inferência que marca esta pesquisa é o olhar sobre os circuitos interacionais, sobre a forma como eles se contatam. A partir da proposta de Milani (2019) sobre o movimento dos circuitos que deixam brechas para que outros surjam, chegamos a uma nova constatação. Para nós, os circuitos não se esgotam com o surgimento de novos. Eles se interconectam e utilizam uns aos outros de forma autorreferente para se manter circulando ao longo do tempo.

E, como exemplo ilustrativo para isso, apresentamos um desenho feito a partir das bonecas russas matrioskas, que são diretamente interligadas e fazem parte de

um contexto maior. Assim como esta ilustração tenta nos mostrar a configuração que os circuitos interacionais têm entre si, podemos pensar também que esta mesma ilustração deixa ver como os próprios imaginários caminham na circulação. Afinal, eles também estão interconectados a partir de associações e de imagens que perduram no tempo. Quando nos referimos aos imaginários, não estamos refletindo apenas sobre as representações geradas, mas também sobre como as elaborações destes imaginários são construídas. E, com esta pesquisa, este fazer criativo dos sujeitos nos deixou pistas sobre este movimento elaborativo.

Dito isso, concluímos que abraçar um objeto de pesquisa complexo e potencial para muitas frentes de observação é um grande desafio. Desafio este que nos exigiu um movimento artesanal de construção para o próprio corpus da pesquisa, bem como para os eixos teóricos e metodológicos elencados. Por isso, acreditamos que esta pesquisa deixa brechas para pensar e aperfeiçoar os métodos tentativos que aqui cruzamos. O uso de pranchas de imagens, por exemplo, é um processo metodológico com quem tivemos contato recente e que ainda poderá ser testado com fazeres diferentes.

Mas além dos desafios naturais do percurso, este fazer pesquisa foi atravessado por muitas outras afetações. Escrever essa dissertação enfrentando uma pandemia, enquanto o então presidente da República proferia inaceitáveis manifestações, exigiu um movimento de respiro, de afastamento. Afinal, boa parte dos circuitos analisados neste trabalho é resultado de falas de Bolsonaro neste período pandêmico. E ao mesmo tempo em que é necessário encontrar equilíbrio para olhar nosso objeto de fora, é preciso entender as dores que nos cercam. Em minha experiência de escrita, precisei lidar não somente com o isolamento social e com todas as demais imposições do momento. Tive que aprender a observar as falas de Bolsonaro sobre a Covid-19, enquanto este mesmo vírus ceifou a vida de minha tia e deixou meu pai na UTI durante semanas por falta de vacinas.

Entendo que o ato de fazer pesquisa envolve nossas subjetividades, nossa sensibilidade. Pesquisar vai além do que entregamos para o campo científico e se estende para a construção de quem somos. Portanto, assim como acredito que nossa individualidade afeta a pesquisa, também acredito que a pesquisa afeta o nosso modo de ser. E esta transformação não se encerra com a entrega de uma dissertação.

Olho para esta pesquisa e vejo que ela não se acaba. Afinal, o próprio objeto que analisamos aqui parece não se estancar. Há novos movimentos, mesmo em um

novo governo, há processos de retomada de circuitos antigos e, até mesmo, elaborações que renderiam novos frutos. Podemos pensar no ataque à democracia feito por apoiadores de Bolsonaro, que rendeu diversas falas do ex-presidente sobre este novo momento. Ou seja, temos em mãos possibilidades de continuidade.

Essa continuidade diz respeito à pesquisa, em desdobramentos futuros, à percepção da contribuição deste trabalho para os estudos de midiatização e imaginário, mas especialmente uma continuidade no propósito de seguir fazendo pesquisa como forma de transformação social. A atorização percebida nesta dissertação não se detém somente a comentários e publicações. Entendo que a midiatização possibilita novas vozes, portanto, nos referimos aqui a uma atorização política que pode, de fato, ser transformadora de imaginários, de sentidos e de realidades.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Emanuella. **Desconstrução da pandemia do coronavírus**: análise dos sentidos nos discursos políticos. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Jornalismo) - Universidade do Sul de Santa Catarina, Palhoça, 2020.
- BEHNKE, Emilly; CARAMURU, Pedro; SOUZA, Matheus de. 'Chega de frescura e mimimi. Vão ficar chorando até quando?', diz Bolsonaro após recorde de mortes por covid. **Estado de S. Paulo**, São Paulo, 04 mar. 2021. Disponível em: <https://saude.estadao.com.br/noticias/geral,chega-de-frescura-e-mimimi-vaio-chorar-ate-quando-diz-bolsonaro-apos-recorde-de-mortos-por-covid,70003636319>. Acesso em: 21 ago. 2021.
- BEHNKE, Emilly. 'Não sou coveiro, tá?', diz Bolsonaro sobre mortos por coronavírus. **Estado de S. Paulo**, São Paulo, 21 abr. 2020. Disponível em: <https://www.estadao.com.br/politica/nao-sou-coveiro-ta-diz-bolsonaro-ao-responder-sobre-mortos-por-coronavirus/>. Acesso em: 16 jun. 2022.
- BOLSONARO: Bandeira só será vermelha se for preciso nosso sangue. **Uol**, São Paulo, 01 jan. 2019. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2019/01/01/bolsonaro-bandeira-so-sera-vermelha-se-for-preciso-nosso-sangue.htm>. Acesso em: 18 out. 2022.
- BOLSONARO leva facada durante ato de campanha em Juiz de Fora. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 06 set. 2018. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/09/bolsonaro-leva-facada-durante-ato-de-campanha-em-juiz-de-fora.shtml>. Acesso em: 20 set. 2022.
- BORELLI, Viviane. Contato entre jornal e leitor muda em função dos dispositivos midiáticos e do processo de midiaticização. **Revista Animus**, Santa Maria, v. 11, p. 73-89, 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/animus/article/view/5667>. Acesso em: 12 fev. 2022.
- BRAGA, José Luiz. Circuitos versus campos sociais. In: MATOS, Maria Ângela; JANOTTI JUNIOR, Jeder; JACKS, Nilda Aparecida (org.). **Mediação e Mdiatização**: Livro Compós 2012. Salvador/Brasília: UFBA/COMPÓS, 2012a. p. 31-52. Disponível em: http://www1.pucminas.br/imagedb/documento/DOC_DSC_NOME_ARQUI20180205111302.pdf. Acesso em: 10 fev. 2022.
- BRAGA, José Luiz. Comunicação, disciplina indiciária. **Matrizes**, São Paulo, v. 1, n. 2, p. 73-88, 2008. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/matrizes/article/download/38193/40936/>. Acesso em: 27 nov. 2021.
- BRAGA, José Luiz. Dispositivos Interacionais. In: BRAGA, José Luiz (org.). **Matrizes Interacionais**: a comunicação constrói a sociedade. Campina Grande: Eduepb, 2017. p. 15-85. Disponível em: <https://books.scielo.org/id/59g2d/pdf/braga-9788578795726.pdf>. Acesso em: 22 fev. 2021.

BRAGA, José Luiz. Lógicas da mídia, lógicas da mediatização? In: FAUSTO NETO, Antônio; ANSELMINO, Natalia Raimondo; GINDIN, Irene Lins (org.). **CIM – Relatos de Investigaciones sobre mediatizaciones**. Rosário: UNR Editora, 2015. p. 15-33. Disponível em: <https://cim.unr.edu.ar/publicaciones/1/libros/86/relatos-de-investigaciones-sobre-mediatizaciones#ver>. Acesso em: 21 mar. 2021.

BRAGA, José Luiz. Polarização como estrutura da intolerância: uma questão comunicacional. In: HELLER, Barbara; CAL, Danila; ROSA, Ana Paula da (org.). **Mediatização, (in) tolerância e reconhecimento**. Salvador: EDUFBA, 2020. p. 19-36. Disponível em: [https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/32180/3/mediatizacao-intolerancia-e-reconhecimento_RI%20\(1\).pdf](https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/32180/3/mediatizacao-intolerancia-e-reconhecimento_RI%20(1).pdf). Acesso em: 30 jan. 2021.

BRÍGIDO, Caroline; GULINO, Daniel. 'Vamos libertar o povo do socialismo e do politicamente correto', diz Bolsonaro. **O Globo**, Brasília, 01 jan. 2019. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/politica/vamos-libertar-povo-do-socialismo-do-politicamente-correto-diz-bolsonaro-23339518>. Acesso em: 19 out. 2022.

CAMPBELL, Joseph. **O Herói de Mil Faces**. São Paulo, Editora Cultrix/Pensamento, 2007.

CAMPOS, Daniela Queiroz. Atlas Mnemosyne – uma nova proposta para a pesquisa visual. **Educação Gráfica**, São Paulo, v. 19, n. 2, p. 50-61, 2015. Disponível em: http://www.educacaografica.inf.br/wp-content/uploads/2015/11/07_ATLAS-MNEMOSYNE-50_61.pdf. Acesso em: 10 out. 2022.

CARLÓN, Mario. Individuos y colectivos en los nuevos estudios sobre circulación. **InMediaciones de la Comunicación**, Montevideo, v. 14, n. 1, p. 27-46, 2019. Disponível em: <https://revistas.ort.edu.uy/inmediaciones-de-la-comunicacion/article/view/2884>. Acesso em: 20 ago. 2021.

CARVALHO, Marco Antônio. No dia em que Bolsonaro fala em 'mimimi', Brasil tem novo recorde na média de óbitos pela covid. **Estado de S. Paulo**, São Paulo, 04 mar, 2021. Disponível em: <https://saude.estadao.com.br/noticias/geral,no-dia-em-que-bolsonaro-fala-em-mimimi-brasil-tem-novo-recorde-na-media-de-obitos-pela-covid,70003636702>. Acesso em: 21 ago. 2021.

CASSIRER, Ernst. **Ensaio Sobre o Homem**. Uma Introdução a uma Filosofia da Cultura Humana. São Paulo: Editora Martins Fontes, 1994.

CINGOLANI, Gastón. Panorama urgente sobre la mediatización de la circulación y algunos de sus estudios. **Rizoma**, Santa Cruz do Sul, v. 6, n. 2, p. 64-75, 2018. Disponível em: <https://online.unisc.br/seer/index.php/rizoma/article/view/12957>. Acesso em: 25 ago. 2021.

COSTA, Leonard Christy Souza. SILVEIRA, Éderson Luís da. Efeito Bolsonaro: anatomia do autoritarismo. In: SILVEIRA, Éderson Luís da (org.). **Os efeitos do autoritarismo: práticas, silenciamentos e resistência (im)possíveis**. São Paulo: Pimenta Cultural, 2018. p. 13-35.

DAMASIO, João da Silva Neto. **O caso dos museus espíritas: Iconicidade do imaginário na midiatização.** Tese (Doutorado em Comunicação) - Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2022.

DAMASIO, João da Silva Neto; ROSA, Ana Paula da. Uma genealogia do uso de pranchas de imagens em circulação. In: **XV Seminário Internacional de Mídia, Cultura, Cidadania e Informação (Semic).** Goiânia: UFG, 2021, p. 1-16.

DAVIS, Pamella Ribeiro. **A pandemia no Brasil de Jair Bolsonaro: sentidos e discursos na cobertura do jornal francês Le Monde.** 2022. 59 f. Monografia (Graduação em Jornalismo) - Instituto de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Federal de Ouro Preto, Ouro Preto, 2022.

DELEUZE, Gilles. **Lógica do sentido.** São Paulo: Perspectiva, 1974.

DURAND, Gilbert. **A imaginação simbólica.** São Paulo: Cultrix, 1989.

DURAND, Gilbert. **As estruturas antropológicas do imaginário.** São Paulo: Martins Fontes, 2002.

DURAND, Gilbert. O retorno do mito: introdução à metodologia. Mitos e sociedades. **Revista FAMECOS**, Porto Alegre, n. 23, p. 7-22, 2004. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/3246>. Acesso em: 10 set. 2022.

ELIADE, Mircea. **Imagens e símbolos.** Lisboa: Editora Arcádia, 1979.

EM pior momento da pandemia, Bolsonaro critica 'mimimi' e diz que brasileiro tem que enfrentar vírus. **BBC News Brasil**, São Paulo, 04 mar. 2021. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-56287135>. Acesso em: 20 ago. 2021.

EU não sou coveiro", diz Bolsonaro sobre número de mortes por covid-19. **Uol**, Brasília, 20 abr. 2020. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2020/04/20/eu-nao-sou-coveiro-diz-bolsonaro-sobre-numero-de-mortes-por-covid-19.htm>. Acesso em: 20 jun. 2022.

FAUSTO NETO, Antônio. Circulação: trajetos conceituais. **Rizoma**, Santa Cruz do Sul, v. 6, n. 2, p. 8-40, 2018. Disponível em: <https://online.unisc.br/seer/index.php/rizoma/article/view/13004>. Acesso em: 15 set. 2021.

FAUSTO NETO, Antônio. Como as linguagens afetam e são afetadas na circulação?. In: BRAGA, José Luiz; FAUSTO NETO, Antônio; FERREIRA, Jairo; GOMES, Pedro Gilberto (org.). **10 perguntas para a produção de conhecimento em comunicação.** São Leopoldo: Unisinos, 2013. p. 45-65. Disponível em: <https://www.midiaticom.org/files/10perguntascomunicacao.pdf>. Acesso em: 15 mar. 2022.

FAUSTO NETO, Antônio. Coronavírus - Sentidos em Circulação: do laboratório às discursividades sociais. **Revista Latinoamericana de ciencias de la comunicación**, v. 19, n. 35, 2020. p.61-71 Disponível em: <<http://revista.pubalaic.org/index.php/alaic/article/view/1762/0>>. Acesso em: 01 mar. 2021.

FAUSTO NETO, Antônio. Fragmentos de uma “analítica” da midiatização. **Matrizes**, São Paulo, v. 1, n. 2, p. 89-105, 2008. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/matrizes/article/view/38194/40938>. Acesso em: 06 set. 2021.

FAUSTO, NETO. Antônio. O discurso político entre recusas e controles das estratégias enunciativas midiáticas: observações sobre a midiatização da campanha eleitoral de 2006. **Revista Galáxia**, São Paulo, n. 11, p. 143-165, 2006. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/galaxia/article/view/1438>. Acesso em: 10 set. 2022.

FERNANDES, Maria Cristina; ARAÚJO, Carla; AGOSTINE, Cristiane. 'Nossa bandeira jamais será vermelha', afirma Bolsonaro na posse. **Valor Econômico**, Brasília, 01 jan. 2019. Disponível em: <https://valor.globo.com/politica/noticia/2019/01/01/nossa-bandeira-jamais-sera-vermelha-afirma-bolsonaro-na-posse.ghtml>. Acesso em: 20 out. 2022.

FERREIRA, Jairo. Como a circulação direciona os dispositivos, indivíduos e instituições? In: BRAGA, José Luiz; FAUSTO NETO, Antônio; FERREIRA, Jairo; GOMES, Pedro Gilberto (org.). **10 Perguntas para a produção de conhecimento em comunicação**. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2013. p. 145-160. Disponível em: <https://www.midiaticom.org/files/10perguntascomunicacao.pdf>. Acesso em: 15 mar. 2022.

FLUSSER, Vilém. **O Mundo Codificado**. São Paulo: Editora Cosac Naify, 2007.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. 3. ed. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

FREITAS, Ernani Cesar de; ANTUNES JUNIOR, Fernando Simões; BOAVENTURA, Luis Henrique. O rei e o bobo da corte: cenografia, *ethos* e arquétipos no discurso presidencial. **Revista Galáxia**, São Paulo, v. 47, p. 1-25, 2022. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/galaxia/article/view/54761>. Acesso em: 06 jan. 2023.

FRIGO, Diosana. **Circulação de sentidos e a memória da ditadura civil-militar no acontecimento “o voto de Jair Bolsonaro” no impeachment de Dilma Rousseff**. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2018.

GALVANI, Giovanna; VINHAL, Gabriela. Bolsonaro puxa coro de imbrochável e compara mulheres: 'Procurem princesa'. **Uol**, São Paulo, 07 set. 2022. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/eleicoes/2022/09/07/bolsonaro-puxa-coro-de-imbroxavel-e-compara-mulheres-michelle-e-princesa.htm>. Acesso em: 16 out. 2022.

GOMES, Pedro Gilberto. **Dos meios à midiatização**: um conceito em evolução. São Leopoldo: UNISINOS, 2016.

GOMES, Pedro Gilberto. Midiatização: um conceito, múltiplas vozes. In: FAUSTO NETO, Antônio; ANSELMINO, Natalia Raimondo; GINDIN, Irene Lins (org.). **CIM – Relatos de Investigaciones sobre Mediatizaciones**. Rosario: UNR, 2015. p. 33-54. Disponível em: <https://cim.unr.edu.ar/publicaciones/1/libros/86/relatos-de-investigaciones-sobre-mediatizaciones#ver>. Acesso em: 20 mar. 2020.

GOMES, Pedro Henrique. 'Não sou coveiro, tá?', diz Bolsonaro ao responder sobre mortos por coronavírus. **G1**, Brasília, 20 abr. 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/04/20/nao-sou-coveiro-ta-diz-bolsonaro-ao-responder-sobre-mortos-por-coronavirus.ghtml>. Acesso em: 15 jun. 2022.

HJARVARD, Stig. The Mediatization of Society: A Theory of the Media as Agents of Social and Cultural Change. **Nordicom Review**, v. 29, n. 2, p. 105-134, 2008. Disponível em: https://www.nordicom.gu.se/sites/default/files/kapitel-pdf/269_hjarvard.pdf. Acesso em: 01 ago. 2021.

JAIR Bolsonaro leva facada durante ato de campanha em Juiz de Fora. **G1**, Juiz de Fora, 06 set. 2018. Disponível em: <https://g1.globo.com/mg/zona-da-mata/noticia/2018/09/06/ato-de-campanha-de-bolsonaro-em-juiz-de-fora-e-interrompido-apos-tumulto.ghtml>. Acesso em: 20 out. 2022.

KAMPER, Dietmar. **Mudança de Horizonte**: O sol novo a cada dia. São Paulo: Paulus, 2018.

LIVINGSTONE, Sonia; LUNT, Peter. Mediatization: an emerging paradigm for media and communication studies. **Mediatization of Communication: Handbooks of Communication Science**, vol. 2, p. 703-723, 2016. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/306128582_Mediatization_An_emerging_paradigm_for_media_and_communication_research. Acesso em: 15 ago. 2021.

MAIA, Gustavo; AMARAL, Luciana; PRAZERES, Leandro. Bolsonaro leva facada em ato de campanha em Juiz de Fora (MG). **Uol**, Brasília, 06 set. 2018. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/politica/eleicoes/2018/noticias/2018/09/06/bolsonaro-em-juiz-de-fora.htm>. Acesso em: 18 out. 2022.

MAIA, Lídia Raquel Herculano. A midiatização da política: entre as perspectivas institucionalista e socioconstrutivista. **Anais de Artigos do Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais**, v. 1, n. 4, 2020. Disponível em: <https://midiaticom.org/anais/index.php/seminario-mediatizacao-artigos/article/view/1323>. Acesso em: 16 out. 2022.

MARTINS, Vanessa. 'Chega de frescura, de mimimi. Vão ficar chorando até quando?', diz Bolsonaro ao criticar medidas de restrição em meio a recorde de mortes por Covid-19. **G1**, Goiás, 04 mar. 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/go/goias/noticia/2021/03/04/bolsonaro-chega-a-sao-simao-para-inauguracao-de-trecho-da-ferrovia-norte-sul.ghtml>. Acesso em: 20 ago. 2021.

MATTANA, Bruna. **Os rastros em trânsito: disputas de sentido nos processos de apropriação e reapropriação dos discursos do Papa Francisco**. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2020.

MILANI, Tatiane. **Agonística expressa em circulação: O Papa Francisco como articulador de sentidos**. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2019.

MORATELLI, Valmir. No dia do 'Independência ou morte', Bolsonaro dá grito de 'imbrochável'. **Veja**, São Paulo, 07 set. 2022. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/coluna/veja-gente/no-dia-do-independencia-ou-morte-bolsonaro-da-grito-de-imbrochavel/>. Acesso em: 15 out. 2022.

MOTTA, Luiz Gonzaga; COSTA, Gustavo Borges; LIMA, Jorge Augusto. Notícia e construção de sentidos: análise da narrativa jornalística. **Intercom**, v. 27, n. 2, jul./dez. 2004. Disponível em: <http://www.portcom.intercom.org.br/revistas/index.php/revistaintercom/article/viewArticle/1067>. Acesso em: 01 ago. 2021.

MOTTA, Luiz Gonzaga. O jogo entre intencionalidades e reconhecimentos: pragmática jornalística e construção de sentidos. **Comunicação e Espaço Público**, Brasília, ano 6, n. 1/2, p. 7-38, 2003. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/12249>. Acesso em: 07 ago. 2021.

OLIVEIRA, Danielle Naves de. Mudança de horizonte: Dietmar Kamper, um herege na cruzada do imaginário. **Esferas**, n. 4, 2014. Disponível em: <https://portalrevistas.ucb.br/index.php/esf/article/view/5249>. Acesso em: 10 set. 2022.

PARAGUASSU, Lisandra. Chega de frescura e mimimi, diz Bolsonaro sobre medidas para combater a Covid-19. **Uol**, Brasília, 04 mar. 2021. Disponível em: <https://economia.uol.com.br/noticias/reuters/2021/03/04/chega-de-frescura-e-mimimi-diz-bolsonaro-sobre-medidas-para-combater-a-covid-19.htm>. Acesso em: 20 ago. 2021.

PARAGUASSU, Lisandra. Nossa bandeira só será vermelha se for preciso sangue para mantê-la verde e amarela, diz Bolsonaro. **Extra**, Rio de Janeiro, 01 jan. 2019. Disponível em: <https://extra.globo.com/noticias/brasil/nossa-bandeira-so-sera-vermelha-se-for-preciso-sangue-para-mante-la-verde-amarela-diz-bolsonaro-23339621.html>. Acesso em: 19 out. 2022.

POLÍTICOS repercutem o 'imbrochável' de Bolsonaro: 'patético'. **Ig**, São Paulo, 07 set. 2022. Disponível em: <https://ultimosegundo.ig.com.br/politica/2022-09-07/politicos-repercutem-o-imbrochavel-de-bolsonaro--patetico.html>. Acesso em: 17 out. 2022.

ROSA, Ana Paula da. A imagem em circulação: estilizando o olhar e a memória. In: FERREIRA, Jairo; FAUSTO NETO, Antônio; GOMES, Pedro Gilberto (org.). **Mediatização, polarização e intolerância (entre ambientes, meios e circulação)**.

Santa Maria: UFSM, 2020, p. 187-208. Disponível em: <https://www.midiaticom.org/files/midiatizacao-polorizacao-intolerancia.pdf>. Acesso em: 10 out. 2022.

ROSA, Ana Paula da. Circulação: das múltiplas perspectivas de valor à valorização do visível. **Intercom**: Revista Brasileira de Ciências da Comunicação, São Paulo, v. 42, n. 2, p. 21-33, 2019. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1809-58442019000200021&script=sci_arttext. Acesso em: 30 set. 2021.

ROSA, Ana Paula da. **Imagens em Proliferação: a circulação como espaço de valor**. Japaratinga: anais do V Colóquio Semiótica das mídias – Centro Internacional de Semiótica e Comunicação, 2016. Disponível em: http://ciseco.org.br/anaisdocoloquio/images/csm5/CSM5_AnaPaulaRosa.pdf. Acesso em: 01 mar. 2021.

ROSA, Ana Paula da. BIANCO, Erica Cristina V. Mito do complô: embates de sentido na circulação de boatos sobre fraude eleitoral. **Esferas**, Brasília, v. 2, n. 24, 2022. Disponível em: <https://portalrevistas.ucb.br/index.php/esf/article/view/13817>. Acesso em: 10 out. 2022.

ROSA, Ana Paula da. Visibilidade em fluxo: os níveis de circulação e apropriação midiática das imagens. **Interin**, Curitiba, v. 21, n. 2, p. 60-81, 2016. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/5044/504454374005.pdf>. Acesso em: 01 ago. 2021.

ROSA, Bianca da. **Estratégias de construções jornalísticas Lava Jato e Vaza Jato**. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2021.

ROSA, João Guimarães. **Grande Sertão: Veredas**. São Paulo: Editora Nova Aguilar, 1994.

RUIZ, Castor M. M. Bartolomé. **Os paradoxos do imaginário**. Editora Unisinos: São Leopoldo, 2003.

SALDANÃ, Paulo. 'Não sou coveiro', diz Bolsonaro sobre qual seria número aceitável de mortes por coronavírus. **Folha de S.Paulo**, Brasília, 20 abr. 2020. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2020/04/nao-sou-coveiro-diz-bolsonaro-sobre-qual-seria-numero-aceitavel-de-mortes-por-coronavirus.shtml>. Acesso em: 15 jun. 2022.

SCHERER-WARREN, Ilse. Manifestações de rua no Brasil 2013: encontros e desencontros na política. **Caderno CRH** [online], v. 27, n. 71. p. 417-429, 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-49792014000200012>. Acesso em: 21 ago. 2022.

SCHULZ, Winfried. Reconstructing Mediatization as an Analytical Concept. **European Journal of Communication**, v. 19, p. 87-101, 2004. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/0267323104040696>. Acesso em: 12 ago. 2021.

SENRA, Ricardo. Imbrochável? 'Discurso hipersexualizado de Bolsonaro é típico da masculinidade frágil', diz psicanalista. **BBC News**, Londres, 07 set. 2022. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-62795997>. Acesso em: 17 out. 2022.

SIGAL, Sílvia; VERÓN, Eliseo. **Perón o muerte**: los fundamentos discursivos del fenómeno peronista. Buenos Aires: Hispamérica, 1988.

SILVA, Mauricio Ribeiro da. **Imagem e Verticalidade**: comunicação, cidade e cultura na “órbita do imaginário”. Tese (Doutorado em Comunicação e Semiótica) - Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2007.

SILVA, Mauricio Ribeiro da. O eclipse do imaginário: imaginário instrumental e redução da potência imaginativa das imagens. **Matrizes**, São Paulo, v. 14, n. 2, p. 119-141, 2020. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/matrizes/article/view/163967>. Acesso em: 10 out. 2022.

SODRÉ, Muniz. **Antropológica do espelho**. Petrópolis: Vozes, 2002.

STRÖMBÄCK, Jesper. Four phases of mediatization: An Analysis of the mediatization of politics. **International Journal of Press/Politics**, v.13, n.3, p. 228-46, 2008. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/1940161208319097>. Acesso em: 20 jun. 2022.

TOLEDO, Marcelo; CICCI, Cláudio Luís. 'Chega de frescura e mimimi, vão chorar até quando?', diz Bolsonaro sobre pandemia. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 04 mar. 2021. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2021/03/chega-de-frescura-e-mimimi-vao-chorar-ate-quando-diz-bolsonaro-sobre-pandemia.shtml>. Acesso em: 21 ago. 2021.

VAMOS chorar até quando?', diz Bolsonaro ao elogiar agricultores. **R7**, Brasília, 04 mar. 2021. Disponível em: <https://noticias.r7.com/brasil/vamos-chorar-ate-quando-diz-bolsonaro-ao-elogiar-agricultores-04032021>. Acesso em: 21 ago. 2021.

VERÓN, Eliseo. **A produção do sentido**. São Paulo: Cultrix, 1980.

VERÓN, Eliseo. Esquema para el analisis de la mediatización. **Diálogos**, Lima, n. 48, p. 9-17, 1997. Disponível em: https://comycult.files.wordpress.com/2014/04/veron_esquema_para_el_analisis_de_la_mediatizacion.pdf. Acesso em: 27 jun. 2021.

VERÓN, Eliseo. **Fragmentos de um tecido**. São Leopoldo: Unisinos, 2004.

VERÓN, Eliseo. **La Semiosis social 2**. Ideas, momentos, interpretantes. Buenos Aires: Paidós-Planeta, 2013.

VÍDEOS mostram momento em que Bolsonaro leva facada em Juiz de Fora. **Veja**, São Paulo, 06 set. 2018. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/politica/videos-mostram-momento-em-que-bolsonaro-leva-facada-em-juiz-de-fora/>. Acesso em: 20 out. 2022.

XAVIER, Mariana Ramalho Procópio; VIEIRA FILHO, Maurício João. Conservadorismo acima de tudo e de todos: imaginários sociodiscursivos nos discursos de posse presidencial de 2019. **Revista Mídia e Cotidiano**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 3, p. 97-117, 2020. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/midiaecotidiano/article/view/43167/26175>. Acesso em: 02 abr. 2021.

WESCHENFELDER, Aline. Estudo de caso midiaticizado: estratégia metodológica em pesquisas no contexto da midiaticização. **Anais de Artigos do Seminário Internacional de Pesquisas em Midiaticização e Processos Sociais**, [S.l.], v. 1, n. 4, abr. 2021. ISSN 2675-4290. Disponível em: <https://midiaticom.org/anais/index.php/seminario-midiaticizacao-artigos/article/view/1354>. Acesso em: 19 jul. 2021.

WESCHENFELDER, Aline. **Manifestações da midiaticização, transformação dos atores sociais em produção e recepção**: o caso Camila Coelho. Tese (Doutorado em Comunicação) - Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2019.

WUNENBURGER, Jean-Jacques. A árvore de imagens. **Intexto**, Porto Alegre, n. 41, p. 58-69, 2018. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/intexto/article/view/77402>. Acesso em: 20 set. 2021.

YIN, Robert. **Estudo de caso**: planejamento e métodos. Porto Alegre: Bookman, 2010.